

**CLEBER JOSÉ ALÓ DE MORAES**

**TORNANDO-SE PAI: NARRATIVAS DE CASAIS  
GRÁVIDOS SOBRE A TRANSIÇÃO PARA A  
PATERNIDADE**

**PUC-CAMPINAS**

**2017**

**CLEBER JOSÉ ALÓ DE MORAES**

**TORNANDO-SE PAI: NARRATIVAS DE CASAIS  
GRÁVIDOS SOBRE A TRANSIÇÃO PARA A  
PATERNIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tania Mara Marques Granato

**PUC-CAMPINAS**

**2017**

Ficha Catalográfica  
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e  
Informação - SBI - PUC-Campinas

t346.0175 Moraes, Cleber José Aló de.  
M827e Tomando-se pai: narrativas de casais grávidos sobre a transição  
para a paternidade / Cleber José Aló de Moraes. – Campinas: PUC-  
Campinas, 2017.  
176p.

Orientadora: Tania Mara Marques Granato

Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas,  
Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.  
Inclui anexo e bibliografia.

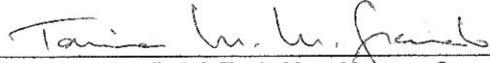
1. Paternidade. 2. Maternidade. 3. Comportamento humano. 4.  
Mudanças de vida. I. Granato, Tania Mara Marques. II. Pontifícia  
Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida.

Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

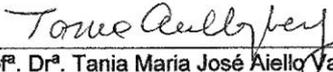
**CLEBER JOSÉ ALÓ DE MORAES**

**TORNANDO-SE PAI: NARRATIVAS DE CASAIS  
GRÁVIDOS SOBRE A TRANSIÇÃO PARA A  
PATERNIDADE**

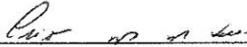
**BANCA EXAMINADORA**



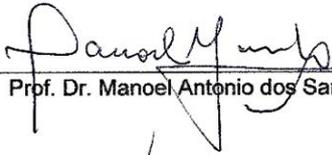
Presidente Profª. Drª. Tania Mara Marques Granato



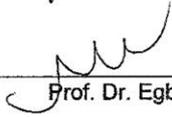
Profª. Drª. Tania Maria José Aiello Vaisberg



Profª. Drª. Cristiane Maretti Marangoni Valli



Prof. Dr. Manoel Antonio dos Santos



Prof. Dr. Egberto Ribeiro Turato

**PUC-CAMPINAS  
2017**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao final deste percurso, é preciso agradecer. Agradecer as conquistas, o apoio, a confiança e todo o crescimento decorrente do processo de aprendizagem que um doutorado propicia. Sementes que frutificaram em novos caminhos abertos.

Quero agradecer a tantos que me auxiliaram ao longo desta trajetória. Sem eles, as dificuldades no caminhar poderiam ter me sobrepujado. Com eles, cada passo se tornou um pouco mais leve.

Sem orientação, o caminho de uma Tese é impossível. A Dra. Tania Maria Marques Granato, minha especial gratidão por sua imensa ajuda e parceria, desde o mestrado, sempre acreditando em meu potencial a ser desenvolvido. Agradeço também a Dra. Tania Aiello-Vaisberg e ao Dr. Manoel Antonio dos Santos pelas preciosas sugestões dadas na banca de qualificação.

Sem raízes, nenhuma árvore permanece ao longo do tempo. Aos meus pais, Ismael e Nilza (in memoriam), que me apresentaram o mundo como um lugar bom e me deram suporte para que nunca perdesse a esperança.

Sem companheirismo, o caminhar é árduo e solitário. A Nivia, minha esposa, que me sustentou com seu amor nesta empreita, e as minhas filhas, Ana Clara e Mariana, que abriram mão do papai em muitos finais de semana, meu amor cada dia maior por todas vocês.

Sem parcerias, um projeto não é viável. A todos em meu grupo de pesquisas, Michele Aching, Mariana Biffi, Marina Autuori, Sofia Bonfatti e Vivian Pekny, pelas ideias e reflexões que me deram ao longo destes anos, meu muito obrigado.

Sem nutrientes, uma árvore não cresce. Agradecimento especial a Antonio Carlos Kleis e Sonia Moura por cuidarem de mim neste tempo, me permitindo ser uma pessoa mais íntegra e inteira.

Sem pertencimento, somos vozes isoladas. Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, a todos os docentes, e também as secretárias, agradeço imensamente, bem como à CAPES, que financiou esta pesquisa.

**SUMÁRIO**

<b>RESUMO</b>	<b>vi</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>vii</b>
<b>RESÚMEN</b>	<b>viii</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>4</b>
<b>2. OBJETIVO</b>	<b>28</b>
<b>3. METODOLOGIA</b>	<b>30</b>
<b>3.1. O Método Qualitativo</b>	<b>31</b>
<b>3.2. Pesquisa Narrativa</b>	<b>34</b>
<b>3.3. Narrativa e Psicanálise</b>	<b>37</b>
<b>3.4. Narrativa Interativa</b>	<b>40</b>
<b>3.5. Participantes</b>	<b>41</b>
<b>3.6. Procedimento</b>	<b>42</b>
<b>3.7. Análise das Narrativas</b>	<b>45</b>
<b>4. RESULTADOS</b>	<b>47</b>
<b>4.1. Casal 1</b>	<b>48</b>
<b>4.2. Casal 2</b>	<b>62</b>
<b>4.3. Casal 3</b>	<b>77</b>
<b>4.4. Casal 4</b>	<b>88</b>
<b>4.5. Casal 5</b>	<b>104</b>
<b>4.6. Casal 6</b>	<b>116</b>
<b>5. DISCUSSÃO</b>	<b>130</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>151</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	<b>154</b>
<b>8. ANEXOS</b>	<b>170</b>

## RESUMO

Moraes, C. J. A. (2017). *Tornando-se pai: narrativas de casais grávidos sobre a transição para a paternidade*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

As noções de paternidade e maternidade passam por transformações acentuadas na sociedade contemporânea. A transição para a paternidade se revela como um período de expressivas mudanças no homem, que alteram sua percepção de si mesmo e do mundo de maneira profunda. Este trabalho investiga a experiência de transição para a paternidade em homens que se tornam pais pela primeira vez. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto a cada um dos seis casais participantes desta pesquisa, em três momentos distintos: ao final da gravidez, no primeiro mês após o parto e aos seis meses de vida do bebê. Na primeira entrevista, utilizou-se como recurso dialógico a Narrativa Interativa, que consiste em uma história fictícia, desenvolvida previamente pelo pesquisador, que apresenta o tema a ser investigado, mas que se interrompe em algum momento da trama, permitindo que os participantes finalizem a história como desejarem. Os registros das entrevistas foram realizados pelo pesquisador após o término de cada uma delas, e posteriormente transformados em narrativas transferenciais. O material produzido sobre a transição para a paternidade foi discutido à luz do pensamento psicanalítico e de autores contemporâneos com produção científica nesta temática, emergindo o argumento de que o cuidado parental pode ser exercido tanto por homens quanto por mulheres, que se disponham de maneira saudável a uma adaptação ativa às necessidades do bebê. Como produto final do processo reflexivo, apresenta a proposta da ampliação do conceito winnicottiano de *preocupação materna primária* para *preocupação parental primária*.

Palavras-chave: Paternidade, mudança, experiências de vida, contemporaneidade (lugar do pai), Narrativa Interativa, psicanálise.

## ABSTRACT

Moraes, C. J. A. (2017). *Becoming a father: pregnant couples narratives on the transition to fatherhood*. Doctorate Thesis, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

The notions of paternity and maternity undergo sharp transformations in contemporary society. The transition to fatherhood reveals itself as a period of significant changes in man, which alter his perception of himself and the world in a profound way. This paper investigates the experience of transition to fatherhood in first time fathers. Semi-structured interviews were carried out with each of the six couples participating in this study, in three different moments: at the end of pregnancy, in the first month after childbirth and at six months of the baby's life. In the first interview, the Interactive Narrative was used as a dialogical resource, which consists of a fictitious story, previously developed by the researcher, which presents the subject to be investigated, but which is interrupted at some point in the plot, allowing participants to finalize the story as they wish. The interview records were made by the researcher after the end of each one, and later transformed into transference narratives. The material produced on the transition to fatherhood was discussed in the light of psychoanalytic thinking and contemporary authors with scientific production on this subject, and the argument arises that parental care can be exercised by both men and women, who are available in a healthy way to an active adaptation to the baby's needs. As the final product of the reflexive process, it presents the proposal to extend the Winnicottian concept of primary maternal concern to primary parental concern.

Keywords: Fatherhood, change, life experiences, contemporary (father's place), Interactive Narrative, psychoanalysis.

## RESÚMEN

Moraes, C. J. A. (2017). *Convertirse en padre: narrativas de parejas embarazadas sobre la transición a la paternidad*. Tesis de Doctorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Las nociones de paternidad y maternidad experimentan cambios bruscos en la sociedad contemporánea. La transición a la paternidad se revela como un período de cambios significativos en el hombre que alteran su percepción de sí mismo y el mundo de manera profunda. Este trabajo investiga la experiencia de transición para la paternidad en los hombres que se convierten en padres por primera vez. Las entrevistas semiestructuradas se llevaron a cabo con cada una de las seis parejas participantes en este estudio, en tres momentos diferentes: al final del embarazo, en el primer mes después del nacimiento y los seis meses de vida del bebé. En la primera entrevista se utilizó como recurso dialógico la narrativa interactiva, que consiste en una historia de ficción, previamente elaborado por el investigador, quien presentó el tema a ser investigado, pero que se detiene en algún momento de la trama, lo que permite a los participantes que finalicen la historia como lo deseen. Los registros de las entrevistas se llevaron a cabo por el investigador, después del final de cada uno, y luego fueron transformadas en narrativas transferenciales. El material producido en la transición a la paternidad se examinó a luz del pensamiento psicoanalítico y de los autores contemporáneos con producción científica sobre este tema, emergiendo el argumento de que el cuidado de sus padres puede ser ejercida por los hombres y mujeres, que están dispuestos de forma saludable a una adaptación activa a las necesidades del bebé. Como producto final del proceso de reflexión, se presenta la propuesta de ampliación del concepto de Winnicott llamado preocupación maternal primaria para preocupación parental primaria.

Palabras-clave: Paternidad, cambio, experiências de vida, contemporaneidade (lugar del padre), Narrativa Interactiva, psychoanalysis.

## **APRESENTAÇÃO**

---

A presente pesquisa investiga a experiência de transição para a paternidade em casais grávidos pela primeira vez, partindo da premissa de que as novas configurações familiares, bem como os atuais contextos social, cultural, político e econômico, podem trazer diferentes transformações no pai, se comparados ao pai do fim do século XX.

Tais mudanças se afinam com o surgimento de novos termos, como é o caso do conceito de parentalidade, criado originalmente por Therese Benedek (1959), para descrever o processo psicológico de desenvolvimento emocional do adulto, pelo qual ele se torna pai ou mãe.

Nos anos 60 Paul Claude Racamier, psicanalista e psiquiatra, propõe o termo *parentalité* (parentalidade), usado inicialmente no campo das patologias e das psicoses puerperais, para designar problemas precoces na relação inicial entre as mães e seus bebês. O termo permanece restrito às psicopatologias até os anos 80 (Brasileiro, Jablonski & Feres-Carneiro, 2002), quando René Clement (1985) e posteriormente Serge Lebovici (1993) o modificam, utilizando o termo parentalidade para designar o processo psicológico saudável pelo qual nos tornamos pais.

A parentalidade se dá através de um complexo processo de elaboração das experiências presentes e da herança afetiva, numa trama afetiva multifacetada que envolve elementos do passado e do presente, internos e externos, e que propiciam transformações significativas no psiquismo.

A parentalidade tem sido objeto de estudo no Brasil e no mundo, com maiores desdobramentos nos estudos sobre a maternidade, sendo o interesse pela paternidade crescente apenas a partir dos anos 80 (Genesoni & Tallandini, 2009). Porém, hoje os estudos sobre o processo de tornar-se pai ainda são raros. Este estudo se debruça sobre a lacuna existente de estudos longitudinais nesta temática, buscando produzir conhecimento científico que fundamente ações psicoprofiláticas ou psicoterapêuticas, e que sirva como referência aos profissionais que atuam nos serviços de atenção à saúde das famílias.

Esta tese está organizada em seis capítulos. A **Introdução** apresenta uma revisão integrativa de literatura nacional e internacional sobre a temática da transição para a paternidade, contemplando a produção científica dos últimos dez anos e agrupando didaticamente os achados em quatro campos inter-

relacionados às transformações vivenciadas pelo homem durante o processo de tornar-se pai.

O segundo capítulo explicita nosso **Objetivo** para, em seguida, no capítulo terceiro que versa sobre a **Metodologia**, aclarar os passos utilizados nesta pesquisa, que envolveu seis casais, sendo realizadas três entrevistas com cada casal.

Na sequência, o capítulo intitulado **Resultados** apresenta o material narrativo construído a partir das entrevistas com estes casais, acrescidos de associações livres, percepções e reflexões do pesquisador.

Por sua vez, o capítulo **Discussão** evidencia a interlocução das narrativas apresentadas com o pensamento psicanalítico e com diversos autores contemporâneos com produção científica sobre a transição para a paternidade, dando força ao argumento, fruto de nosso processo reflexivo, de que o cuidado parental pode ser exercido tanto por homens quanto por mulheres, que, de maneira saudável, se disponham a uma adaptação ativa às necessidades do bebê.

Por fim, as **Considerações Finais** procuram atualizar um aspecto ímpar da teoria winnicottiana, a saber, a preocupação materna primária, ampliando-o de modo a não ficar atrelado ou sujeito a um sexo específico ou gênero. Propomos, como produto final desta jornada, o conceito de preocupação parental primária.

## **INTRODUÇÃO**

---

## **Tornando-se pai: uma revisão integrativa da literatura sobre a transição para a paternidade<sup>1</sup>**

### **Resumo**

Este estudo tem como objetivo realizar uma revisão integrativa de artigos nacionais e internacionais sobre o tema da transição para a paternidade publicados entre 2006 e 2016. Foram consultadas as bases de dados EBSCO, PsycINFO, SciELO Regional e PEPSIC, resultando na seleção de 37 artigos indexados, que foram analisados em relação ao ano de publicação, ao país em que foram produzidos, à temática investigada, à metodologia adotada, e seus principais resultados. Os resultados foram organizados em quatro grandes grupos, intitulados: “o pai consigo mesmo”, “o pai, a mãe e o bebê”, “o pai e a rede de apoio formal” e “o pai, o trabalho e a sociedade”. No grupo “o pai consigo mesmo”, destaca-se a vivência da paternidade como uma revolução interna, acompanhada de intensa sobrecarga emocional, ambivalência, solidão e idealização da relação pai-bebê. O grupo “o pai, a mãe e o bebê” aborda a transformação na vida conjugal, onde o pai tende a ser mais ativo na relação com o bebê, porém modulado pela presença materna. No grupo “o pai, o trabalho e a sociedade”, percebemos a falta de preparo dos profissionais para lidar com as demandas paternas, bem como a inexistência de políticas sociais e de saúde voltadas à relação pai-bebê. E, finalmente, no grupo “o pai, o trabalho e a sociedade”, destacamos o uso de redes informais de apoio e o surgimento de modelos horizontais de identificação paterna. Foram discutidas tendências e hiatos nas pesquisas atuais no campo da transição para a paternidade, no sentido da constituição de um novo pai.

**Palavras-Chave:** Paternidade; revisão de literatura; contemporaneidade.

---

<sup>1</sup> O presente capítulo é uma versão ampliada do artigo publicado em 2016 no periódico científico *Psicologia em Estudo*, em seu volume 21, número 4.

Dentre as transformações por que passa a sociedade ocidental contemporânea destacamos aquelas que se referem à estrutura familiar. A noção de família estendida, composta por pais, filhos, tios, primos e avós em convivência mais estreita, já não se sustenta na contemporaneidade. Além das mudanças estruturais nas configurações familiares, os papéis que cada membro exerce dentro da dinâmica familiar estão em profunda transformação (Genesoni & Tallandini, 2009). Há que se considerar que concepções sobre a conjugalidade, paternidade e maternidade, bem com as práticas que lhe são decorrentes, são moduladas tanto pelas experiências afetivas de cada indivíduo como por expectativas culturais e sociais (Eerola, 2014), formando um amálgama muitas vezes contraditório, mas certamente polissêmico (Fägerskiöld, 2008). Parece não haver mais um padrão ou modelo a ser seguido, mas papéis e identidades múltiplas que se justapõem e se intercambiam, ainda em processo de constituição.

As mudanças culturais e sociais iniciadas no século XX, dentre elas o feminismo e a conseqüente inserção da mulher no mercado de trabalho, a globalização do mercado e das informações, e a defesa política da igualdade de gêneros, criam novas expectativas quanto ao papel do pai, antes encarregado do sustento financeiro do lar (Eerola & Huttunen, 2011). Hoje se espera do pai um maior envolvimento afetivo e efetivo com seus filhos, o qual passa a compartilhar as tarefas domésticas e o cuidado infantil, e a dividir-se entre as demandas do lar e do trabalho, delineando-se toda uma “cultura do pai” (Lamb, 1997; Pleck, 2004). Observa-se também o surgimento de estudos sobre “o novo pai” que buscam redefinir o papel atual do pai na família e no mundo, partindo do pressuposto de que o mundo, as sociedades, as famílias e, conseqüentemente, os pais estão em processo de complexa reelaboração de identidades e condutas, a partir da qual surgirão formas diferenciadas de exercício e experiência da paternidade (Krob, Piccinini & Silva, 2009; Palkovitz, 2002). O pai, à semelhança do bebê, está em contínuo processo de desenvolvimento, construindo-se como homem e cuidador (Cabrera et al., 2009).

Embora a parentalidade se organize como construção social, admitindo variações culturais, observa-se um núcleo de cuidados comuns que parece se manter, tais como o cuidado físico do bebê, o fornecimento de um suporte afetivo e a provisão econômica à família, enquanto a figura parental que vai se ocupar

dessas funções pode variar (Oliveira, 2012). Tomando a provisão econômica da família como exemplo desta oscilação, observamos famílias que se organizam em torno da figura paterna como único provedor financeiro, outras em que a mãe desempenha esta função, e ainda a situação em que a provisão material é compartilhada pelo casal.

No que se refere aos estudos sobre a paternidade, diante da demanda social de participação efetiva e afetiva do homem na família, reaproximando-o do cuidado diário com os filhos (Pleck, 2004), observa-se um aumento de pesquisas a partir da década de 80. Entretanto, o que observamos na clínica é que tais transformações no exercício da paternidade sofrem um atraso em relação à velocidade com que estas mudanças são socialmente esperadas e veiculadas na academia e nas diversas mídias de comunicação.

Ainda no âmbito das pesquisas sobre a paternidade, observamos um hiato no que se refere ao tema da transição para a paternidade (Krob, Piccinini & Silva, 2009), enquanto é vasta a literatura científica sobre a transição para a maternidade. Tradicionalmente relegado a um papel secundário, o pai só seria efetivamente percebido pelo bebê meses depois de seu nascimento, o que justificaria uma maior ênfase dos estudos na relação inicial mãe-bebê. Entretanto, estudos recentes apontam que o bebê desde muito cedo percebe a presença paterna como diferente da materna e que sua presença como sujeito ativo na relação com o bebê abre maiores possibilidades de saúde mental para os filhos (McKenzie & Carter, 2013). Bornholdt, Wagner e Staut (2007) sugerem que uma satisfatória transição para a paternidade promove o fortalecimento do vínculo com a esposa e, conseqüentemente, do suporte dado a ela, condição que poderíamos chamar de pai suficientemente bom, em analogia à mãe suficientemente boa de Winnicott (1948/1993).

Estudar o processo pelo qual o homem se torna pai hoje é essencial, haja vista as implicações familiares e sociais que derivam destas transformações; sobretudo, as transformações pessoais que são próprias da condição paterna, suas alegrias e angústias ao longo da profunda mudança em suas funções. Dar voz a estes pais de primeira viagem, permite que repensemos as práticas de cuidado infantil, mas também o apoio da rede familiar ou social oferecido (ou não) aos pais na contemporaneidade.

Diante da relevância que o tema da paternidade alcança neste momento de desconstrução do modelo tradicional e proposição de novas configurações familiares, o presente estudo propõe uma revisão integrativa (Mendes, Silveira & Galvão, 2008) da literatura internacional e nacional sobre a transição para a paternidade, possibilitando uma aproximação compreensiva sobre o que vem sendo produzido no campo da pesquisa científica.

## **Método**

Optamos pela revisão integrativa pelo fato desta modalidade se apoiar em critérios rigorosos para a seleção dos artigos, incluindo tanto estudos empíricos quanto teóricos, a fim de compreender um determinado fenômeno, a partir de estudos anteriores, ampliando a visão do leitor sobre determinado campo de pesquisa. Além disso, este tipo de revisão propicia uma aproximação ao “estado da arte” da pesquisa científica sobre um determinado tema, apontando tendências atuais, bem como hiatos que podem se mostrar férteis para estudos futuros. Esta revisão abarcou publicações científicas produzidas entre janeiro de 2006 e maio de 2016.

Em relação à literatura internacional foram consultadas as bases de dados EBSCO e PsycINFO, utilizando como descritores ‘transition to fatherhood’, ‘fatherhood’, ‘fathering’ e ‘first-time fathers’, os quais foram cruzados um a um, resultando em um banco de dados. Embora tais descritores sejam consagrados nas bases de dados internacionais, o mesmo não acontece no Brasil. Na consulta às bases SciELO Regional e PEPSIC foi utilizado somente o descritor ‘paternidade’, uma vez que dentre os termos listados no Portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) não havia qualquer descritor que se referisse à transição para a paternidade, o que nos levou a uma segunda busca por artigos a partir da leitura dos resumos dos trabalhos já levantados.

Quanto aos critérios de inclusão, foram selecionados artigos publicados em revistas indexadas e revisadas por pares que fossem redigidas em inglês, português ou espanhol e artigos que estudassem pais e mães primíparos em relação estável heterossexual, sem filhos de relacionamentos anteriores.

Finalmente, foram selecionados artigos que focalizassem a experiência paterna desde o início da gravidez da mulher até pelo menos um ano de vida do bebê.

Quanto aos critérios de exclusão, foram descartados os editoriais, livros, capítulos de livro, dissertações e teses, bem como os artigos publicados em periódicos pagos. Também foram desconsiderados artigos que se relacionavam a pais adotivos ou que apenas tangenciassem o tema da transição para a paternidade, ocupando-se de outras questões.

O levantamento nas bases de dados ocorreu em maio de 2016, tendo sido encontrados 478 artigos na EBSCO, 805 na PsycINFO, totalizando 1283 artigos advindos de bases internacionais. Na SciELO Regional foram encontrados 156 artigos e na PEPSIC 56 artigos, totalizando 212 artigos nacionais. Desse total, muitos artigos foram excluídos em função de seu foco temático, como os componentes biológicos da paternidade, estresse pós-traumático dos pais, atendimentos clínicos, famílias múltiplas, problemas do pai com a justiça e encarceramento, autismo, doença mental do pai, atendimentos clínicos diversos, separação dos pais, e paternidade e Direito. Também foram excluídos os artigos repetidos, isto é, encontrados em mais de uma base de dados.

Aplicados os critérios de exclusão, restaram 37 artigos, sendo 23 publicados em periódicos internacionais e 14 advindos da literatura nacional, os quais foram lidos e analisados em profundidade, buscando-se destacar os pontos principais apontados pela literatura, bem como elaborar uma reflexão crítica sobre os mesmos, de modo a contribuir para o avanço do conhecimento científico na área da transição para a paternidade.

## **Resultados**

Quanto ao ano de publicação, percebemos uma maior concentração de publicações nas revistas internacionais nos anos de 2014 e 2015. Já nas revistas nacionais, a maior concentração de publicações se deu nos anos de 2009 e 2014. Estes resultados apontam para a ampliação desta área de estudos nos últimos anos, talvez devido à relevância científica e social que a temática da paternidade vem ganhando na atualidade.

Em relação ao país de origem dos pesquisadores e instituição de pertinência, percebemos que no tema da transição para a paternidade há uma maior concentração de pesquisas publicadas na Grã-Bretanha, Estados Unidos, Austrália, Suécia e Finlândia. Já no Brasil, em termos de localização geográfica, há uma quase exclusividade de publicações de pesquisadores do Sul do País, com predominância de pesquisas gestadas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Destacamos que alguns artigos foram escritos em colaboração de autores de mais de um país ou Instituição de Ensino Superior, o que explica o maior número de pesquisadores, se comparado ao número de pesquisas.

Quanto à metodologia empregada nas pesquisas nacionais e internacionais, observamos uma predominância de artigos de cunho qualitativo, chegando a mais da metade das publicações avaliadas. Já, a abordagem quantitativa embasa a produção de artigos envolvendo populações mais numerosas, fundamental para levantamentos sócio-demográficos. Podemos supor que a preferência pela abordagem qualitativa visa atender ao objetivo de dar voz aos próprios pais para compreender a experiência paterna a partir de suas perspectivas pessoais.

Dentre os estudos qualitativos, cerca de 90 por cento destes utilizaram a gravação em áudio das entrevistas como forma de registro e posterior transcrição das falas sob a forma de narrativas. A maioria dos estudos lançou mão de uma questão disparadora para iniciar o contato, geralmente no enquadre de entrevistas semiestruturadas.

Quanto às amostras, a idade dos pais variou de 16 a 48 anos, com maior concentração entre 20 e 40 anos de idade. Em relação aos artigos internacionais, o número de participantes dos estudos de cunho qualitativo variou de 4 a 41 pais, enquanto nas pesquisas quantitativas, as amostras foram de 115 e 827 pais. Quanto aos artigos nacionais, o número de participantes variou de 4 a 20 pais, o que pode ser atribuído ao fato de serem todos estudos qualitativos ou mistos, situação que se repete nos periódicos internacionais de metodologia qualitativa.

Em relação ao período de obtenção dos dados, percebemos que na literatura internacional há uma tendência à realização de uma ou duas entrevistas com os participantes, sendo a primeira realizada no final da gravidez ou após o parto e a segunda após o parto (de 3 a 9 meses). O estudo de Thomas,

Bonér e Hildingsson (2011) realiza a primeira entrevista atrelada ao primeiro ultrassom, sendo mais duas entrevistas efetuadas, uma ao final do terceiro trimestre de gestação e outra entrevista dois meses após o parto. Já nos artigos nacionais predomina a opção por uma única entrevista, no final da gravidez ou nos primeiros meses de vida do bebê. Entretanto, Krob, Picinnini e Silva (2009) propõem a realização de dois encontros com o pai, sendo um ao final do 3º trimestre da gravidez e outro no 2º mês após o parto, enquanto no estudo de Levandowsky, Picinnini & Lopes (2009) foram realizados 4 encontros com pais adolescentes homens: no 3º trimestre da gravidez, no 3º mês após o parto, ao final do 1º ano de vida da criança e, finalmente, quando a criança completava dois anos de idade.

Quanto ao método de análise de dados, há uma diferença significativa entre os artigos nacionais e internacionais. Nestes observamos diversas abordagens, como a estatística descritiva (Habib & Lancaster, 2006; Halle et al, 2008; Thomas, Bonér & Hildingsson, 2011), a análise de conteúdo (Deave & Johnson, 2008; Höfner, Schadler & Richter, 2011), os métodos comparativos baseados na Teoria Fundamentada, ou *Grounded Theory* (Fägerskiöld, 2008; Sansiriphun et al, 2010), os métodos fenomenológicos (Premberg, Hellström & Berg, 2008) e a análise narrativa (Eerola & Huttunem, 2011). Em todos os estudos nacionais é adotada a análise de conteúdo, sejam eles de abordagem qualitativa ou quantitativa. Dentre estes destaca-se o estudo de Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes e Picinnini (2013) que se utiliza de um software (NVivo) para proceder à análise de conteúdo.

Na literatura internacional observa-se um elemento ausente dos artigos brasileiros: a validação posterior. Nos estudos de Deave e Johnson (2008) e de Premberg, Hellström e Berg (2008) alguns dos participantes são contatados, após a finalização dos resultados, a fim de verificar se as conclusões dos pesquisadores correspondiam às narrativas dos pais participantes. Já o estudo de Sansiriphun et al (2010) recorre à participação posterior de quatro experts na Teoria fundamentada para obter a validação do processo de análise. Em suma, fica clara a necessidade de complementar e confrontar a interpretação do pesquisador, propondo a triangulação dos dados (Stake, 2011) com o auxílio dos próprios participantes ou de consultores externos.

Há ainda uma outra peculiaridade a ressaltar. Apesar de dois estudos internacionais referirem a participação das companheiras durante a pesquisa (Deave & Johnson, 2008; Höfner, Schadler & Richter, 2011), nenhum deles se utiliza das narrativas femininas em seus resultados finais, excluindo assim um elemento importante e integrador da transição para a paternidade. Embora este recorte metodológico que exclui da amostra a perspectiva feminina sobre o processo de paternidade possa se justificar pelos objetivos de cada estudo, notamos que o enfoque da paternidade enquanto experiência solitária acaba reproduzindo o modo como a experiência materna vem sendo abordada no campo da pesquisa.

## Discussão

Apresentaremos os aspectos da transição para a paternidade abordados e discutidos nos artigos consultados, com o objetivo de apontar tendências da pesquisa atual sobre a paternidade no cenário nacional e internacional. Destacamos que nosso objetivo é realizar uma síntese qualitativa dos resultados obtidos por esta revisão, agrupando-os, para efeito didático, em quatro grandes campos, segundo o foco das investigações:

- a. *o pai consigo mesmo*, que se refere a estudos que exploram as experiências e sentimentos pessoais relativos à transição para a paternidade, por meio de narrativas paternas;
- b. *o pai, a mãe e o bebê*, onde são focalizados aspectos relacionais, tais como a relação pai-bebê, mãe-bebê, pai-mãe e mãe-pai-bebê;
- c. *o pai e a rede de apoio formal*, onde é destacada a relação do pai com redes formais de suporte profissional, incluindo as políticas públicas e médicas na assistência à paternidade;
- d. *o pai, o trabalho e a sociedade*, aludindo a estudos sobre as relações do homem com o trabalho, com outros pais homens ou com sua família de origem.

No campo “o pai consigo mesmo”, há uma prevalência de estudos que destacam a gravidez como um evento transformador na vida, semelhante a uma

revolução interna (Deave & Johnson, 2008; Fägerskiöld, 2008; Premberg, Hellström & Berg, 2008). São destacados os aspectos angustiantes desta vivência, onde o homem tende a se sentir sobrecarregado emocionalmente (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007; Kowlessar, Fox & Wittkowski, 2014; Krob, Picinnini & Silva, 2009), pois a mudança que se impõe com a gravidez é irreversível. Por outro lado, os pais destacam sentimentos de completude ao imaginar o bebê antes do nascimento e o cuidado do mesmo após o parto (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007; Premberg, Hellström & Berg, 2008). Os estudos sugerem que esta ambivalência paterna acompanha toda a gravidez e o período pós-parto (Iwata, 2014; Krob, Picinnini & Silva, 2009), muitas vezes trazendo um sentimento de crescimento pessoal, maturidade e sensibilidade como consequências da transição para a paternidade (Eerola & Huttunen, 2011).

Dois artigos em especial destacam a dificuldade do pai em expressar pensamentos por ele considerados como negativos, sendo eles pais de crianças comuns (Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes & Picinnini, 2013), ou pais de crianças com necessidades especiais (Henn & Sifuentes, 2012), assinalando uma cobrança de ordem social sobre o pai no sentido do ocultamento de seus medos e dificuldades e da adoção de uma postura de maior firmeza e segurança, o que permitiria à mulher um ambiente confiável para expressar dificuldades de ordem prática ou afetiva.

Esta pressão social para um posicionamento masculino que inclui uma demonstração de força, mas também de resignação, é descrito por Ives (2014), que frisa o aspecto moral da responsabilidade do novo pai. Neste novo papel, o homem, agora pai, atualiza em si mesmo uma fusão entre os ideais masculinos tradicionais e o papel de “protetor estóico” (p. 8) da relação mãe-bebê. Conseqüentemente, suas demandas emocionais são deixadas de lado em prol da responsabilidade moral de cuidar da família.

Este posicionamento se aproxima da perspectiva winnicottiana sobre o papel do pai como propiciador de um ambiente seguro para o desenvolvimento da relação mãe-bebê, constituindo-se como suporte afetivo da mãe e como provedor das necessidades concretas da dupla mãe-bebê. Nesse contexto, como um pai que demonstra sua insegurança, medos e ambivalência poderia fornecer esse tipo de suporte? Ampliando as considerações winnicottianas sobre

a tarefa materna, poderíamos supor, com Ferreira e Aiello-Vaisberg (2006) a conceituação de um pai suficientemente bom, ou seja, aquele que propicia cuidados à mãe e ao bebê, sem a pretensão de ser um pai perfeito, na medida em que ele também estará mais vulnerável a instabilidades emocionais, uma vez que participa efetivamente do cuidado.

Todavia, lembramos com Ferreira e Aiello-Vaisberg (2006), que as afirmações de Winnicott refletiam o pensamento dominante de sua época, quando os papéis masculino e feminino eram dissociados e complementares, sendo necessário repensar estas afirmações à luz das transformações contemporâneas, sob o risco de tomar a teoria como dogma, e não como conhecimento provisório.

Outro elemento interessante apontado por Genesoni & Tallandini (2009) é o sentimento de irrealidade experimentado pelo pai em relação ao bebê durante a gravidez, o que muitas vezes pode ser minimizado ou superado com a realização do ultrassom que torna o bebê mais palpável para o novo pai (Picinnini, Levandowski, Gomes, Lindemeyer & Lopes, 2009), já que ele não experimenta as mudanças corporais da gravidez. Iwata (2014) e Sansiriphun et al. (2010) descrevem as narrativas paternas ao longo da gravidez, nas quais os pais sentem os movimentos do bebê e conversam com o feto. O estudo de Poh, Hoh e He (2014) destaca a percepção paterna dos movimentos fetais, pela visão e pelo toque na barriga da mãe, para que o bebê ganhe existência concreta, sendo este contato preliminar um elemento importante na formação do vínculo com o bebê.

Por outro lado, o estudo de Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes e Picinnini (2013) aponta para uma idealização da relação pai-bebê, descrevendo que os aspectos negativos da paternidade são menos ou quase nunca narrados pelos pais, cuja tendência é destacar os aspectos positivos. Esta dupla perspectiva em relação à gravidez – a mulher partindo de importantes alterações corporais, e o homem a partir da observação das transformações femininas nos auxilia a entender por que, para o pai, o bebê “chega mais tarde”.

Poderíamos dizer que o pai está menos apto ao cuidado do bebê por estar mais sujeito a questões de ordem social e psicológica, enquanto o biológico marcaria a experiência materna? Ou o modo com que cada membro do casal gesta emocionalmente o filho depende de um complexo conjunto de fatores que

não se restringe ao biológico? Este descompasso na percepção e aceitação da realidade do bebê também é constatado na transição para a paternidade em pais adolescentes, conforme apontam os estudos de Levandowski, Piccinini e Lopes (2009) e de Levandowski e Picinnini (2006).

Dentre os artigos selecionados, alguns estudos apontam para os sentimentos de solidão (Höfner, Schadler & Ruichter, 2011) e de desamparo paternos (Kowlessar, Fox & Wittkowski, 2014), cuja expressão costuma se manifestar somente por ocasião do parto, embora possam ser rastreados, ao longo da gravidez, nas consultas e intercorrências médicas (Genesoni & Tallandini, 2009).

Na gravidez, encontramos a tendência de muitos pais a se sentirem simultaneamente apartados e separados da relação com o bebê. Ives (2014) destaca este aspecto em seu artigo, descrevendo narrativas de pais que se sentem mais passivos durante a gravidez, “se preparando para serem pais”, enquanto as mães são mais ativas, “se tornando mães” (p. 6). Assim, os pais estariam presentes no processo de gravidez, mas como elementos secundários, quase acessórios, sem uma participação importante, ampliando possíveis sentimentos de exclusão.

No parto, o pai tende a perder sua função (Chin, Hall & Daiches, 2011), já que grande parte dos sistemas de saúde encontram-se centrados nos cuidados com a mãe e com o bebê (Fägerskiöld, 2008; Genesoni & Tallandini, 2009; Halle et al, 2008; Picinnini et al, 2012; Thomas, Bonér & Hildingsson, 2011). Muitos homens narram o momento em que estão no centro cirúrgico como o mais angustiante de toda a gravidez (Genesoni & Tallandini, 2009). O pai tende a se sentir desamparado, aprofundando o mesmo sentimento de solidão que experimenta à medida que se desenvolve a relação mãe-bebê (Kowlessar, Fox & Wittkowski, 2014). Por outro lado, este desamparo pode ser reduzido, conforme se desenvolva uma relação de apego ao bebê, ocasionando mudanças significativas no eu do novo pai (Iwata, 2014; Sansiriphun et al., 2015).

Vale ressaltar o destaque que um dos artigos teóricos (Palkovitz & Palm, 2009) dá para a existência de gatilhos dentro do processo de transição para a paternidade, destacando que esta se desenvolve ao longo do desenvolvimento do bebê e posteriormente da criança, sendo o que nomeamos como “transição

para a paternidade” apenas uma primeira etapa de transformações que acompanham o homem em seu caminho rumo à paternidade.

Há ainda neste campo dois aspectos a serem destacados. Percebe-se uma sobrecarga emocional do pai no papel de provedor econômico da casa (Chin, Hall & Daiches, 2011), por ter de dar conta das demandas às quais fica sujeito, dentro e fora de casa, o que exige dele uma dedicação quase total à vida da esposa e do bebê, ocasionando uma mudança no seu próprio self e nas relações conjugais (Chin, Hall & Daiches, 2011) e um crescimento do pai em seu envolvimento parental (Eerola & Huttunen, 2011). A isto se soma o desafio de cuidar de si mesmo apesar da paternidade (Premberg, Hellström & Berg, 2008), como se o pai tivesse de renunciar aos próprios interesses, incluindo o autocuidado e a vida social, em prol da família. Não caberia aqui questionar a possibilidade de integração da vida familiar com sua vida pessoal? Ou um pai afetivamente envolvido teria necessariamente de abrir mão de sua vida pessoal em favor do cuidado dos filhos?

O campo “*o pai, a mãe e o bebê*” compreende estudos sobre a interação dos componentes da nova família. Segundo Habib (2012), a relação conjugal é a variável mais estudada no campo da transição para a paternidade, talvez por ser aquela que mais se transforma diante da chegada do bebê. Dentre as mudanças conjugais referidas pelos participantes está a redução da vida sexual do casal (Chin, Hall & Daiches, 2011; Genesoni & Tallandini, 2009; Sansiriphun, 2015), que tende a se prolongar desde a gravidez até os primeiros meses após o parto. Vale destacar que na literatura nacional não encontramos referências à vida sexual do casal, sendo mencionadas a preocupação paterna com a esposa e o bebê (Krob, Picinnini & Silva, 2009) e a percepção de que a vida conjugal se modificou (Jager & Bottoli, 2011).

Como alguns artigos nos apontam, o homem é ativo na construção de sua relação com o bebê (Jager & Bottoli, 2011); porém, este processo de aproximação costuma ser modulado pela mãe (Eerola & Hutunnem, 2011; Genesoni & Tallandini, 2009; Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes & Picinnini, 2013; Halle et al., 2008; Picinnini, Levandowski, Gomes, Lidemeyer & Lopes, 2009). A ambivalência da mãe frente à relação pai-bebê é frequentemente expressa nesta modulação: se o pai é mais ausente, a mãe cobra sua presença e participação; por outro lado, se o pai tem um vínculo forte com o bebê e é

participativo tende a ser menosprezado pela mãe, que o considera inadequado ou excessivo. De um modo ou de outro, a mãe controla o desenvolvimento da relação pai-bebê, como uma “guardiã do portal” (Eerola & Huttunen, 2011, p. 220) que ora permite a aproximação paterna, ora a impede. Neste sentido, presume-se uma associação entre a atitude da mãe e os sentimentos de exclusão ou de intrusão expressos pelo pai no processo de aproximação e vinculação com o seu filho(a).

Este papel exercido pela mãe nos lembra uma das postulações freudianas sobre a necessidade de alguém que exerça uma capacidade de para-excitação para o recém-nascido, restringindo a chegada dos estímulos ao bebê, antes que ele possa absorvê-los, reduzindo os efeitos traumáticos do ambiente externo sobre o desenvolvimento infantil. Supomos que a questão que se apresenta não seja a da validade desta modulação exercida pela mãe, necessária ao bebê; o que podemos questionar é se esta capacidade não acaba sendo afetada pela ambivalência materna, dificultando ou retardando o desenvolvimento da relação pai-bebê.

Por outro lado, como aponta o estudo de Fägerskiöld (2008), é comum que a mãe pouco perceba as necessidades paternas, possivelmente por estar mais concentrada em sua relação com o bebê, situação que pode desencadear o sentimento paterno de exclusão, referido em vários artigos. Além disso, a literatura aponta para a centralidade da mulher e de sua visão sobre o homem na constituição da paternidade, uma vez que o modo como ela vive e expressa seus sentimentos sobre a relação pai-bebê poderá auxiliar ou criar obstáculos ao companheiro na construção de sua identidade paterna.

Em alguns estudos consultados encontramos a concepção paterna de que a tarefa de cuidar do bebê deve ficar exclusiva ou predominantemente a cargo da mãe (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007; Chin, Hall & Daiches, 2011; Eerola & Huttunen, 2011; Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes & Picinnini, 2013; Höfner, Schadler & Richter, 2011; Vieira et al., 2014). O argumento apresentado pelos pais participantes diz respeito ao aparato biológico de que a mãe dispõe e que a coloca em posição de atender às necessidades do bebê, isto é, ela pôde gestar o bebê dentro de si, tem condições fisiológicas de amamentá-lo, além de contar com um suposto “instinto materno” ou “sensibilidade” como ferramentas básicas para o cuidado infantil. De acordo com esta visão, o pai teria a função

de mero auxiliar da mãe, cujas habilidades seriam inatas, sendo-lhe, portanto, possível ensinar a arte do cuidado ao companheiro. Tal ideologia deixa de lado a ideia segundo a qual a maternidade e a paternidade seriam constituídas na relação de cada um com sua história pessoal, com os valores culturais e sociais da sociedade em que vive (Staudt & Wagner, 2008).

Alguns autores reconhecem o surgimento de um novo pai na contemporaneidade, que busca ser mais presente e participativo, investindo em seu relacionamento com o bebê e com a parceira (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007; Chin, Hall & Daiches, 2011; Eerola & Huttunen, 2011; Genesoni & Tallandini, 2009; Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes & Picinnini, 2013; Habib & Lancaster, 2006; Premberg, Hellström & Berg, 2008; Sansiriphun et al, 2010). Em um dos estudos, encontramos uma expressão interessante que faz referência ao novo pai como o “provedor acessível” (Chin, Hall & Daiches, 2011, p. 13), aquele que permanece no papel de provedor, cuidando do sustento e da segurança da família, mas que também é sensível e acessível, envolvendo-se afetivamente com o bebê e a companheira. Entretanto, este pai busca formas próprias de envolvimento com seu bebê, cujas características se diferenciam da relação mãe-bebê (Picinnini, Levandowski, Gomes, Lindemeyer & Lopes, 2009; Premberg, Hellström & Berg, 2008).

Nesse sentido, o pai não é um simulacro da mãe (Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes & Picinnini, 2013), e cabe a ele construir novas formas de relacionamento com o(a) filho(a). A literatura corrobora esta ideia quando destaca, por exemplo, que a mãe prefere cuidar do bebê pequeno e manter uma rotina controlada. Em suma, a participação do pai é vista como essencial ao desenvolvimento físico e emocional do bebê (Fägerskiöld, 2008).

Se de um lado, há a percepção de um maior envolvimento paterno, de outro o estudo de Palkovitz e Palm (2009) aponta para a necessidade de ampliação das políticas públicas dos Estados Unidos no que se refere à paternidade. Se a interferência governamental se torna fundamental para o estímulo das práticas de cuidado paterno, somos levados a crer que o propagado envolvimento afetivo do novo pai não corresponde ao que se observa na prática.

Outro elemento do cuidado paterno salientado em diversos artigos é o fato do pai desempenhar o papel de protetor do bebê desde a gestação (Po, Koh & He, 2014). Embora a literatura sobre a transição para a paternidade comumente

aponte esta característica, é interessante notar um desdobramento deste tipo de cuidado para a relação que o pai estabelece com a mãe (Sansiriphun, 2010). Sensível às alterações impostas à mãe pela chegada do bebê, o pai passaria a se ocupar de seu relacionamento com a companheira, bem como da rotina da casa (Jager & Bottoli, 2011), de modo a não sobrecarregá-la. Destacamos, portanto, a preservação de um relacionamento conjugal que não esteja unicamente marcado pela relação de ambos com o filho, o que pode fortalecer o casal no enfrentamento da ambivalência parental e das mudanças conjugais a que estão submetidos.

O campo de estudos sobre “*O pai e a rede de apoio formal*” se detém sobre a falta de preparo profissional e carência de serviços de assistência ao pai durante a gravidez e o pós-parto, o que amplia os sentimentos de exclusão do pai que vê todo o cuidado centralizado na capacitação da mãe para a recepção e cuidados do recém-nascido. Muitos pais se queixam da falta de informações durante a gravidez (Deave & Johnson, 2008) que poderiam ter sido fornecidas no preparo pré-natal (Po, Koh & He, 2014), e sua decorrente inabilidade como cuidador, o que poderia ser minimizado por grupos de apoio a pais e pelo suporte da equipe de saúde (Thomas, Bonér & Hildingsson, 2011).

Destaca-se ainda a necessidade dos pais serem ouvidos (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007; Poh, Koh & He, 2014) e de serem desenvolvidos serviços de apoio psicológico ao pai como medida preventiva; quando isto não ocorre na rede formal de apoio, por despreparo dos profissionais (Fägerskiöld, 2008; Halle et al, 2008), o pai passa a buscar este acolhimento junto a amigos e familiares. Premberg, Hellström e Berg (2008) enfatizam a necessidade de que profissionais de saúde atentem para a singularidade de cada gênero, podendo acompanhar os homens na transição para a paternidade. Kowlessar, Fox e Wittkowski (2014) sugerem a possibilidade da inclusão de pais voluntários nos serviços de pré-natal, dando seu testemunho pessoal e funcionando como referência aos novos pais, argumentando que o homem grávido tenderá a se abrir com maior facilidade com outros homens que passam ou passaram por situação similar a que ele vivencia, o que traz grandes implicações tanto para a pesquisa quanto para a intervenção no campo da paternidade.

Alguns estudos apontam para a importância de se repensar políticas públicas e sociais estritamente focadas na relação mãe-bebê (Ives, 2014;

Palkovitz & Palm, 2009; Poh, Koh & He, 2014; Rush, 2015; Thomas, Bonér & Hildingsson, 2011), sugerindo sua ampliação para o atendimento das demandas paternas. Cabe aqui ressaltar que este tipo de reflexão está presente principalmente em estudos estrangeiros, sendo ainda pouco explorada no campo da pesquisa nacional.

No grupo “*o pai, o trabalho e a sociedade*” a ênfase dos trabalhos recai sobre a busca de novos modelos de paternidade. Há uma intensa movimentação no imaginário social sobre o que é ser um bom pai (Picinnini et al, 2012), modelos que ainda não estão consolidados, mas em franca transição (Souza & Benetti, 2009). Em suma, o exercício da paternidade está sendo redefinido, superando o antigo modelo hegemônico. Novos padrões estão sendo buscados por meio da troca de experiências com outros pais (Chin, Hall & Daiches, 2011), que vivenciam as mesmas transformações (Höfner, Schadler & Richter, 2011), criando-se assim uma rede informal de apoio. O pai traz a necessidade de expressão e compartilhamento com outros pais, possibilitando a formação de um modelo híbrido de paternidade a partir de seus referenciais de vida, dos modelos culturalmente predominantes, e também pelo uso dos chamados modelos horizontais de paternidade, onde a identidade paterna se constitui principalmente pelos processos de identificação com pais de sua própria geração, ao invés da identificação predominante com seu próprio pai.

É também mencionada a influência do modelo paterno trazido da infância daqueles que se tornam pais, levando-os a repensar e integrar os aspectos positivos e negativos da antiga relação com seu próprio pai (Krob, Picinnini & Silva, 2009). Como a paternidade está em processo de redefinição (Picinnini, Levandowski, Gomes, Lindemeyer & Lopes, 2009), podemos supor uma nova estruturação da relação do pai com os próprios pais, agora avós.

Vários artigos sublinham a importância do contexto social na estruturação da paternidade. Kowlessar, Fox e Wittkowski (2014) destacam como a gravidez não afeta apenas o pai e a forma como ele sente a si mesmo, mas como o entorno social passa a se relacionar com este homem, agora em um novo papel carregado de expectativas sociais do que vem a ser um pai adequado. Eerola (2014) assinala o quanto as narrativas dos pais sobre o seu dia a dia estão permeadas por uma ideologia dominante, que extravasa e se confunde com as expectativas pessoais de realização e de suporte à esposa e ao bebê.

Em relação ao trabalho formal, muitos pais referem dificuldade de retornar ao trabalho, argumentando estar perdendo o contato mais próximo com o bebê e deixando de acompanhar de perto o seu desenvolvimento (Rush, 2015). Ives (2014) destaca a ansiedade moral existente nos pais de primeira viagem na volta ao trabalho, e os dilemas morais que se expressam na relação com a esposa e com o ainda predominante papel de provedor do lar. Alguns pais referem um sentimento de culpa pela intensa dedicação ao trabalho, sentindo-se excluídos do cotidiano familiar, embora conscientes da necessidade de retornar ao trabalho (Finn & Henwood, 2009). Alguns autores argumentam que, apesar do discurso atual sobre o novo pai, este se sente pressionado pela demanda financeira a assumir o papel tradicional de provedor, o que aumenta o hiato entre o discurso e as práticas atuais no campo da paternidade (Crespi & Ruspini, 2015; Ives, 2014).

Destacamos também, principalmente nos artigos internacionais (Eerola, 2014; Fägerskiöld, 2008), a temática da renúncia do pai à vida de solteiro como um fator que desencadeia o sentimento de ambivalência paterna. Espera-se do pai que renuncie às suas necessidades pessoais e passe a se preocupar unicamente com sua família, compensando a perda de liberdade com os ganhos afetivos provenientes de um contato mais estreito com a companheira e o bebê. Em contrapartida, Iwata (2014) enfatiza o surgimento de um senso de responsabilidade com o nascimento do bebê, decorrente da ligação pessoal com o filho, possibilitando uma maior adequação à vida de casado e também ao papel de pai.

### **Considerações finais**

Embora os artigos selecionados apresentem objetivos, métodos, análise e conclusões próprias, enriquecendo e problematizando o campo da pesquisa sobre a transição para a paternidade, gostaríamos de fazer alguns assinalamentos a partir desta proposta de síntese integrativa da literatura científica na área da paternidade.

Alguns autores não deixam sua perspectiva teórica evidente ao longo de seu relato, acumulando os resultados sem uma teoria sobre o desenvolvimento

humano como base que sustente seu método ou que interprete seus achados, o que permitiria dialogar com a própria teoria, questionando-a, inclusive. Em uma outra perspectiva, vemos artigos que parecem trazer em seu bojo a crença na possibilidade de que uma teoria única ou grande teoria unificadora, daria conta do fenômeno investigado, como se diferentes recortes metodológicos não dessem origem a fenômenos diversos que, por sua vez, seriam acessados por métodos igualmente distintos.

Sabemos que a transição para a paternidade é um processo multidimensional complexo e único (Mckenzie & Carter, 2013) e, portanto, dificilmente apreensível por um único estudo. Por essa razão é comum que as pesquisas nesta área enfatizem apenas uma ou duas dimensões de um fenômeno que é multideterminado, o que traz o risco de tomar a parte pelo todo, sem um olhar mais integrador sobre o fenômeno de constituição da paternidade. Como exemplo, podemos destacar aqueles trabalhos em que a dimensão socioeconômica não parece ter sido considerada como elemento participante do processo de transição para a paternidade, dando primazia à dimensão interna e emocional da experiência paterna.

Outro achado importante se deu em relação à metodologia de análise dos dados. Na literatura internacional, encontramos diversas formas de análise qualitativa, sendo que a quantitativa ficou restrita à estatística descritiva. Já na literatura nacional, ficou patente o uso prioritário da análise de conteúdo para análise dos dados, a despeito da existência de outros métodos qualitativos que permitem a análise criteriosa e científica, manifestando talvez uma preferência dos pesquisadores brasileiros.

Convém destacar que a transição para a paternidade se dá neste intrincado processo que compreende aspectos individuais, relacionais, conjugais e sociais. Quanto às vivências emocionais do pai, ao longo da transição para a paternidade, sua intensidade opera profundas transformações no modo de ver a si mesmo e ao mundo que o cerca. Talvez um dos grandes desafios que o homem enfrenta, à semelhança do que se passa com a mulher, seja o de integrar os diferentes aspectos de uma personalidade que se torna cada vez mais complexa para atender as demandas da contemporaneidade.

Outro aspecto a levar em consideração é a modulação exercida pela mãe na relação pai-bebê. Ajudá-la a perceber as necessidades do pai e a incentivar

o desenvolvimento de uma relação pai-bebê mais profunda podem ser o caminho para mitigar a ambivalência materna e, conseqüentemente o sofrimento, além de facilitar o resgate da relação conjugal.

Há um importante hiato a ser considerado no que diz respeito às políticas públicas voltadas ao pai no desempenho de suas funções. Havemos que repensar a formação dos profissionais de saúde e a carência de dispositivos que levem em conta as necessidades paternas na gravidez, parto e pós-parto, inclusive do ponto de vista do desenvolvimento infantil.

Este estudo de revisão também aponta para a ampliação da rede informal de apoio ao pai, constituída por amigos, colegas e familiares, destacando-se os modelos de identificação horizontal que passam a se articular com o modelo tradicional, transmitido verticalmente. Em contrapartida, apesar do discurso acerca do “novo pai”, uma forte pressão econômica e social tem levado o pai a manter o lugar tradicional de provedor do lar, o que denota flutuações nas expectativas sociais sobre o jovem pai.

Outro achado importante diz respeito a tendências epistemológicas que sustentam teoricamente os artigos selecionados. Alguns autores apontam para a existência de elementos comuns na vivência da paternidade que transcendem as diferentes culturas, enquanto outros enfatizam as diferenças decorrentes das condições socioeconômicas dos pais, além de fatores culturais.

Quanto às possíveis limitações desta revisão, destacamos que a seleção dos artigos não pretendeu abarcar a ampla gama de pesquisas sobre a transição para a paternidade, tendo sido necessário, por questões de recorte metodológico, desconsiderar aqueles estudos que se referiam a populações com características diferenciadas e sobre novas configurações familiares. Portanto, generalizar esta discussão a todos os pais que estão vivendo a transição para a paternidade, seja em um contexto de precariedade social ou na presença de alguma patologia, como exemplos de pesquisas excluídas desta revisão, seria temerário e ingênuo.

Para concluir, esta revisão teve a função de sinalizar um novo campo de pesquisa em Psicologia, o qual se alinha às demandas sociais contemporâneas, no sentido da constituição de um novo pai. Em um cenário em que necessidades individuais são priorizadas e estimuladas pela alta competitividade no mercado de trabalho e pelas rápidas mudanças propostas pela tecnologia tem sido um

desafio compor arranjos familiares que deem conta de necessidades pessoais, conjugais e sociais que se organizem em torno das demandas da infância e seu longo desenvolvimento.

### Referências

- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. P. (2007). A Vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica (Rio de Janeiro)*, 19(1), 75-92.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Castoldi, L., Gonçalves, T. R., & Lopes, R. C. S. (2014). Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 19(2), 247-259.
- Chin, R., Hall, P., & Daiches, A. (2011). Fathers' experiences of their transition to fatherhood: a metasynthesis. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 29(1), 4-18.
- Crespi, I., & Ruspini, E. (2015). Transition to fatherhood: new perspectives in the global context of changing men's identities. *International Review of Sociology*, 25(3), 353-358.
- Deave, T., & Johnson, D. (2008). The transition to fatherhood: what does it mean for fathers? *Journal of Advanced Nursing*, 63(6), 626-633.
- Eerola, P. (2014). Nurturing, breadwinning and upbringing: paternal responsibilities by Finnish men in early fatherhood. *Community, work & Family*, 17(3), 308-324.
- Eerola, J. P., & Huttunen, J. (2011). Metanarrative of the "New Father" and narratives of the Young Finnish first-time fathers. *Fathering*, 9(3), 211-231.
- Fägerskiöld, A. (2008). A change in life as experienced by first time fathers. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 22, 64-71.
- Ferreira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2006). O pai 'suficientemente bom': algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 14(2), 136-142.

- Genesoni, L., & Tallandini, M. A. (2009). Men's psychological transition to fatherhood: an analysis of the literature, 1989-2008, *Birth*, 36(4), 305-318.
- Gonçalves, T. R., Guimarães, L. E., Silva, M. R., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Experiência de paternidade aos três meses do bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 599-608.
- Habib, C., & Lancaster, S. (2006). The transition to fatherhood: identity and bonding in early pregnancy. *Fathering*, 4(3), 235-253.
- Habib, C. (2012). The transition to fatherhood: a literature review exploring paternal involvement with identity theory. *Journal of Family Studies*, 18(2/3), 103,120.
- Höfner, C., Schadler, C., & Richter, R. (2011). When men become fathers: men's identity at the transition to fatherhood. *Journal of Comparative Family Studies*, 42(5).
- Halle, C., Dowd, T., Fowler, C., Rissel, K., Henessy, K., MacNevin, R., & Nelson, M. A., (2008). Supporting fathers in the transition to fatherhood. *Contemporary Nurse*, 31(1), 57-70.
- Henn, C. G., & Sifuentes, M. (2012). Paternidade no contexto das necessidades especiais: revisão sistemática de literatura. *Paideia*, 22(51), 131-139.
- Ives, J. (2014). Men, maternity and moral residue: negotiating the moral demands of the transition to first time fatherhood. *Sociology of Health & Illness*, 36(7), 1003-1019.
- Iwata, H. (2014). Experiences of japanese men during the transition to fatherhood. *Journal of Transcultural Nursing*, 25(2), 159-166.
- Jager, M. E., & Dias, A. C. G. (2015). A paternidade na percepção de adolescentes de classes populares. *Psicologia, ciência e profissão*, 35(3), 694-710.
- Jager, M. E., & Bottoli, C. (2011). Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia, Teoria e Prática*, 13(1), 141-153.
- Kowlessar, O., Fox, J. R., & Wittkowski, A. (2015). First time fathers' experiences of parenting during the first year. *Journal of Reproductive & Infant Psychology*, 33(1), 4-14.

- Kowlessar, O., Fox, J. R., & Wittkoswki, A. (2015). The pregnant male: a metasynthesis of first time fathers' experiences of pregnancy. *Journal of Reproductive & Infant Psychology*, 33(2), 106-112.
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291.
- Lamb, M. E. (1997). *The role of the father in child development* (3rd Ed.). New York: Wiley.
- Levandowski, D. C., & Picinnini, C. A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 17-28.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto e Contexto em Enfermagem*, 17(4), 758-764.
- Mckenzie, S. K., & Carter, K. (2013). Does transition into parenthood lead to changes in mental health? Findings from three waves of a population based panel study. *J Epidemiol Community Health*, 67, 339–345.
- Oliveira, A. C. (2012). *“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação, Universidade de Coimbra.
- Palkovitz, R. (2002). *Involved fathering and men's adult development: provisional balances*. Lawrence Erlbaum Associates Publishers: N. J.
- Palkovitz, R., & Palm, G. (2009). Transitions within fathering. *Fathering*, 7(1), 3-22.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. C. S., & Tudge, J. (2012). Envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 303-314.
- Piccinini, C. A., Levandowski, D. C., Gomes, A. G., Lindenmeyer, D., & Lopes, R. S. (2009). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(3), 373-382.
- Pleck, J. H. (2004). Paternal Involvement by U.S. residential fathers. Leaves, sources and consequences. In: M. E. Lamb (Ed.). *The Role of the Father in Child Development* (pp. 222-272). New York: John Wiley.

- Poh, H. L., Koh, S. S. L., & He, H. G. (2014). An integrative review of fathers' experiences during pregnancy and childbirth. *International Nursing Review*, 61(4), 543-554.
- Premberg, A., Hellström, A. L., & Berg, M. (2008). Experiences of the first year as father. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 22(1), 56-63.
- Rush, M. (2015). Theorising fatherhood, welfare and the decline of patriarchy in Japan. *International Review of Sociology*, 25(3), 403-414.
- Sansiriphun, N., Kantaruksa, K., Klunklin, A., Baosuang, C., & Jordan, P. (2010). Thai Men becoming a first-time father. *Nursing and Health Sciences*, 12(4), 403-409.
- Sansiriphun, N., Kantaruska, K., Klunklin, A., Baosuang, C., & Liamtrirat, S. (2015). The journey into fatherhood: a grounded theory study. *Nursing & Health Sciences*, 17(4), 460-466.
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paideia*, 19(42), 97-106.
- Stake, R. E. (2011). Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185.
- Thomas, J. E., Bonér, A. K., & Hildingsson, I. (2011). Fathering in the first few months. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 25, 499-509.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52.
- Winnicott, D. W. (1993). *Pediatria e Psiquiatria*. In: D. W. Winnicott. *Da Pediatria à Psicanálise* (pp. 287-311). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1948).

## **OBJETIVO**

---

O objetivo desse estudo foi investigar longitudinalmente a transição para a paternidade em casais heterossexuais, tendo as transformações ocorridas no homem como seu eixo norteador.

## **METODOLOGIA**

---

De acordo com o objetivo deste estudo, adotamos uma abordagem qualitativa de pesquisa, o que propicia o estudo aprofundado dos significados individuais e coletivos atribuídos pelos participantes deste estudo à experiência de transição para a paternidade. Estamos preocupados com a “qualidade e textura da experiência” (Willig & Stainton-Rogers, 2008, p. 8), com o modo como esta experiência é vivida e interpretada pelos participantes, principalmente em seu aspecto afetivo-emocional. Desse modo, demarcamos uma postura qualitativa do pesquisador que se debruça sobre as experiências que lhe são comunicadas pelos casais, sob a forma de narrativas, ao longo de sua primeira experiência de transição para a paternidade.

Embora a partir desta opção metodológica nossa busca se direcione para a singularidade dos sentidos dos quais a paternidade se reveste, sempre é possível encontrar o geral no particular, em virtude do constante intercâmbio que se estabelece entre o micro e o macro contexto, entre as histórias de vida e a história social (Pringle, Hearn, Pease & Ruspini, 2011). Contudo, vale ressaltar que as generalizações das quais o pesquisador qualitativo se ocupa podem se estender a algumas pessoas ou grupos que compartilham experiências, ideias e sonhos, sem que se lance a uma incursão equivocada no terreno das leis gerais, o que comprometeria o rigor de sua pesquisa.

### **3.1. O Método Qualitativo**

Muito se tem falado, ao longo dos quatro últimos séculos, sobre pesquisa científica. O século XX foi marcado por uma ruptura nas concepções e modos do homem se relacionar com o mundo e consigo mesmo, inaugurando o período que se convencionou chamar de pós-modernidade (Bauman, 2007). Estas transformações no ideário da modernidade acabaram por relativizar a visão da ciência enquanto detentora de um saber absoluto e imutável, influenciando diretamente os pressupostos, ditos científicos, sobre os quais se baseia a construção do conhecimento. Como exemplo desta ruptura, temos o princípio da incerteza de Heisenberg, demarcando a relatividade e a dinâmica do conhecimento que temos de todos os fenômenos físicos.

No campo da Psicologia e, portanto, dos fenômenos humanos, a pós-modernidade funda uma descrença no uso de sistemas compreensivos totalizantes, cujas explicações almejam verdades universais e sua perenidade. A perspectiva pós-moderna abre espaço para a valorização das diferenças regionais e individuais, que apontam para a riqueza e não para a replicabilidade da experiência de um indivíduo ou de um grupo (Denzin & Lincoln, 2005). Se por um lado, a pós-modernidade carrega a perda da ilusão de um conhecimento do mundo que seja completo e imutável, por outro abre a possibilidade de explorar como cada homem vivencia e narra a própria humanidade. Nossa opção metodológica implica um aprofundamento das percepções obtidas com os entrevistados, mais que no acúmulo de conhecimentos em larga escala (Emerson & Frosh, 2004). Como consequência deste pensamento, esta pesquisa parte dos relatos de um número reduzido de participantes, com o objetivo de compreender a sua experiência pessoal na área da paternidade, de modo articulado ao ambiente social em que esta se produz.

Assim, na pesquisa em Psicologia, não há mais como se conceber a neutralidade do pesquisador. Em sua tarefa de observar e compreender fenômenos, o pesquisador sabe que participa e transforma a realidade observada, na mesma medida em que esta realidade o afeta e o transforma (Fontana & Frey, 2005). Este interjogo propõe ao pesquisador que se desloque do papel de observador passivo para o de coparticipante na pesquisa. Nesse sentido, a proposta de uma ciência psicológica neutra, asséptica e destacada de um contexto pessoal, social e cultural já não se sustenta mais.

Na esteira dessas transformações, a pesquisa qualitativa vem ganhando força nas últimas décadas, cuja metodologia permite que se focalize uma situação ou experiência de acordo com o contexto em que se produz, resultando em um conhecimento circunstanciado. Derruba-se o muro da precisão e da suposta neutralidade, erguido pelos ideais positivistas, para incluir a subjetividade do pesquisador, além de levar em conta os sentidos atribuídos pelos participantes às suas experiências pessoais (Turato, 2011). Flick (2009) resume o que caracteriza o estudo qualitativo quando diz que

a pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas

dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo. (Flick, 2009, p. 16)

Stake (2011) pondera que a característica mais marcante da pesquisa qualitativa é o fato dela ser eminentemente interpretativa, de se configurar como uma batalha constante com os significados, pois trabalha com o detalhamento de complexas experiências humanas. Na busca pela construção de sentidos, a capacidade de empatia do pesquisador se torna também um instrumental importante de pesquisa. Entretanto, Flick (2009) e Stake (2011) alertam para os riscos do pesquisador se deixar guiar tão somente pela empatia, ficando alienado do conhecimento já adquirido na sua área de pesquisa.

Para evitar o solapamento da riqueza advinda da pesquisa qualitativa, Stake (2011) recomenda o constante diálogo com a literatura científica e com a teoria de base utilizada, questionando a teoria a partir dos achados da pesquisa e da literatura, por meio da triangulação (Flick, 2009; Stake, 2011). Neste processo, as interpretações do pesquisador podem ser questionadas por juízes independentes e relacionadas ao estado da arte na área, potencializando a ampliação dos sentidos encontrados e evitando que o pesquisador se feche sobre seus resultados num movimento solipsista, em prol da abertura à comunidade científica e à realidade cotidiana.

Na concepção de Stake (2011), algumas características da pesquisa qualitativa funcionam como balizas para o pesquisador, assinalando uma ruptura epistemológica com o positivismo e sua metodologia. Todo estudo qualitativo é *interpretativo*, estando o processo de investigação científica dependente do olhar do pesquisador, de seu recorte do objeto de estudo, e da forma pela qual os eventos serão descritos por ele. Descrição de fenômenos e busca de sentidos são palavras norteadoras neste tipo de pesquisa, e é nesta trilha que esta pesquisa de doutorado se insere.

Stake (2011) também destaca que o estudo qualitativo é *experencial*, visto que a atividade do pesquisador focaliza as experiências vividas pelos participantes. Não há como realizar uma pesquisa qualitativa sem incluir a subjetividade do pesquisador, mas esta pode tanto auxiliar quanto dificultar o processo de investigação (Flick, 2009). Conseqüentemente, a pesquisa qualitativa torna-se mais vulnerável a falhas que podem estar associadas ao viés

do pesquisador sobre determinado assunto ou à sua falta de conhecimento em um determinado campo de pesquisa.

A pesquisa qualitativa também é *situacional* (Stake, 2011), na medida em que propõe a contextualização do fenômeno investigado, que passa a ser interpretado de acordo com a situação particular em que se expressa. Todavia, ao mesmo tempo que se aprofunda no específico, pode dialogar com aspectos mais gerais, partindo da premissa de que o homem vive sempre na interface com um contexto, influenciando e sendo influenciado por ele.

E para finalizar, Stake (2011) assinala o caráter *personalístico* da pesquisa qualitativa, quando busca compreender as percepções pessoais dos participantes da pesquisa, além de considerar o pesquisador como componente essencial da mesma.

### 3.2. Pesquisa Narrativa

Dentre os diversos recursos metodológicos no campo da pesquisa qualitativa, elegemos o narrativo, na medida em que permite a expressão de vivências pessoais que, por suas características intrínsecas, também pode lançar luz sobre a experiência humana que é compartilhada em um contexto sociocultural mais amplo. Assim podemos afirmar que a narrativa participa praticamente de quase todas as atividades humanas.

As narrativas dominam o discurso humano e são fundamentais para os processos culturais que organizam e estruturam a ação e a experiência humanas. Elas oferecem um processo de fazer sentido que é fundamental para entender a realidade humana. As narrativas permitem que as experiências humanas sejam vistas como socialmente posicionadas e culturalmente fundamentadas. As experiências humanas são apresentadas como parte de uma versão compartilhada da realidade, que pode facilmente se reproduzir. Além disso, as narrativas não são meras descrições da experiência, elas são performativas, oferecendo estruturas para a ação humana. Eles oferecem respostas pragmáticas e persuasivas para lidar com os eventos da vida<sup>2</sup>. (Hiles & Cermak, 2008, p. 149, tradução nossa)

---

<sup>2</sup> Narratives dominate human discourse, and are foundational to the cultural processes that organize and structure human action and experience. They offer a sense-making process that is fundamental to understanding human reality. Narratives enable human experiences to be seen as socially positioned and

Na área da saúde, a narrativa tem predominado tanto no campo da pesquisa quanto no das intervenções (Campos & Furtado, 2008; Lira, Catrib & Nations, 2003; Nunes, Castellanos & Barros, 2010; Onocko-Campos et al., 2013; Rabelo, Alves & Souza, 1999;), possibilitando aos narradores o reconhecimento e a inclusão de suas vivências no universo do humano. Como a narrativa aglutina elementos históricos, sociais e individuais, oferece ao pesquisador uma ampla gama de possibilidades de interpretação da experiência vivida (Andrews, Squire & Tamboukou, 2013), o que aponta para a polissemia das narrativas.

Benjamin (1936/1992) destaca que a narrativa insere o homem em um tempo histórico, pois carrega tanto elementos individuais, quanto elementos coletivos que dizem respeito à cultura e ao contexto sócio histórico em que a narrativa foi escrita ou ao qual se refere. Desse modo, toda narrativa congrega a singularidade e a coletividade, tecidas nas mãos hábeis do narrador.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (Benjamin, 1936/1992, p. 204)

Benjamin assinala como uma das funções da narrativa não deixar que o passado caia no esquecimento, revelando sua preocupação com a progressiva perda moderna na capacidade de narrar, uma vez que ao contar uma história, lembramos e recriamos uma experiência vivida, procedendo a um resgate atualizado do passado, dando a ele um significado novo e sempre polissêmico. Para Gagnebin (2006), esta rememoração através da narrativa

implica uma certa ascensão da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abra-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalçado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à

---

culturally grounded. Human experiences are rendered as part of a shared version of reality, which can easily reproduce itself. Moreover, narratives are not merely accounts of experience, they are performative, offering frames for human action. They offer pragmatic and persuasive responses to deal with life's events. (Hiles & Cermak, 2008, p. 149)

lembrança nem às palavras. A rememoração, também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente. (p. 55)

Condizente com Benjamin (1936/1992) e Gagnebin (2006) podemos concluir que o narrar não se resume a repetir o passado, mas propõe a criação de novos sentidos, a partir de novos olhares sobre o que é narrado. Cada narrativa empresta novos significados ao passado que é narrado de forma encarnada no presente, que em breve será futuro, propiciando novo fluxo de narrativas e sentidos. De certa forma, a narrativa se aproxima da figura do deus romano Janus, que com suas duas faces olha, ao mesmo tempo, para o passado e para o futuro, para o dentro e o fora, para o começo e o fim, produzindo um efeito de atemporalidade na experiência humana. Narrativa e experiência humana são, de certa forma, indissociáveis. Hiles e Cermák (2008) apontam nesta mesma direção, ao afirmarem que “as narrativas não apenas registram os fatos e eventos, mas também oferecem os meios para a construção de sentidos a partir do caos da experiência vivida”<sup>3</sup> (p. 148, tradução nossa).

Ricoeur (1994) destaca que a narrativa permite a atribuição de sentidos à experiência humana, pois o tempo se torna humano na medida em que a experiência pode ser narrada, de modo que as narrativas passam a ter uma função de ligação entre as pessoas. Além disso, as narrativas dão sentido ao fazer humano, que passa a ter uma intenção e uma finalidade, tornando suportável a experiência do viver: “O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (Ricoeur, 1994, p. 131).

Para Reissman (2008) o uso de uma metodologia que inclua a narrativa se oferece como um recurso na aproximação a pessoas em momentos de crise ou de intensa transformação, como é o caso da transição para a paternidade. O uso da narrativa na pesquisa permite ao homem narrar sua história a seu próprio

---

<sup>3</sup> Narratives do not only record facts and events but also offer the means for constructing meaning out of the chaos of lived experience. (Hiles & Cermák, 2008, p. 148)

modo, em um processo interativo com o pesquisador que deixa o lugar de mero entrevistador para tornar-se co-construtor do conhecimento.

### **3.3. Narrativa e Psicanálise**

Vários autores da psicanálise têm feito uso de narrativas para pensar a prática analítica dentro e fora do consultório e ampliar o alcance do pensamento psicanalítico (Emerson & Frosh, 2004; Ferro, 2005; Frosh & Young, 2008; Ogden, 2005; Spence, 2003; Stern, 2009), destacando a potencialidade do narrar na construção e compreensão dos fenômenos humanos. O narrar acompanha a psicanálise desde seus primórdios até o momento atual, sendo um método dialógico que permeia todo o processo psicanalítico. O paciente narra sua vida ao psicanalista, que através de suas percepções e interpretações participa da composição de uma nova narrativa sobre a vida do paciente, buscando criar novos significados para a experiência vivida, dando sentido a elas. A este processo de tecer os fios da experiência humana a quatro mãos, criando narrativas com novos sentidos para a dupla, costumamos chamar de trabalho analítico.

O pesquisador que utiliza narrativas tem acesso a um vasto material, muitas vezes complexo, que pode ser estudado em diversas camadas de significância (Breakwell et al, 2010, p. 271), pois esta metodologia tem um potencial ímpar para explorar questões singulares. A narrativa possibilita a expressão de estados afetivos únicos, ao mesmo tempo em que veicula de forma indireta as concepções sociais nas quais foi produzida (Bruner, 1987). Ao ouvir uma narrativa, tomamos contato com o drama humano, com as experiências concretas descritas e vividas no teatro da vida (Politzer, 1928/2004).

O uso de narrativas permite uma aproximação dramática aos campos de sentido afetivo-emocional desencadeados pelo tema em estudo, os quais são aqui compreendidos como sistemas de regras lógico-emocionais (Herrmann, 2001) que subjazem à conduta humana (Bleger, 1963/1989), seja ela pessoal, social ou culturalmente esboçada. A narrativa é fruto de uma produção intersubjetiva, na qual narrador e leitor se encontram, gerando em ambos ressonâncias afetivas com grande potencial transformador (Aiello-Vaisberg &

Granato, 2006), se aproximando do conceito de espaço transicional winnicottiano (Winnicott, 1975).

Ao criticar a psicanálise e o pensamento psicológico do início do século XX, Politzer (1928/2004) assinala uma tendência da psicologia e da psicanálise a se constituírem como uma metafísica. Para Politzer, de nada adianta uma psicologia reduzida à análise de categorias abstratas, desarticuladas do contexto e da realidade humana. Este é o caminho usual da psicologia clássica, e muitas vezes da psicanálise, quando se atém à metapsicologia e perde de vista a questão do sofrimento humano. A realidade, em seu sentido dramático, é expressa não pela introspecção, ferramenta típica da psicologia clássica, mas pelo relato.

Freud deve substituir a introspecção pelo *relato*. Por ser o fato psicológico um segmento da vida de um indivíduo singular, não é a matéria nem a forma de um ato psicológico o que interessa, mas o *sentido do ato*, e isso não pode ser esclarecido senão pelos materiais que o sujeito fornece no relato. (Politzer 1928/2004, p. 85, grifos nossos)

Curioso perceber que a pesquisa qualitativa, em consonância com o que Politzer defendia, dá ênfase ao relato, ao narrado, à narrativa, sendo esta uma de suas importantes ferramentas de pesquisa. Destacamos também, no trecho citado acima, a importância da *atribuição de sentido ao ato*, tomando o relato como um componente na constituição da subjetividade humana (Bruner, 1997).

Para Herrmann (2001), a psicanálise não é definida pela miríade de teorias e técnicas que dela nasceram, mas pelo seu método que é essencialmente associativo e interpretativo: “A psicanálise é o método interpretativo em ação, não uma teoria” (Herrmann, 2004, p. 48). Segundo Aiello-Fernandes, Ambrósio e Aiello-Vaisberg (2012), a psicanálise é um método que investiga “processos concretos e encarnados de produção de sentidos emocionais” (p. 310). A partir destas afirmações, podemos compreender a psicanálise enquanto um método que permite investigar os sentidos afetivo-emocionais subjacentes à conduta humana.

No presente trabalho, tomamos a psicanálise não como um método rígido a ser seguido, mas como uma postura global que sustenta o pesquisador em suas condutas, reflexões e interpretações das narrativas construídas, na qual a

polissemia de significados se expressa. Frosh & Young (2008) abordam este aspecto da pesquisa em psicanálise, especificando que

A possível contribuição da psicanálise deriva da sofisticação de suas ideias sobre o investimento emocional e a fantasia, que podem oferecer um "espessamento" ou enriquecimento da compreensão interpretativa trazida para sustentar as narrativas pessoais, especialmente aquelas decorrentes de situações de entrevista<sup>4</sup>. (Frosh & Young, 2008, p. 110, tradução nossa)

Assim, faremos uso de um recurso narrativo como via de acesso ao drama vivido pelos participantes deste estudo ao longo do processo de transição para a paternidade. Somado ao método narrativo, destacamos a psicanálise enquanto referencial teórico-clínico que embasa a postura do pesquisador bem como suas reflexões, permitindo a ele um olhar diferenciado quando este se debruçar sobre o material narrativo colhido, a fim de interpretá-lo.

Migramos de uma concepção de narrativa como procedimento que permite ao psicanalista tanto o acesso à experiência emocional como a sua comunicação, para o reconhecimento de que o próprio narrar se constitui como processo de elaboração do viver. Seja organizando ou planejando, seja dando um sentido às experiências, como defendem os terapeutas narrativos, é fato que o narrar existe como atividade humana espontânea, desde que se instaure um ambiente propício à sua consecução (Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2011, p. 159).

Neste contexto, o pesquisador lançará mão de seus conhecimentos teóricos e técnicos psicanalíticos para instrumentalizar a escuta psicanalítica que o colocará em situação de acolhimento das necessidades de seus participantes no momento do encontro sem, contudo, perder de vista os objetivos de sua pesquisa. Na etapa de análise do material colhido, também a psicanálise contribuirá como base teórica de compreensão dos sentidos comunicados pelos participantes em seus encontros com o pesquisador.

---

<sup>4</sup> The possible contribution from psychoanalysis derives from the sophistication of its ideas about emotional investment and fantasy, which can offer a 'thickening' or enrichment of interpretive understanding brought to bear on personal narratives, especially those arising out of interview situations. (Frosh & Young, 2008, p. 110)

### 3.4. Narrativa Interativa

O recurso investigativo denominado Narrativas Interativas (NI) foi criado no contexto de pesquisas sobre a maternidade e seus imaginários coletivos (Granato & Aiello-Vaisberg, 2011; 2013; 2016; Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2011), com o objetivo de ampliar a investigação psicanalítica, usualmente restrita à clínica, para o campo da pesquisa. A NI consiste em uma história fictícia, criada previamente pelo pesquisador sobre o tema que pretende investigar, cujo desfecho permanece em aberto para que o participante o elabore livremente.

A NI se desenrola sobre um campo investigativo dialógico que associa o lúdico ao dramático, conforme Granato, Corbett e Aiello-Vaisberg (2011) assinalam, uma vez que se vale do registro ficcional para proteger a privacidade dos participantes e, nesse sentido, facilitar a livre expressão dos afetos. Seu uso implica no reconhecimento e valorização da subjetividade do pesquisador como coparticipante, ao longo de todo o processo de investigação, postura condizente com a busca de rigor na abordagem qualitativa.

A utilização de Narrativas Interativas por nosso grupo de pesquisa (Aching, 2013; Aching & Granato, 2016; Aching, Biffi & Granato (2016), Biffi, 2014; Biffi & Granato (no prelo); Dester, 2015; Granato & Aiello-Vaisberg (2016); Jurado, 2013; Miranda, 2016; Miranda & Granato (no prelo); Moraes, 2012; Moraes & Granato (2014), Paiva, 2014; Paiva & Granato, 2014; Tasca, 2014), sugere sua aplicabilidade como recurso flexível e, portanto, adaptável a diversos temas de pesquisa. Este procedimento mantém afinidades com o conceito winnicottiano de espaço transicional, pois possibilita um encontro investigativo em um contexto que é imaginativamente compartilhado pelas pessoas envolvidas.

Como recurso dialógico e lúdico (Winnicott, 1975), as narrativas interativas propiciam ao pesquisador a abordagem de temas variados de modo breve, profundo e não invasivo, pois se aproxima delicadamente desta temática através de personagens fictícios e não indagando diretamente sobre os sentimentos dos participantes da pesquisa, respeitando assim sua subjetividade, potencialidades e limitações. (Moraes & Granato, 2014)

Tendo em vista a potencialidade da NI como meio de acesso aos sentidos afetivo-emocionais, elaboramos para este estudo sobre a transição para a paternidade a história de um jovem casal heterossexual que conversa na sala de espera de uma clínica, enquanto aguardam a realização de um exame de ultrassom.

*Marcos estava com a cabeça cheia de ideias. Como ele vai ser? Será que vai ter todos os dedos e ser perfeito? Será que vai gostar de mim? Será que eu vou conseguir cuidar dele? Estas e outras perguntas sem resposta iam e vinham em seus pensamentos, enquanto esperava, ao lado de Sabrina, na sala de espera da Radiologia. Eles iam fazer um ultrassom para ver se Felipe, agora com cinco meses de gestação, estava bem.*

*Tudo tinha corrido bem até aqui. Sabrina teve uma gestação tranquila, sem problemas médicos. Marcos estava feliz, mas também preocupado, mas não sabia bem o porquê. Sabrina percebeu seu desconforto e perguntou:*

*– Marcos, está tudo bem com você?*

*– Está, amor, mas me sinto esquisito. Ter um filho chegando é uma grande alegria, mas também dá medo. Quero ser um bom pai para ele. As mudanças em nossa vida serão tão grandes que fico receoso... Será que dou conta?*

*– Você tem tudo para ser um bom pai, Marcos!*

*Porém, ainda inseguro, Marcos questiona a esposa:*

*– Mas como é que você tem tanta certeza?*

### **3.5. Participantes**

Participaram deste estudo seis casais de adultos heterossexuais voluntários, com idade entre 26 e 40 anos, independentemente de estado civil, escolaridade, profissão, religião, ou nível socioeconômico. A opção pela faixa etária decorre do fato de ser a mais frequente para o nascimento do primeiro filho (cerca de 70 % das gestações no Brasil, segundo o IBGE, 2011), além de diferenciar nosso estudo daqueles que tomam como objeto de estudo a gravidez na adolescência ou a parentalidade tardia, os quais já se consagraram como

áreas específicas na pesquisa acadêmica e extrapolam os objetivos deste estudo.

Foram considerados casais todos aqueles que se declararam casados ou que viviam em união estável há pelo menos seis meses, pois consideramos a necessidade de um período de convivência mínima para que o casal conceba imaginativamente as mudanças psicológicas e atitudinais que marcam a transição para a paternidade.

Como determinadas situações de vida, tais como pobreza, doenças crônicas e morte traçam um percurso próprio rumo à paternidade, foram excluídos os casais com história prévia de aborto, transtornos físicos, mentais ou emocionais crônicos e incapacitantes, ou que estivessem em situação de vulnerabilidade social, de modo a permitir o recorte do processo de transição para a paternidade não associado a quadros específicos de sofrimento.

### **3.6. Procedimento**

Os casais foram convidados a participar por intermédio de um médico ginecologista que, ciente dos objetivos e métodos deste estudo, consentiu (Anexo I) em auxiliar o pesquisador, sugerindo dentre seus clientes aqueles que estavam realizando o acompanhamento pré-natal pela primeira vez. O pesquisador entrou em contato com os possíveis participantes, via telefone, explicando inicialmente às mulheres grávidas os objetivos da pesquisa. Antes de confirmar sua participação na pesquisa, as gestantes preferiram conversar com o companheiro. Com o consentimento de ambos os cônjuges foram agendadas entrevistas nas residências dos participantes, por meio de novo contato telefônico, conforme a sua preferência quanto à data e ao horário. Os encontros ocorreram usualmente no período da noite ou aos finais de semana.

Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos a serem utilizados, os cuidados éticos que garantiriam o sigilo do material colhido, bem como de seus dados de identificação, além da relevância científica e social do estudo. Desde o início, os participantes foram informados que as entrevistas não tinham objetivos terapêuticos, mas investigativos, e que havendo necessidade de um acompanhamento terapêutico eles poderiam ser

encaminhados, se assim o desejassem, a um serviço de atendimento psicológico. Tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Anexo II), no qual é enfatizado o caráter voluntário de sua participação, bem como a possibilidade de se retirarem a qualquer momento do estudo. Foram assinadas as duas vias do TCLE, ficando o casal em posse de uma delas, enquanto o pesquisador guardou a segunda, em arquivo confidencial.

Foram realizadas três entrevistas semiestruturadas com cada casal em momentos que, segundo a literatura da área, marcam o processo de transição para a paternidade:

1. último trimestre de gravidez da mulher
2. trabalho de parto/nascimento (proximidade do parto e primeiro mês de vida do bebê)
3. pós-natal (entre o nascimento e o segundo trimestre de vida do bebê)

No primeiro encontro, depois das apresentações e explicações sobre os objetivos e método da pesquisa, foi apresentada a Narrativa Interativa como uma estratégia de focalização do tema, a ser investigado em todas as entrevistas, funcionando como uma pergunta norteadora. Destacamos que a NI poderia ser completada individualmente pelos cônjuges ou pelo casal, se assim o preferissem. Além disso, a NI poderia ser escrita de próprio punho pelos participantes, ou ditada ao pesquisador, que registraria a história narrada. Finalizada esta primeira parte do procedimento, seguiu-se um diálogo com o casal, buscando expandir e aprofundar as associações desencadeadas pela NI sobre suas experiências durante o período de gravidez.

A segunda entrevista ocorreu após o parto, entre o primeiro e o segundo mês de vida do bebê, novamente através de uma entrevista semiestruturada, orientada pela questão norteadora “Como foi o nascimento do bebê?”, cujo objetivo era facilitar a livre expressão do casal em termos das experiências vividas durante o processo de parto e os primeiros contatos com o bebê. Caso as associações ficassem mais restritas à experiência da mãe, uma segunda questão permitiria que o casal retomasse a narrativa em relação ao exercício da paternidade: “Como estava o pai no parto?” O mesmo se deu com a questão que norteou, nesta entrevista, a narrativa do casal sobre as primeiras experiências com o bebê: “E como foram os primeiros dias com o bebê? Como foi para o pai?”

O terceiro encontro, realizado entre o terceiro e o sexto mês de vida do bebê, foi norteado pela questão: “Como tem sido cuidar do bebê desde o nosso último encontro?” Caso o pai demonstrasse dificuldade para se expressar, outra questão era acrescentada: “E como o pai tem vivido este período?” Desse modo, buscamos descortinar o campo da experiência parental concreta em termos de sua singularidade, expectativas, satisfações e frustrações, e também o modo como o casal elabora a função paterna, sendo esta uma perspectiva ainda pouco explorada na pesquisa científica.

As questões norteadoras abordam a parentalidade como processo que conjuga maternidade e paternidade, não apenas porque são experiências articuladas e, portanto, indissociáveis, mas porque nos interessa o modo como aquele casal constrói a paternidade. Esta estratégia nos permitiu apreciar o interjogo das funções materna e paterna, além das percepções da mulher sobre o percurso emocional do homem que se torna pai, o que vem agregar ao estudo sobre a paternidade este aspecto inovador.

Todos os encontros foram registrados pelo pesquisador, logo após seu término, sob a forma de relato livre, com o objetivo de descrever o contexto do encontro com os participantes, os diálogos e expressões emocionais, as associações do pesquisador e dos participantes sobre o tema investigado, além das impressões pessoais do pesquisador, compondo assim um material produzido dialogicamente para posterior análise interpretativa.

Ao final, obtivemos 6 Narrativas Interativas elaboradas pelos casais, além de 18 relatos livres, referentes aos três encontros com cada um dos seis casais participantes, que foram posteriormente elaborados como narrativas transferenciais (NT). As NT são registros do acontecer clínico (Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron, & Beaune, 2009) que incluem as associações e percepções do pesquisador, bem como o clima emocional em que ocorreram estes encontros, procurando comunicar aos leitores a experiência emocional vivida nas entrevistas. Assim, as NT contemplam, além do relato da entrevista, as associações livres do pesquisador que, consciente ou inconscientemente, comunica o referencial teórico-clínico adotado, a sua experiência pessoal e profissional no campo da paternidade, em termos das próprias concepções, crenças e expectativas.

### 3.7. Análise das Narrativas

As narrativas transferenciais foram discutidas no espaço dialógico do grupo de pesquisa no qual este projeto se insere, buscando ampliar as possibilidades de interpretação do material, bem como aprofundar o rigor da pesquisa, mediante a triangulação dos intérpretes (pesquisador responsável e demais membros do grupo de pesquisa), visando a discussão dos resultados com aqueles comunicados pela literatura especializada da área.

Essa análise interpretativa tem o objetivo de compreender os sentidos afetivo-emocionais atribuídos pelo casal à experiência vivida durante o processo de transição para a parentalidade, cujo enfoque deve recair sobre o processo de construção da paternidade. Os sentidos encontrados interpretativamente foram organizados em campos de sentido, compreendidos como organizadores das relações intrapsíquicas e intersubjetivas que trazem em si elementos tanto do psiquismo individual quanto do social (Herrmann, 2004), modificando a forma de compreender e agir diante da vida (Paiva, 2014). Segundo Aiello-Vaisberg e Ambrosio

Campos de sentido afetivo-emocional são regiões de sentido que se configuram a partir de regras e ordenação próprias, para se constituir como substrato afetivo-emocional de todas as condutas humanas. Tais campos, vale notar, são o fundo a partir do qual emergem todas as manifestações de conduta que, por seu turno, produzem novos campos. (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2006, p. 12)

Temos como material de análise, portanto, as Narrativas Interativas (NI) e as narrativas transferenciais. Condizente com a proposta deste trabalho de estudar a transição para a paternidade, agruparemos as NI de cada casal e as NT dos encontros, que se deram em três tempos, seguindo uma orientação cronológica das entrevistas.

O olhar psicanalítico integra a análise das narrativas, enquanto instrumento acurado para acessar os campos de sentido emocional subjacentes às produções narrativas, levando em conta as situações transferenciais e socioculturais que compõem a malha semântica de cada entrevista. Condizente

com Frosh e Young (2008), destacamos a importância do contexto emocional e relacional no qual uma interpretação é produzida, tornando-a provisória, pois se limita às condições nas quais foi produzida.

## RESULTADOS

---

Apresentamos a seguir as narrativas criadas pelo pesquisador à partir de cada entrevista realizada com os casais. Optamos por manter a construção narrativa do texto em primeira pessoa, garantindo assim uma maior similaridade ao contexto na qual foram produzidas. Os nomes dos participantes foram alterados durante a narrativa, buscando preservar o sigilo preconizado por uma conduta ética e de respeito aos mesmos.

#### 4.1. Casal 1

##### *Primeiro Tempo*

Conheci Flávio na primeira visita que fiz ao casal. Advogado na área cível, com 40 anos de idade, mostra-se no início da entrevista um pouco reservado, mas sorridente. Faz uso de um português impecável e procura conjugar os tempos verbais com perfeição. Diana tem 36 anos, é professora de duas classes de pré-escola, e é formada em pedagogia. Muito falante e expansiva, estava ansiosa para contar sobre a experiência de estarem grávidos. Nesse primeiro contato, uma Bíblia aberta ao lado da televisão e um quadro enorme de Nossa Senhora de Guadalupe, pendurado em uma das paredes da sala onde me receberam, chamam muito a minha atenção. Estes sinais concretos, a Bíblia e o quadro, pareciam prefigurar um elemento importante na vida do casal e que se tornou recorrente nas entrevistas: o papel do sagrado em suas vidas. Falaremos mais sobre este aspecto adiante.

Flávio começa a contar que estão casados há 11 anos, mas Diana o interrompe e o corrige, dizendo que ainda faltam dois meses para 11 anos. Flávio se contém, embora visivelmente irritado, e retoma a sua narrativa:

*Quando decidimos casar, tínhamos comprado esta casa, mas ela era muito pequena. Tivemos que derrubar as paredes e morar num cubículo sem espaço, faltava espaço. Essa reforma era pensando em ter filhos, mas naquela época nenhum de nós se sentia preparado para ser pai ou mãe. Eu morava sozinho e morar com ela foi muito difícil, pois eu tinha as minhas manias e às vezes, me sentia invadido.*

Flávio fala de sua dificuldade para abrir espaço em sua vida para a parceira com quem passou a compartilhar seu espaço físico e seus sonhos. Ter uma companheira (do latim cum = comer + panis = pão) é comer do mesmo pão, sovado na realidade do dia a dia, “na alegria e na tristeza, na saúde e na doença”. Derrubar as paredes e ampliar a casa é criar concretamente um espaço para Diana participar mais intimamente de sua vida. Sem derrubar algumas barreiras dentro de si, a possibilidade de uma vida a dois e, posteriormente, do exercício de uma paternidade saudável, seria muito difícil. Porém, é difícil abandonar manias e formas de ser e estar no mundo, abrindo espaço para a partilha, sem sentir o medo da invasão ao seu self. Uma vida a dois traz muitas possibilidades de crescimento pessoal e do casal, mais ainda quando pensamos na questão do tornar-se pai (Eerola & Huttunen, 2011).

Um ano após o casamento, começaram a tentar engravidar, mas sem sucesso. Foram a vários médicos, que lhes pediram uma bateria de exames, sem nunca terem chegado a qualquer diagnóstico. Os amigos os incentivavam a relaxar, argumentando que se assim o fizessem, talvez conseguissem engravidar. Entretanto, a intensidade do desejo de engravidar comprometia qualquer tentativa de relaxar: *“A angústia ia aumentando e ficávamos nos sentindo como se fôssemos estragados. Por que todo mundo conseguia e a gente não?”* (sic).

Esse casal mostra seu sentimento de incompetência frente a uma suposta infertilidade, acompanhado de suspeitas de problemas físicos. Esta impossibilidade tem profundas repercussões na autoimagem de cada um, pois, como aponta o estudo de Leite e Frota (2014), estes casais

Sentem-se feridos no seu orgulho de ser homem e de ser mulher quando amputados de sua função reprodutiva. De um modo geral, uma vez que o desejo de maternidade e paternidade se relaciona intimamente com as vivências particulares de cada sujeito, a experiência emocional da infertilidade possui, da mesma forma, um caráter eminentemente singular. (Leite & Frota, 2014, p. 152)

Flávio busca na religião uma explicação para esta situação, quando supõe que Deus tivesse outros planos antes da gravidez. Desse modo, esta espera teria algum sentido, algum significado, que contribuiria para o crescimento do casal.

*Se a gente não estava conseguindo engravidar, algum motivo deveria ter. Deus queria que a gente fizesse outras coisas antes. Depois de quatro anos mudando de médicos, descobrimos uma endometriose oculta em Diana, não detectável em exames, mas ainda assim não engravidamos. Aí passamos por um médico imunologista que descobriu que o corpo dela fabricava anticorpos contra meu corpo, e por isso não engravidávamos. Fizemos outro tratamento por dois anos, à base de vacinas, e agora conseguimos engravidar.*

O corpo de Diana trazia em si duas surpresas: uma endometriose escondida, indetectável, que não permitia a fecundação, além de uma rejeição imunológica ao esperma do esposo, sentido pelo corpo de Diana como uma ameaça invasiva a ser combatida. Quais seriam as marcas deixadas no psiquismo do casal por estas vivências? Possivelmente, de teor persecutório, na medida em que Diana se defende de algo externo que pode causar dor, sofrimento, morte.

Diana enfatiza a vivência de uma longa espera por este filho, durante oito anos infrutíferos, e aguardam a chegada do tão esperado bebê, agora com 34 semanas de gestação. Mostra a barriga e, rindo, me comunica como está se sentindo cada vez mais à vontade para falar de si: *“O Flavinho deve estar gostando da conversa! Ele não para de pular desde que você começou a conversar com a gente. Acho que ele gostou de você, Cleber”* (sic). Em um movimento transferencial, Diana traduz os movimentos do bebê em seu ventre como testemunho do vínculo de confiança que está se estabelecendo entre ela e eu.

Todos rimos e aproveito para apresentar ao casal a Narrativa Interativa (NI). Proponho ler a narrativa primeiro, para que eles decidam como preferem fazer o registro. Logo após a leitura da NI, Flávio decide que ele será o autor da narrativa do casal e começa a ditá-la para mim. Sua esposa se cala e fica a observar.

*Marcos estava com a cabeça cheia de ideias. Como ele vai ser? Será que vai ter todos os dedos e ser perfeito? Será que vai gostar de mim? Será que eu vou conseguir cuidar dele? Estas e outras perguntas sem resposta iam e vinham em seus pensamentos, enquanto esperava, ao lado de Sabrina, na sala de espera da Radiologia.*

*Eles iam fazer um ultrassom para ver se Felipe, agora com cinco meses de gestação, estava bem.*

*Tudo tinha corrido bem até aqui. Sabrina teve uma gestação tranquila, sem problemas médicos. Marcos estava feliz, mas também preocupado, mas não sabia bem o porquê. Sabrina percebeu seu desconforto e perguntou:*

*– Marcos, está tudo bem com você?*

*– Está, amor, mas me sinto esquisito. Ter um filho chegando é uma grande alegria, mas também dá medo. Quero ser um bom pai para ele. As mudanças em nossa vida serão tão grandes que fico receoso. Será que dou conta?*

*– Você tem tudo para ser um bom pai, Marcos!*

*Porém, ainda inseguro, Marcos questiona a esposa:*

*– Mas como é que você tem tanta certeza?*

Quando termino a leitura, Flávio chorava, confirmando a veracidade da narrativa, pois disse ser assim mesmo que ele se sentia. Além disso, diante da própria explosão, acrescenta que não via nenhum problema em ser “chorão” (sic). Naquele instante, Diana sai da sala e volta com um porta-retratos nas mãos, como se quisesse comprovar a emotividade do companheiro: *“Esta foto eu tirei quando ele estava vendo o resultado do ultrassom aqui em casa. Ele ficou mais de meia hora parado, olhando as imagens e chorando”* (sic).

Quando olho a foto, fica nítida a postura de reverência de Flávio, como se estivesse diante de algo sagrado, transcendente, vivendo uma experiência de caráter quase religioso, o que condizia com a atmosfera que nos cercava naquela entrevista, onde o sagrado, o mágico e o idealizado se misturavam. A presença do sagrado foi algo recorrente nos contatos com esta família, que se percebe como sendo guiada pelos desígnios de Deus; a crença e a experiência do sagrado parecem imprimir um sentido especial aos fatos e acontecimentos diários, e também aos eventos nada rotineiros, dentre eles a gravidez.

Outro aspecto que se destaca é a materialidade do bebê, conferida pelo exame de ultrassom, por meio da qual o bebê ganha existência para o pai. Conforme apontado por Genesoni e Tallandini (2009), além de Picinnini et al. (2009), o ultrassom confere corporeidade ao bebê para seu pai, que não partilha de sua movimentação fetal como a mãe. Para alguns pais, o contato com o bebê estabelecido através do ultrassom favorece progressivamente o processo de desidealização da gravidez.

Conforme as associações de Flávio, há uma idealização do bebê e da gravidez que se mantém até o primeiro mês de vida do bebê, quando o casal tem de se confrontar com as questões do cuidado cotidiano. Os aspectos negativos deste processo de mudança tendem a ser negados, ressaltando-se quase sempre o lado positivo da paternidade (Gonçalves et al., 2013), tendência que se torna mais evidente na NI de Flávio, reproduzida logo abaixo. Antes de ditá-la, Flávio fica acariciando o tempo todo a barriga da esposa, expressando um misto de contemplação, alegria, medo e dor.

*Acredito que Marcos, ao passar pela sensação de ver o ultrassom e poder ver que no útero de sua esposa gera um filho seu, cuja batida do coração o estremeceu por inteiro, tamanha a sua emoção. E as dúvidas pairam, pois é seu primeiro filho.*

*Olhando para dentro de si, sentiu sua insegurança, não por medo, mas por desejar o melhor. Mesmo que Sabrina lhe transmitindo a segurança que necessita, seu coração transborda de inúmeros sentimentos que jamais havia experimentado, ainda fica inseguro.*

*Marcos sabe que desde aquele momento até o fim de sua vida, aquele serzinho indefeso e a sua esposa contarão com sua força, conhecimento e, principalmente, amor. Porque sabe que os três serão apenas um. Sabe também o quão suave e doce é o sabor de ser pai.*

*No decorrer da gravidez, Marcos percebeu uma situação curiosa: que onde eles estivessem, nesse período gestacional as pessoas vêm e paparicam a mãe e o bebê em seu ventre, ficando ele de lado. Ele sabe, também, que esse é o momento único na vida de sua esposa (começa a chorar), onde o milagre de Deus se faz presente em nossa vida e que ela experimenta sensações divinas, assim como a Mãe de Jesus.*

*Marcos brinca com a situação, falando que vai dar um desconto: no dia em que seu filho nascer, ele será o paparicado, o que ameniza um pouco a sua insegurança. Marcos em sua vida continuará a se questionar se será um bom pai, transferindo ao seu filho os valores de uma família cristã.*

A NI nos brinda com uma riqueza de aspectos sobre os quais discorrerei logo abaixo, lembrando que toda atividade interpretativa é sempre aberta a novas visitas e que, inclusive, o mesmo pesquisador pode encontrar nas narrativas novos significados não interpretados anteriormente.

Somado ao clima emocional da entrevista, a NI de Flávio me introduz no flerte deste pai com o sagrado: o filho é fruto de Deus, da vontade de Deus; sua esposa experimenta sensações divinas, como Maria, virgem e mãe. E ele?

Parece se identificar com a figura de José, que foi pai sem ter gerado o menino Jesus, mas que estava na função de oferecer muito amor e proteção àquela família santa. De certa forma, José estava excluído da relação entre Maria e Jesus. Flávio parece se colocar neste local de exclusão, onde deixa de ser “pararicado”, de ser olhado, para dar vez à esposa grávida e ao bebê, servindo assim ao que acredita serem os propósitos de Deus.

Flávio sente medo e insegurança diante do novo que se descortina com a chegada do filho. Não há como controlar ou prever todos os desdobramentos desse evento na vida do casal e em sua vida pessoal. Na NI, a esposa tenta tranquilizá-lo, transmitindo a segurança de que necessita, mas permanece o sentimento de ter sido excluído. É a mulher quem pisa e se adentra no terreno do sagrado, é ela quem carrega o bebê e vivencia sensações divinas em si, enquanto ele cede o lugar de protagonista para se tornar mero acompanhante.

O pai neste momento participa da cena enquanto servo, como aquele que assiste apenas, sem uma participação mais ativa. Certamente, esse sentimento de exclusão tem por base experiências anteriores de sentir-se deixado de lado, mas também comporta o medo do futuro, incontrolável e imprevisível. A maneira como Flávio narra o desejo de ser paparicado no nascimento do filho nos mostra o quanto o pai vivencia a inveja da mãe e desta relação ímpar que se estabelece entre mãe e filho durante a gravidez.

Talvez para não sucumbir diante de tamanha angústia, Flávio se apoia nas idealizações da unidade da família e também na idealização da própria paternidade, quando diz que “os três serão um” e “quão suave e doce é o sabor de ser pai”. Deste modo, ele se insere na díade mãe-bebê não como aquele que quebra a exclusividade da relação (Breen, 1993; Corneau, 1995), abrindo ao bebê a chance do novo (exogamia), mas como um elemento que partilha desta unidade, desta relação fusional (endogamia). As idealizações parecem estar escoradas no uso intensivo de racionalizações, que sustentam a crença de que ele também participa deste terreno sagrado, deixando de lado os sinais advindos da realidade de que as dificuldades no cuidar do bebê estão por vir. Deste modo, a fantasia de inclusão tem um caráter defensivo contra o sofrimento da fantasia de exclusão.

Há também na NI uma fala de Flávio que chama muito a atenção. Ele ressalta que seu filho indefeso e sua esposa contarão com sua “força,

*conhecimento e, principalmente, amor*”. A meu ver, aqui ele destaca, em ordem de importância, o que imagina serem as características mais relevantes da figura do pai. Apesar de ter destacado que a característica principal de um bom pai seria o amor, Flávio inicia sua escrita destacando a força. De maneira geral, esta parece ser uma referência ao modelo tradicional do pai enquanto provedor, muito embasada no uso da força, da autoridade, e da lei. Por outro lado, o amor e sua expressão afetiva com os filhos se coadunam com a expectativa social da atualidade acerca do novo pai, aquele que se envolve afetivamente com a família e com a rotina da casa. Apresento aqui a hipótese de que Flávio se encontra entre estes dois parâmetros, vivenciando um misto de posturas na busca de encontrar sua forma pessoal de ser pai. Neste sentido, o conhecimento, a razão, e a racionalidade funcionam como baliza que visa controlar ambos os extremos – a força e o amor.

O homem necessita abrir mão da condição de ser e se portar apenas como filho para se tornar pai, processo este que perpassa a biografia de cada um. Eu comecei a imaginar como estaria a relação de Flávio com seu passado, com sua história, com seus pais e irmãos. Ao longo das três entrevistas, Flávio narrou uma história entremeada por dificuldades e perdas, apresentando seu pai como um homem forte e incansável, que lhe serviu de modelo. E, neste aspecto, Diana parece admirar o marido e todo o seu esforço para vencer na vida.

*Meu pai foi um exemplo para mim (fala em tom solene, de reverência), trabalhava de sol a sol. Eu tenho sangue alagoano e pernambucano nas veias (bate com força no antebraço, mostrando as veias), acho que por isso sou tão batalhador, tão persistente. Meu pai foi esse exemplo de dedicação, nunca deixou faltar nada em casa. Isso ele pôde me dar. Já as outras coisas, outras pessoas foram me ensinando ao longo da vida, de cada uma aprendi uma coisa. Eu quero ser um pai bem presente para meu filho, dar a ele muito carinho e amor. Mas confesso que surge uma insegurança muito grande, o que não quer dizer que não esteja curtindo a gravidez.*

Para Flávio, seu pai foi um alicerce forte e seguro, mas tudo indica que pouco afetivo. Enquanto se prepara para a chegada de seu filho, Flávio se coloca tanto no lugar do pai que quer ser – afetivo, amoroso e presente, quanto no lugar do filho, que sente certa insegurança frente ao desafio de cuidar de uma criança. Como cuidar de alguém quando parece ter havido uma certa distância afetiva

entre pai e filho? Como estabelecer com uma criança uma relação afetiva intensa pai-filho, sem que a tenha vivido com seu próprio pai? Lembremos que, segundo Flávio, o papel que seu pai desempenhava era mais condizente com o papel de provedor do lar, papel que o homem ocupava 40 anos atrás, cabendo à mãe os cuidados diários, a educação e a relação afetiva com os filhos (Eerola & Hutunem, 2011; Gabriel & Dias, 2011).

Em relação à NI, Diana opta por não fazer a própria narrativa, alegando que o esposo descreve fielmente o que ambos sentem, e elogia o fato de Flávio ser muito participativo. Explica que ela e o médico preferem que o parto seja pela via cesárea, visto que o cordão está ao redor do pescoço do bebê. Declara seu desejo de que o esposo a acompanhe no parto. Porém, seu companheiro pensa diferente, pois gostaria que o parto fosse normal, e não via muito sentido em permanecer na sala de parto:

*Eu acho que vou poder fazer muito pouco lá, vou ser apenas um expectador. Não adianta nada eu estar lá e o médico ser inexperiente ou inseguro. Eu vou ficar do lado dela, mas quem vai fazer o trabalho é o médico.*

Entretanto, Diana se queixa, pois deseja ter o esposo consigo, dando-lhe suporte, já que a hora do parto se aproximava. Quando tento entender melhor este posicionamento de Flávio, ele se levanta, diz ser esta uma questão que ainda não estava fechada, me oferece água, comida e refrigerante, de modo a sinalizar o término da entrevista.

### *Segundo Tempo*

Na segunda entrevista, encontro Diana com o filho Flavinho no colo, onde permaneceu por todo o tempo, enquanto Flávio se sentou ao lado dos dois. A luminosidade da sala estava dosada, talvez para não sobrecarregar o bebê com muitos estímulos. Pergunto como passaram desde nosso último encontro, e Diana reconhece terem sido tempos difíceis, explicando que esteve muito angustiada no começo, pois tinha ficado muito sozinha. No parto, Flávio diz que

não pôde entrar com Diana no centro cirúrgico, mas não se mostra abalado e justifica o fato de sua presença ser dispensável.

*Eu não fiquei preocupado com eles no centro cirúrgico, pois eu sabia que a equipe médica era competente. Eu estava ansioso para saber se eles estavam bem. Como eu não podia fazer nada, fui para o quarto arrumar as coisas e depois para a capela rezar.*

Fico com a dúvida de Flávio não pôde entrar por motivos concretos ou emocionais; ele tem dificuldade de abrir mão do lugar de protagonista na cena do parto, restringindo-se a um papel de coadjuvante. Como “*não pôde fazer nada*”, busca controlar sua ansiedade pela oração e pela organização, mecanismos defensivos muito utilizados por ele. Talvez estivesse buscando abrigo e guarida para sua própria fragilidade e desamparo diante do nascimento do filho, pois não conseguia oferecer o suporte emocional (Winnicott, 1956/2000) esperado pela esposa.

A literatura nos aponta (Kowlessar, Fox & Wittkowski, 2014) a sensação descrita pelos pais de perda de função e de impotência dentro do centro cirúrgico e a intensa angústia sentida por ele durante o parto (Genesoni & Tallandini, 2009), mas também revelam alegria e felicidade por participarem deste momento único (Poh, Koh & He, 2014, Vieira et al. 2014).

Flavio narra seu primeiro encontro com o filho como tendo sido mágico, especial. Ele conta com detalhes este encontro, que se deu no berçário, novamente com expressão de contemplação, quase de êxtase. Porém, ao seu lado, estava Diana que me pareceu bastante entristecida:

*Eu fiquei me sentindo muito sozinha. No pós-parto, eu era a única mulher que tinha dado à luz naquele quarto escuro e grande. A enfermeira viu isso e veio sentar ao meu lado, isso aliviou bastante. No dia seguinte, ele voltou ao escritório para trabalhar. Eu fiquei com uma mulher a gravidez toda, ela me fez companhia até esta semana, mas amanhã ela vai parar de vir. Só de pensar nisso eu já fico com um vazio no peito, me dá um medo danado.*

Como a maioria das puérperas, Diana necessita de um ambiente seguro para que possa se dedicar inteiramente ao bebê (Winnicott, 1949b, 1987a). Há

um medo de não dar conta de tudo sozinha, já que Flávio voltou às suas atividades muito rapidamente, chegando em casa tarde da noite.

*Na primeira semana eu voltava para casa para ficar com eles, mas com o correr dos dias voltei a fazer como era antes, a levar a marmitta de casa e comer no escritório. Não compensava voltar para casa e eu fico tranquilo sabendo que a Diana cuida bem dele.*

E quem cuida da mãe, de sua solidão? *Estar “sozinha em um quarto escuro e grande”* remete a experiências infantis de desamparo, o qual foi amenizado pela enfermeira sensível que a acolheu no pós-parto. No entanto, a volta precoce de Flávio ao trabalho e a iminente perda da presença *“de uma mulher”*, uma acompanhante sem nome, potencializa em Diana o desamparo materno, incompreendido por ela. Certamente, ela não compreende porque o marido se afasta, nem que ele também se sente desamparado e sozinho (Höfner, Schadler & Ruichter, 2011), sofrimento do qual se defende voltando a um local onde possa dominar, controlar e se sentir útil e capaz. Ambos estão fragilizados, mas cada qual isolado em sua dor, sem poder contar com o parceiro. Tudo isso parece contribuir para o incremento da insegurança e tristeza de Diana, quando faz uma revisão do que foram os últimos meses.

*Se eu fosse ter um filho hoje, muita coisa seria diferente. Eu só topava ter um outro filho se ele ficasse comigo na hora do parto e não fosse trabalhar por uma semana para cuidar de mim e do nosso filho. Esse negócio de ficar sozinha, no começo, não dá certo.*

Flávio se sente acuado pela declaração queixosa da companheira, e parte para uma agressão velada (porque disfarçada com risos) contra mim: *“Como eu iria conseguir isso? Só se eu tivesse outra profissão, fosse psicólogo, talvez?”* (sic). Por que eu, enquanto entrevistador/pesquisador, psicólogo/psicanalista e pai, me torno alvo de sua ira? Talvez, em algum nível, imagine que eu possa ser um pai mais disponível e presente que ele, que não pode permanecer junto à esposa no parto. Opto por ficar em silêncio.

Diana ignora a justificativa do marido e continua sua argumentação, estendendo a necessidade do cuidado e da presença do pai para além do parto: *“E também tem que ficar mais com a família. Para a mãe se sentir mais segura, com menos medo. Senão, já fecha logo a fábrica e nada de outro filho”* (sic).

Como o clima vai ficando muito tenso, digo que eles estão tendo divergências sobre este tempo novo, agora com o filho. Quando pergunto se eles têm brigado muito, Flavio se apressa a justificar: “*Não, não brigamos, de jeito nenhum, apenas pensamos diferente e discutimos de um jeito saudável*” (sic), numa tentativa de diminuir a gravidade do conflito e a demanda da esposa.

O bebê ainda dorme no quarto dos pais, num berço ao lado da cama do casal, pois Diana receia que o bebê se engasgue e morra. Flávio não concorda com isso, mas sabe que assim ficam mais tranquilos, destacando o quanto estão focalizados no bem-estar do filho.

*A gente fica conversando sobre o que vai ser melhor para ele. Se ele quiser ser advogado ou outra profissão, a gente não vai se opor. O nosso papel vai ser o de sempre orientar, mas é ele que vai decidir que caminho seguir. A nossa vida agora está bem direcionada para ele.*

A vida do casal ficou mais restrita ao filho e à função parental. Diana como cuidadora do bebê em tempo integral, e Flavio como o provedor que permanece fora de casa a maior parte do tempo. Quando pergunto como está a relação conjugal, eles se entreolham, com certa tensão. Diana diz que estava difícil para se reaproximarem enquanto casal, porque ela queria ficar grudada no filho o tempo todo. Flávio meneia a cabeça, concordando com ela, mas novamente me oferece uma água ou suco, que interpreto como o seu sinal para finalizarmos a segunda entrevista.

Sansiriphun (2015) aponta uma redução da vida sexual do casal com a chegada dos filhos. Ambos se voltam para o cuidado do bebê, deixando de lado o cuidado com a relação conjugal. As falas de Diana e Flávio corroboram a literatura, além de uma certa postura estoica de suportar o sofrimento em função do bem-estar do bebê.

### *Terceiro Tempo*

Quando chego para a terceira entrevista, Diana me recebe com Flavinho no colo. Na sala, ela se senta num edredom colocado no chão, deixando o bebê

ao seu lado, que passa a brincar com vários objetos sonoros, sorrindo para mim. Interajo com ele brincando de “Cuca? Achou!” (sic). Ele ri muito e Diana fala, concluindo: *“Acho que ele gostou de você Cleber. Ele se lembra das outras visitas”* (sic). Novamente, o aspecto transferencial se manifesta através da relação com o bebê. Eu me pergunto novamente em que medida o fato de eu ser pai acaba mudando a rota da entrevista e, conseqüentemente, o manejo necessário para escutar o que eles têm a me dizer em termos do sentido subjacente ao conteúdo de sua fala.

Flávio chega logo em seguida, pedindo desculpas pelo atraso. O clima era de receptividade, mas me incomodava o olhar de Diana, que parecia cansada e entristecida. Lembro-me das entrevistas anteriores, em que ela falava da solidão e desentendimentos conjugais. Pergunto como eles passaram desde o nosso último encontro e Flávio me conta que tudo saiu diferente do que imaginou, aludindo à imprevisibilidade do bebê: *“Esquece tudo que eu falei, saiu tudo diferente. Uma coisa é a gente ficar imaginando, outra é viver no dia a dia cuidando dele”* (sic).

Dolto (1981) assinala que o ser humano já é marcado, desde sua existência pré-natal, pela forma com que é esperado pelos pais e, em seguida, pela sua existência real, que vem se opor a muitas das projeções inconscientes do casal. A lida diária com o bebê vai mostrando ao pai que a idealização de como seria seu filho não se sustenta na realidade. Como consequência, há uma maior aceitação da realidade e afrouxamento das defesas de Flávio, permitindo-lhe uma maior expressão afetiva, fato percebido por Diana.

*Ele mudou bastante. Ele é muito metódico, mas está um pouco mais flexível, mais sensível, mais afetivo. Quando eu conheci o Flávio ele era muito frio. Com o correr dos anos foi ficando um pouco melhor. Com o filho, ele fica parecendo uma manteiga derretida.*

Ao revisitar seu passado, Flávio hesita quanto ao modelo de pai que será capaz de seguir. Não encontra em si registros de um pai mais afetivo, mas de um pai que o ensinou a endurecer diante das dificuldades, deixando os sentimentos de lado: *“Eu sofri muito quando era criança, sabe? Passei uns maus*

*bocados na vida que eu nem gosto muito de lembrar. E eu tinha que sobreviver, não dava tempo de ficar me lamentando” (sic).*

Certamente, Flávio foi construindo algumas estratégias de sobrevivência física e emocional que permitissem a ele não ficar paralisado ou impotente frente às batalhas da vida. Um certo distanciamento emocional e um uso muito frequente de racionalizações parecem ter sido seu modo pessoal de sentir-se seguro e compreendido, bem como de evitar a dor. A chegada do filho modifica este panorama, desorganizando Flávio, mas também abrindo a possibilidade para que seus sentimentos encontrem uma via de expressão:

*Quando eu perdi meu pai, meu irmão, minha mãe e um tio, em 1998, minha vida estremeceu. Eu fiquei com o coração machucado e ele ficou revestido de chumbo, chumbado, para nada entrar nele. Com a Diana, essa chumbada diminuiu uns quarenta por cento, e agora com o Flavinho, mais uns cinquenta por cento. Mas tem uma parte de mim ainda muito fechada, que acho que vou levar para o resto de minha vida. É muito estranho porque ao mesmo tempo em que me sinto feliz, também sinto medo de como vai ser o futuro dele.*

O modo como Flávio experimentou suas perdas o isolaram afetivamente do mundo, em um processo defensivo que se fez necessário para que não sucumbisse diante da dor da perda. Ao se abrir com a chegada de seu filho, Flávio pode expressar o medo que sente, mas sem recorrer a defesas contra sua angústia. Curiosamente, Flávio assinala que levará para toda vida uma parte ainda muito fechada, o que me faz recordar Winnicott, ao falar do núcleo do self que permanece incomunicável, mesmo na saúde:

*Embora as pessoas normais se comuniquem e apreciem se comunicar, o outro fato é igualmente verdadeiro, que cada indivíduo é isolado, permanentemente sem se comunicar, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado. (Winnicott 1963/1983, p.170, itálico nosso)*

Diana concorda que Flávio é “*muito babão*” (sic) e participativo, mas acrescenta que eles têm se desentendido um pouco. Sente falta do esposo chegar em casa e perguntar como ela está, olhar um pouco mais para ela. Por sua vez, Flávio confessa que sente a mesma coisa, que se sente sobrecarregado com os cuidados do trabalho, da casa, e ainda conversar com a esposa. Eles

não conseguem enxergar as necessidades do parceiro, o que atinge diretamente a relação conjugal (Chin, Hall & Daiches, 2011).

*Estamos mais separados agora que antes do nascimento de nosso filho, mas tentando nos aproximar de novo. É difícil, pois ele ainda dorme com a gente no mesmo quarto. Estamos deixando de lado a vida de casal e estamos sofrendo com isso. E eu não gosto de me sentir deste jeito. Fora de casa, todo mundo admira a gente, nos acham bons pais e um bom casal. Eu não queria que fosse tudo diferente, que a gente fosse uma aparência enganosa apenas.*

Flávio se entristece com o fato da realidade vivida ser tão distinta da realidade imaginada. Há aqui, no entanto, uma possibilidade de ganho de maturidade emocional, quando Diana e Flávio percebem as diferenças entre o idealizado e o possível: sonhavam em se manter como um casal unido, mas têm de enfrentar a realidade concreta, que envolve os cuidados ao bebê e a busca de novos arranjos afetivos que possibilitem ao casal permanecer junto, ao mesmo tempo que garantem a satisfação das necessidades do filho. Diana também partilha desta tristeza e desgaste:

*Esta nova rotina tem me cansado bastante. Depois que eu cuido do bebê, eu quero mais é dormir e acabo deixando ele (o esposo), e ele fica chateado comigo, com razão. Acho que a gente vai acabar levando um tempo para retomar a vida sexual, porque à noite a gente não tem mais disposição para nada.*

Ao constatar a distância afetiva que o cuidado ao bebê impõe ao casal, Flávio lança mão de seus usuais mecanismos de defesa para minimizar as dificuldades pelas quais passam, concentrando suas energias no exercício da paternidade. Flávio se apoia na religiosidade para acreditar num futuro melhor. Todo o restante pode esperar.

*Acho que é uma questão de tempo até a gente se adaptar de novo. Temos um presente de Deus com a gente e ele é prioridade agora. O resto a gente vai vendo e se acertando. Bom, acho que é isso, Cleber. Você aceita um suco, uma água, um refrigerante?*

## 4.2. Casal 2

### *Primeiro Tempo*

Em janeiro de 2015, encontro com Efraim e Ágata pela primeira vez. Ele é engenheiro e tem 29 anos de idade enquanto ela é fisioterapeuta e tem 30 anos. Foram amigos por quase 20 anos e namoraram durante 9 anos. Estão casados há um ano e meio e completaram 38 semanas de gestação. Logo na entrada, Efraim me pede para não reparar na bagunça, pois havia estourado um cano de água na garagem, e ele estava buscando um pedreiro: *“Vida de casado é assim, a gente tem de ir aprendendo a se virar com as coisas. É uma novidade atrás da outra”*. E, sorrindo, me convida a entrar na casa.

Efraim e Ágata falam da satisfação em participar da pesquisa, e de como acham importante alguém estudar a paternidade. Fazem uma retrospectiva de seu relacionamento desde a adolescência, quando eram apenas amigos, até o casamento. Neste percurso, frisam a importância da religião católica em suas vidas, pois sempre participaram de grupos de jovens e hoje tocam na igreja.

Em seguida, explico o objetivo e método da pesquisa, além do termo de consentimento. Nesse ínterim, perguntam sobre minha vida pessoal, se sou casado e pai, quantos filhos tenho, e parecem visivelmente aliviados quando digo que tenho duas filhas. Este tipo de questionamento se repetiu com todos os casais entrevistados, refletindo a crença de que um entrevistador que já é pai será capaz de compreender o que se passa com eles nessa fase de intensa transformação.

Percebo que o terreno em que piso, junto com o casal, me coloca em uma posição diferenciada, não apenas como pesquisador, mas como alguém que já passou pela etapa que eles estão enfrentando. Esta proximidade impõe a mim um desafio, pois percebo que há uma identificação minha, enquanto pai, com Efraim, o que pode tanto facilitar quanto dificultar o desenvolvimento da pesquisa.

Ágata não se conforma com a forma como as pessoas encaram o casamento, quando se referem à perda da liberdade, que se acentua quando nascem os filhos: *“Sempre tentamos pensar diferente, porque casar e ter filhos não deveria ser um peso. Vamos enfrentar dificuldades e problemas, mas não*

*acredito que vá ser tão difícil assim*”(sic). Efraim concorda e assinala, com uma tranquilidade que chama a minha atenção, que só o tempo vai mostrar como será a experiência. Em seguida, passa a falar sobre sua comunidade na igreja católica, onde recebem suporte dos amigos que já tiveram a experiência de ter filhos, com quem vão aprendendo: *“Os irmãos da igreja e nossos pais estão ajudando muito e são presentes”* (sic).

Conforme discorri na introdução deste trabalho, o suporte de uma rede de apoio é essencial na transição para a paternidade, gerando a possibilidade de identificações horizontais para o homem. O próprio Efraim destaca as identificações horizontais, provenientes dos amigos, e as identificações verticais, provenientes dos pais. Todo o entorno do casal assume características de um ambiente facilitador seguro, que auxilia tanto a criança quanto os novos pais a concretizarem seu potencial (Winnicott, 1965b).

Apresento a eles a NI, deixando-os à vontade para responder como acharem melhor. Efraim decide que farão juntos, mas Ágata é quem começa a escrever. Efraim fica atento ao papel, mas sem trocar uma só palavra, apenas acena positivamente com a cabeça, em sinal de concordância com o que lê. Ágata escreve a seguinte narrativa:

*Porque sei que com todos seus conhecimentos como homem poderá ajudá-lo a crescer e ser uma boa pessoa; sei também que será carinhoso com ele, assim como é comigo e tudo isso só irá aumentar o meu amor por você, o que fará com que nosso filho entenda e conheça o PAI que tem. Isso só irá ser reflexo do que somos um para o outro.*

Quando encerram, me entregam a NI e Ágata toma a palavra, destacando a identificação do casal com os personagens da narrativa apresentada, porém sem ler o que escreveram.

*Esta história parece a gente no começo da gravidez. No início ele ficava muito preocupado se iria conseguir ser um bom pai e ficava me perguntando isso muitas vezes. Depois, acho que com as conversas, a coisa foi mudando. Você acredita que ele nunca tinha carregado um recém-nascido no colo? Ele só pegou depois que a gente engravidou (risos).*

Por que Efraim não havia carregado um bebê? Ágata parecia intuir que havia alguma relação com o medo de Efraim não se sentir preparado para a paternidade. De onde viria este medo? Eu ainda não tinha elementos para levantar alguma hipótese, mas Efraim vem ao meu socorro: “*O nenê é molinho, parece que vai quebrar. Meu medo não era de derrubar, mas de não saber pegar direito*” (sic). Parece haver insegurança neste pai, que ainda não sabe lidar com o desamparo do bebê e tem medo de não saber fazê-lo corretamente, como ele cobra de si mesmo. Lembro neste instante do texto “A Negativa” (1925/1996), onde Freud expõe que o negar pode expressar o que se está desejando de fato no inconsciente; assim, o medo de Efraim seria o de realmente derrubar o bebê. Em seguida, explica o porquê desta dificuldade.

*Nosso sonho era voltar da lua de mel já grávidos, mas isso não aconteceu. Ficamos meio chateados e pensamos que podia haver algum problema, alguma dificuldade física. Mas logo em seguida, depois de nove meses, a gente engravidou. Acho que a gente precisava primeiro nascer como casal, nesses nove meses, para depois engravidar.*

Para nascer como pai, Efraim precisava se sentir parte de um casal e abrir mão da idealização de uma gravidez quase que instantânea. Ele atribui a espera de nove meses, tempo estimado para uma gestação, à gestação do casal, atribuindo um significado a este tempo de espera. Em seguida, narra a notícia da gravidez, pelo exame de sangue deixado por Ágata ao lado do telefone e da imagem da Sagrada Família.

*Comecei a chorar e nem dormi de alegria, mas isso foi me deixando um pouco preocupado. Como é que eu vou deixar de ser só filho e começar a ser pai? É uma mudança muito grande e eu ainda não sei como é que esse negócio funciona. Mandei uma mensagem para meu compadre que me tranquilizou. Ele disse que Deus não iria me desamparar. O pai nasce junto com a criança, não nasce antes, e que eu iria aprendendo aos poucos como ser pai. A Ágata está afastada neste último mês por causa do inchaço. Eu chego em casa bem cansado e ela fala: amor, tem de lavar roupa, amor de tem de fazer isso, aquilo, e aquilo...eu tenho vontade de sentar no sofá e descansar, mas me coloco no lugar dela, que não está conseguindo fazer muita coisa. Se ela não contar comigo, como é que vai fazer? Tem horas que não é fácil agir assim, tranquilo, mas eu tenho me esforçado e me vigiado para ajudar em tudo que eu posso.*

A fala de Efraim é muito expressiva. O homem, para se tornar um bom pai, abre mão da posição de ser apenas filho, e isso exige dele um intenso trabalho emocional. É belo ver que, ao recorrer ao compadre, Efraim recebe uma boa nova: Deus pai não desampara, tranquilizando aquele homem assustado com o tamanho da nova responsabilidade. Efraim continuará a ser filho e a ser amparado por Deus, a quem poderá recorrer, e também será amparado por este amigo, seu compadre.

O pai nasce com o filho, nunca antes. A literatura corrobora esta afirmação (Chin & Daiches, 2011; Gonçalves et al., 2013), mostrando que o pai vai crescendo no exercício de novos papéis conforme o bebê se desenvolve. Há toda uma mudança no psiquismo do homem, que engloba uma preocupação com o cuidado do bebê e também com o cuidado a sua parceira. Efraim se disponibiliza a ajudar a companheira, apesar do cansaço, frente às limitações de Ágata, que reconhece o esforço do parceiro; o esposo descobre a própria capacidade para se colocar no lugar do outro e se preocupar com ele. Esta capacidade de Efraim, a qual Winnicott se refere como capacidade de *concern* (Winnicott 1963b/1983), se aprofundará ao longo dos meses e das entrevistas subsequentes.

Ágata traz para a entrevista uma dúvida: não consegue entender como algumas pessoas ficam muito mal durante a gravidez ou depois que nasce o bebê. Fica me olhando, esperando alguma resposta. Digo a ela que a gravidez às vezes mexe em *“feridas antigas, feridas que passaram anos escondidas e nestas ocasiões reaparecem. A gravidez pode ser uma chance de resolver dentro de si algumas coisas do passado”* (sic). Efraim, atento a minha fala, toma a palavra, desvelando as suas próprias feridas.

*Eu venho de uma família onde meu pai era alcoólatra. Minha mãe Maria engravidou de mim aos 16 anos, meu pai tinha 27 anos. Eu nasci seis meses depois do casamento. Resolveram casar, mas se separaram quando eu tinha dois anos. Ela sofreu bastante com ele. Eles voltaram depois de uns anos. Eu não lembro muito da infância, sei que foi uma época difícil para minha mãe, que me criou sozinha. Meu pai continuou a beber e teve hepatite, santa doença, que o fez parar de beber. Meu pai é um exemplo para mim, porque sempre que ele decidiu fazer uma coisa ele conseguiu. Eu admiro meu pai e hoje ele frequenta bastante aqui em casa. Eu quero estar mais presente na vida do meu filho,*

*desde o começo, para ele não ter de enfrentar as mesmas dificuldades que eu passei. Nem beber eu bebo para não correr o risco.*

A ausência paterna deixou marcas profundas na vida de Efraim. Como fica uma criança cuidada por uma mãe adolescente, tendo um pai alcoólatra ausente? Certamente as lembranças dolorosas desta fase foram esquecidas, como forma de preservar a criança em seu desenvolvimento, mas ele quer dar ao filho uma experiência diferente da que viveu. Ainda assim, Efraim consegue resgatar um aspecto positivo de seu pai: ele era decidido, determinado, e isso o faz ser admirado pelo filho. Porém, ao se identificar com um aspecto do pai, deixa claro o medo de trilhar o mesmo caminho rumo ao alcoolismo.

### *Segundo Tempo*

Na segunda entrevista, Efraim me recebeu na sala de sua casa, muito sorridente. Apresenta Clara, sua filha, já com 32 dias de vida. Ágata se junto a nós, vindo da cozinha. Sinto-me acolhido, como se fizesse parte do círculo de amizades do casal e já tivesse grande intimidade com eles. Aproveito o bom clima e pergunto como passaram desde o nosso primeiro encontro. Efraim conta que durante o período de parto ele foi muito participativo, mas que foi uma etapa de muita tensão. Ágata também refere um período muito intenso, onde tiveram de mudar de ginecologista, pois o médico do convênio queria cobrar pelo parto. O segundo médico fez um ultrassom e disse que precisaria fazer uma cesariana logo, para não complicar para o bebê, pois uma parte da placenta estava ficando calcificada. Alguns dias depois foi internada e, já na sala de parto, pede para chamarem o marido, que estava aguardando do lado de fora.

*Foi muito rápido. Quando eu cheguei na sala, eu vi a barriga dela aberta, com uns ferros segurando em cima e em baixo, e o médico manobrando a cabecinha da Clara para sair, mas ela estava roxinha. Foi o tempo de eu ficar ao lado dela e tiraram a Clara, que não chorou quando nasceu. Eu consegui ver bem, porque eu fiquei no meio de campo, com o lençol na minha frente, a Ágata do lado direito e do lado esquerdo eu via os médicos e tudo o que eles faziam.*

Ágata ficou preocupada e perguntou sobre a filha. O médico explicou que o bebê estava em sofrimento fetal e tinha expelido mecônio porque estava com duas circulares de cordão ao redor do pescoço. Relata que poderiam ter perdido a filha, se demorassem mais algumas horas e, aliviada, conclui: *“Eu só sosseguei quando ouvi a Clara chorar com gosto”* (sic).

A angústia frente ao risco de morte fica muito evidente no relato. Para alguns homens, o parto é o momento mais angustiante da gravidez (Genesoni & Tallandini, 2009); no caso de Efraim, esta angústia foi ampliada por um risco real de morte do bebê. Não podendo participar concretamente através de qualquer ação, ele acaba por encontrar na fala e na observação atenta um recurso possível para tranquilizar a si e a esposa.

*Eu ia dizendo para ela tudo o que eu via, mas acho que consegui manter um pouco de calma. A enfermeira dizia: ela está ficando corada de novo, voltando a respirar! Fizeram a Clara vomitar o mecônio, eu assisti tudo. Parece que eu tinha três olhos: um na Ágata, para dar forças pra ela, outro pra cuidar de longe da Clara, e outro no médico que tinha começado a costurar a Ágata.*

A capacidade de verbalizar tem para este pai uma função de empoderamento frente a seu sentimento de impotência. Ao narrar para sua esposa e para si mesmo o que via, torna-se mais que um assistente, passa a participante ativo e comprometido com o bem-estar da esposa e da filha. E pode, através da criação e comunicação de sua narrativa, encontrar sentidos para os fatos vividos. Como destacam, Nunes, Castellano e Barros:

*A narrativa deixa de ser um mero instrumento comunicacional, o qual dá acesso a uma realidade anterior, para ser tomada como o próprio local de acontecimento da análise, ou seja, da elaboração de interpretações que partem de relações definidoras dos sentidos do sofrimento, adoecimento e cura. (Nunes, Castellano & Barros, 2010, p. 1353)*

O médico disse ao casal que, por conta de vários miomas no útero de Ágata, outra gravidez seria complicada e poderiam perder o bebê. Acrescenta que se planejavam ter mais filhos, deveriam tratar esses miomas antes de engravidar, o que deveriam fazer em no máximo dois anos. Ambos ficaram abalados com essa notícia, pois Efraim sonhava ter muitos filhos, *“um time de*

*futebol de salão”* (sic). Ágata, entristecida, me diz que levaram um tempo para digerir estas coisas. Comunico-lhes minha impressão de que eles ainda estavam digerindo tudo o que aconteceu de forma tão inesperada e simultânea: a cesariana feita com certa urgência, o risco de morte da bebê e as dificuldades para uma nova gravidez.

Ágata complementa dizendo que ainda houveram outras surpresas. Levaram Clara ao berçário e ela ficou sendo costurada. Efraim quis ficar com a esposa, mas o médico o dispensou, apesar de sua preocupação com a esposa, pois ela estava com toda a barriga aberta.

*Ele parecia um açougueiro preparando a carne para o churrasco. Teve uma hora que ele estava com quase o braço inteiro dentro da barriga dela, forçava para dentro e chacoalhava tudo. Foi uma cena forte de ver. Eu não queria deixar ela sozinha, mas entendi que precisava obedecer e saí.*

Aos olhos do leigo, de quem não é médico, uma intervenção cirúrgica traz em si um grau de crueldade e de frieza. Porém, a equipe médica estabelece um certo distanciamento emocional que lhe permita desempenhar sua função dentro do centro cirúrgico; caso isso não ocorra, teremos a equipe sempre mobilizada por suas emoções e, possivelmente incapacitada de atuar, conforme assinalado em pesquisa anterior (Moraes, 2012). Aos olhos deste pai, o risco de morte da filha foi substituído pelo risco de morte da esposa, e ele nada podia fazer, apenas confiá-la aos cuidados da equipe.

Ágata me conta que, na recuperação anestésica, enquanto conversava com outras mulheres que tinham acabado de dar a luz, teve um sangramento intenso, fora do normal. Passou mal e o médico foi chamado. Ele disse que seu útero estava inchado, e precisava ser massageado para voltar ao normal. Ágata, que não havia sentido dores no parto, queixa-se do quanto sofreu com a massagem. Fora do centro cirúrgico, Efraim estava agoniado para saber o que estava acontecendo, quando uma enfermeira saiu de lá, com a Clara nos braços, e disse que Ágata havia tido um sangramento e demoraria um pouco mais para sair, mas que agora estava tudo bem. Porém, Efraim não se deixou convencer pelos argumentos da enfermeira: *“Mas já tinha acontecido tudo aquilo com a bebê, imagina se eu ia sossegar até ver minha mulher”* (sic).

Diante de tantos revezes, como não ter medo? Digo ao casal que imagino a sua agonia, pois na hora que esperavam comemorar a vida, tiveram que enfrentar a possibilidade da morte como algo muito concreto. Efraim conta que voltaram para casa dois dias depois, mas que ninguém dormiu naquela noite.

*Passamos a noite toda olhando pra ela, pra ver se tudo estava bem, ela dormindo no carrinho e os dois aqui deitados nos pés da cama, com medo. Na segunda noite, foi um pouco melhor. Colocamos ela no Moisés, mas no meio da nossa cama. Ninguém dormiu de novo, mas o medo era de virar e apertar ela de madrugada. No fundo, eu acreditava que tudo ia dar certo, mas a gente nunca sabe...*

Efraim assume um papel protetor, em que a vigilância constante se constitui como forma de enfrentamento do medo, estratégia que vai diminuindo com o passar dos dias com a constatação da realidade de que nada acontecia à sua filha. No entanto, o que me parece mantê-lo vigilante, e que propicia uma certa modulação da angústia, é sua esperança. Ao manter a crença de que tudo daria certo, ele pode esperar, esperar com confiança, e suportar a ameaça de morte até que o risco diminua. Penso ser este um elemento importante que pode manter um homem saudável em sua transição para a paternidade.

Percebo que o casal fica mais relaxado depois de me contarem sobre o parto. Sinto que, tendo falado das angústias que viveram, eu poderia seguir adiante com nova pergunta. “*Vocês acham que o Efraim mudou muito com a chegada da Clara? Esse medo dos primeiros dias continuou por mais tempo?*” (sic). Embora Ágata não tenha clareza sobre os elementos que operam a profunda mudança que observa no esposo, ela faz referência à sintonia que se estabelece entre pai e filha a partir do contato íntimo e frequente.

*Ele sempre foi dedicado e atencioso, mas parece que agora está mais. Eu não preciso pedir pra ele fazer alguma coisa pra me ajudar, ele percebe e faz, às vezes eu nem tinha percebido e ele já fez o que precisava. Ele está muito ligado na Clara. Não sei explicar o quê, mas tem algo de diferente nele hoje. Acho que é porque ele ficou mais tempo com a bebê neste primeiro mês de vida, e tem um vínculo melhor.*

Ágata pontua condutas decorrentes de uma mudança interna, expressas pela maior atenção do esposo às suas necessidades, bem como a intensa

ligação afetiva que estabelece com a filha. Impossível não fazer associações com a ideia de um pai preocupado, como contraparte do conceito de mãe preocupada de Winnicott (1963/1983), além da concepção tradicional do pai como suporte à mãe. Efraim ilustra tanto o afastamento dos interesses e atividades anteriores ao parto e a intensa dedicação aos cuidados do bebê, características usualmente atribuídas à função materna, como o suporte à esposa por meio do adequado manejo da realidade externa. Nesse sentido, Efraim reúne as funções materna e paterna, corroborando os estudos que apontam para a constituição de um novo pai na contemporaneidade (Poh et al., 2014; Pringle et al., 2011; Shirani, 2015).

Para Ágata, o tempo de convivência com o bebê propiciou a mudança paterna e a boa qualidade do vínculo pai-filha, o que é confirmado por Efraim que havia se programado para ficar 20 dias em casa, cuidando das duas: “Isso foi fantástico! Acho que eu aprendi muito e fui curtindo dia a dia essa convivência”. Agora que voltou a trabalhar, a falta que sente da esposa e da filha é amenizada pelo fato de Ágata passar o dia enviando fotos e vídeos pelo *WhatsApp*: “*Então eu me sinto participante. O que é duro é a canseira que bate quando chego em casa à noite. Eu passo o dia todo em pé, e a Clara quer que eu fique sempre em pé. Ela tem sensor de altura (risos), se sento ela reclama*” (sic).

Há diversos usos possíveis para a tecnologia na contemporaneidade. Para este casal, onde já havia um vínculo estabelecido entre eles, o uso de um aplicativo de comunicação mantém o contato fortalecido, quase em tempo real, permitindo ao pai se sentir participante da evolução da filha, mesmo estando temporariamente ausente.

Pergunto se Efraim já deu banho na filha. Ágata comenta que não, que nem ela deu muitos banhos, e que sua mãe está assumindo essa tarefa. Para não brigar com a mãe, Ágata permite, mas à noite é ela mesma quem dá banho na filha. Percebo sentimentos ambivalentes quanto à presença da avó, ora vista como um suporte externo, um auxílio necessário, ora como um elemento de certa forma invasivo, presente demais.

*Se não fosse a minha mãe neste tempo todo, a gente ia ficar perdidinho, porque somos marinheiros de primeira viagem. Ela nos acalma bastante. Eu falo pra ela que não precisa mais vir todos os dias, mas ela está sempre aqui. Acho que uma hora ela vai cansar.*

De repente, Clara começa a dar sinal de vida, se mexendo e emitindo pequenos gritos. Ágata diz que a filha é um relógio, pois acorda de três em três horas para mamar. Efraim diz que, apesar do cansaço, eles conseguem fazer outras coisas, que a vida não acabou. Ao final do dia estão cansados, mas ele ainda consegue ler. Parece haver uma diminuição da ansiedade paterna, apesar da manutenção da responsabilidade de ser pai, similar ao que Winnicott descrevia sobre a diminuição da preocupação materna primária à medida em que o bebê cresce e desenvolve maior autonomia, liberando gradativamente a mãe para voltar às suas atividades (Winnicott 1963/1983).

*Ser pai não é brincadeira, mas hoje já está mais leve. Eu sentia que eu tinha que ficar alerta 24 horas por dia pra proteger as duas, e essa sensação era um dever a ser cumprido, sem conversa. Hoje estou um pouco mais relaxado, curtindo mais nossa casa e as duas.*

Clara começa a chorar mais alto. Ágata se despede de mim com a filha nos braços e sai. Percebo o marido mais relaxado, agora que estamos só “entre homens”. Fico curioso com o que ele trará para conversarmos. Efraim diz que passaram muitas coisas pela sua cabeça por ocasião do nascimento de Clara. Conta que depois do parto, sentou-se na cozinha e tomou um café, pensando em tudo o que tinha acontecido. Narro abaixo nosso diálogo, muito significativo.

*Efraim - E se ela tivesse morrido, ou a Clara? E minha vontade de ter muitos filhos? E se a Clara for nossa única filha? Eu nunca tinha pensado nestas coisas antes. Acho que eu fiquei mais sensível e pensativo, mais reflexivo. Eu vi estes dias no jornal que o estado islâmico estava leiloando a virgindade de algumas meninas. Eu fiquei indignado, como nunca tinha ficado antes, me atingiu!*

*Cleber - Bom, você deve ter pensado: e se fosse a minha filha?*

*Efraim – Isso mesmo! Antes eu ia ficar chateado, mas logo ia esquecer. Desta vez não foi assim. Às vezes, eu paro olhando pra ela e fico sonhando o que o futuro vai trazer pra gente, que coisas ela vai gostar, se eu vou conseguir cuidar bem dela. Mas,*

*ao mesmo tempo, essa preocupação não me tira de vez o sossego, eu consigo curtir as coisas boas que estão acontecendo. Louco isso, cara!*

Efraim consegue conciliar em si as preocupações com o futuro e as experiências do presente, colocando-se como pai atento, preocupado, sensível e reflexivo. Observo que ele me parece estar em franco processo de mudança psíquica. De forma simples, comunico-lhe esta minha impressão.

*Cleber – É, por um lado é uma felicidade enorme, por outro novas preocupações e pensamentos que você nunca teve. Talvez você esteja amadurecendo (sorriso para ele, ele responde com um largo sorriso).*

Quem se torna pai passa por um processo de transformação ímpar, repleto de elementos identificatórios com fatos presentes e com a própria biografia. Esta transformação abre possibilidades de significar fatos presentes por outra ótica e ressignificar a própria história de vida. A raiva pode ceder espaço à compaixão. Efraim destaca este aspecto, ao olhar para fatos do presente e do passado:

*Acho que você tem razão. E é engraçado que os meus amigos que não tem filhos não conseguem entender nada do que eu falo. Parece outra língua (risos). Outro dia, fomos ao hospital e vi uma adolescente grávida de 16 anos, que estava com o ex-namorado, um garoto de 15 anos. Ela tentava falar com ele sobre a criança e ele não estava nem aí, só ficava dizendo que não ia esperar e que estava com horário marcado no tatuador. Eu não fiquei com raiva daquele cara, mas fiquei com pena da menina. Uma criança tendo de cuidar de outra criança. Foi inevitável lembrar da minha mãe, que me teve aos 16 anos também. Depois do parto, eu fui conversar com ela e perguntar se alguma vez ela teve vontade de me abortar, porque meu pai, como já te falei da outra vez, era alcoólatra e não queria nada com nada, e meu avô expulsou minha mãe de casa. Ela ficou muito emocionada e me disse que nunca pensou em me abortar, que eu não tinha culpa dos erros dela, e por isso ela aguentou até o final. Eu dei um abraço apertado nela e agradei, porque se ela não tivesse escolhido me dar a vida, eu não iria conseguir dar a vida para minha filha. O sim dela, indiretamente, fez minha filha nascer. É muito doido pensar estas coisas, mas eu sinto que estas mudanças estão me fazendo muito bem. Eu quero ser um bom pai pra Clara.*

A paternidade abre a Efraim um leque de possibilidades, ao expor suas feridas passadas e rever a relação com sua mãe. Sensibilizado, me agradece muito: *“É bom ter com quem falar destas coisas, faz bem para a gente. Obrigado!”* (sic). Combinamos nosso próximo encontro entre julho e agosto, enquanto Efraim expressava o benefício daqueles encontros, ainda que se dessem no contexto de uma pesquisa: *“Venha mesmo! E se quiser vir outras vezes, pode vir sempre!”* (sic).

### *Terceiro Tempo*

Efraim me recebe no portão e, sorridente me abraça, como se fossemos velhos amigos: *“Como você está, Cleber, tudo bem com você? Como o tempo passou rápido, não? Nem parece que fazem tantos meses!”* (sic). Ele me conduz para dentro da casa, onde estavam Ágata e um casal de amigos, a quem Ágata me apresenta: *“Estes aqui são os padrinhos da Clara, nossos compadres. Eles também estão grávidos, se você precisar de mais casais, eles podem querer participar”* (sic). Ambos me cumprimentam com abraços, e Efraim me conduz para o quarto, onde sua filha está dormindo: *“Olha que fofa. Ela é muito tranquila, não dá trabalho algum”* (sic). Em seguida, Ágata e Efraim me levam à mesa da cozinha, enquanto o casal de amigos permanece na sala.

Ágata aparenta cansaço e diz que parece ter sido ontem que estive com eles. Entretanto, acha que desde a última entrevista muita coisa mudou. Efraim confirma as mudanças referidas pela esposa, e diz que sempre lembra do que conversamos anteriormente: *“Engraçado como essas coisas vêm na cabeça da gente”* (sic). Fala do medo que sentiu em relação ao futuro, da responsabilidade e peso de cuidar de uma criança, mas que já não se sente tão preocupado assim. Acha que se acostumou com a rotina de cuidados ao longo dos últimos meses. Agora que Clara dorme a noite toda, ele comemora: *“Foi um tempo cansativo, mas que não durou muito, ainda bem”* (sic).

Ágata pensa que eles foram privilegiados, pois a maioria dos casais conhecidos que tiveram filhos neste ano reclamam de não dormir à noite. Porém, apresenta uma alternativa tecnológica que um grupo de mães tem usado para aguentar a solidão noturna e dar suporte umas às outras. É curioso como a

comunicação virtual se tornou um meio de dividir experiências e amenizar as angústias:

*Eu faço parte de um grupo do WhatsApp que se chama 'Mães da madrugada 2015'. O nome já fala tudo, né? Quando eu levanto e olho o celular, tem muitas mensagens das mães que passaram a noite conversando, enquanto amamentavam os filhos. E muitas se queixando da saudade de dormir a noite inteira. Nós dois já voltamos a dormir a noite toda, para nosso alívio!*

Efraim fala animado com o fato de terem conseguido manter uma vida social fora de casa. Foram a um baile com a filha e três casais de amigos. Tiveram um pouco de receio de sair com a filha ainda pequena, mas não ficaram a madrugada toda: *“Até dava para ficar mais tempo, mas estávamos cansados. Já não somos tão juvenzinhos como antes”* (sic).

A passagem do tempo é sentida por eles como uma realidade, mas que não os impede de aproveitar as chances de prazer que a vida proporciona. Descobriram não só ser possível conciliar a paternidade e a maternidade com uma vida conjugal, mas que a parentalidade resultou em uma aproximação do casal.

*Muita gente colocava medo em nós, dizendo: ‘dorme agora, que depois você só vai dormir quando ela tiver seis anos, esquece a vida de casal, tudo gira só para os filhos’. Conosco foi mais sossegado. Não que tudo tenha sido fácil, mas um foi dando força para o outro e passamos aquela fase. Estamos mais unidos que antes da Clara nascer.*

Nesse momento, a comadre do casal traz o bebê para a cozinha. Clara está com os olhos bem abertos, chupeta na boca, esticando os braços na direção da mãe. Ágata toma a filha nos braços e a coloca sentada no colo, dizendo a ela que eu era o tio Cleber. Gesticulo para Clara e converso com ela, mas ela fica séria e me observa por vários minutos. A entrevista continua enquanto eu e Clara vamos ensaiando uma aproximação. Aos poucos, ela vai sorrindo para mim e depois vem para o colo do pai.

Pergunto se percebem mudanças neste período. Ágata confirma sua percepção sobre as mudanças do marido. Ela argumenta que Efraim sempre foi companheiro, responsável e *“de bem com a vida”* (sic), mas está mais sensível

desde que Clara nasceu. Tudo o emociona e ele está, inclusive, ajudando mais em casa. Ágata acrescenta que sua mãe antes vinha ajudar na casa, mas como quebrou o braço dois meses atrás, ela precisou cuidar da mãe e da casa. *“Aí os papéis se inverteram. O Efraim nessas horas foi demais. Ele chegava do trabalho e já ia limpando a casa, sem eu nem precisar pedir, como fazia antes. Essa sensibilidade cresceu bastante”*. O interessante neste relato de Ágata é que estamos aqui falando do pai, e não da mãe, como tradicionalmente seria esperado. Assim, ela aponta que os cuidados fornecidos podem variar conforme a idade e a necessidade do bebê, e não necessariamente estão relacionados ao gênero da pessoa que exerce o cuidado. Efraim é praticamente uma mãe!

Quando pergunto se Efraim percebe esta mudança, ele diz que não havia parado para pensar, mas percebe que está diferente, embora não consiga identificar em quê. Ele continua preocupado com a parte financeira, mas não como antes, apesar da renda do casal ter diminuído, visto terem decidido que Ágata não voltaria ao trabalho para cuidar de Clara e ficar mais tempo com ela.

Clara, que a esta altura da entrevista estava no colo do pai, se joga na minha direção, com as mãozinhas esticadas. Mais que depressa, a seguro e ela fica em pé sobre meus joelhos e, sorrindo, olha para mim. Ágata continua explicando que o esposo não se dá conta de que está mais acessível, conduta que ela observa todos os dias.

Procuro entender o que ela está me dizendo sobre a falta de percepção do esposo. Pergunto se ele fica atento às necessidades da esposa e de Clara sem fazer um esforço racional, e sem uma angústia por causa deste cuidar. Desta vez, Efraim toma a palavra para explicar que se coloca no lugar da esposa buscando não a sobrecarregar, pois a casa e Clara consomem muito tempo. Ele afirma que não se irrita quando ela pede ajuda, o que me leva a pensar em uma boa capacidade de empatia e de compaixão pela esposa, com o objetivo de deixá-la mais confortável e satisfeita.

Surpreendo-me com o fato de Efraim não declarar que sente uma sobrecarga sobre os seus ombros. Como cuidar do lar sem deixar de cuidar de si mesmo? Para alguns autores, este é um grande desafio na transição para a paternidade. Efraim tem conseguido conciliar o cuidado à família com o autocuidado, estabelecendo um círculo virtuoso de cuidado.

*Eu estava assistindo o filme “Os Vingadores”. Na hora mais top do filme, ela me pediu pra trocar a fralda. Puxa, eu queria assistir ao filme, mas também entendi que ela precisava de ajuda e queria me dar uma oportunidade de estar com a minha filha. Eu assisti ao filme até o intervalo e fui trocar a fralda rapidinho em seguida. Foi muito legal. Tem uma outra coisa que mudou. Eu voltei a fazer academia, que eu gosto bastante. Tinha parado uns anos, mas agora voltei. Preciso estar bem de saúde para a hora que elas precisarem de mim. Já imaginou a minha filha querer brincar comigo e eu estar frouxo, sem energia?*

Em meio a conversa, Clara e eu “conversávamos”: ela brinca com meu nariz, dá gritinhos, sorri e faz graça; brinco com ela de “cuca-achou” e ela gargalha várias vezes. Quando começa a cheirar cocô, Ágata diz que vai trocá-la. Percebo que o casal quer retomar seu descanso. Agradeço muito terem me recebido nestas três entrevistas. Ágata pergunta se não vão me ver mais, porque acharam muito bom conversar comigo. Explico que, para o doutorado, eram apenas estas três entrevistas, mas que eu estava à disposição deles para quando quisessem conversar. É Ágata que encerra a entrevista: *“Ah, então vamos chamar você quando ela tiver um ano, para você ver como a Maria Clara está. Acho que vou falar de você no grupo das ‘Mães da Madrugada’, assim você vai poder ajudar também algumas mães de lá”* (sic).

### 4.3. Casal 3

#### *Primeiro Tempo*

Há certas coincidências que acompanham o caminho do ser humano. Para os gregos, o tempo é cíclico, e as histórias de vida das pessoas, por vezes, se cruzam em mais de um momento. Fiz contato telefônico com Rosa, 34 anos, formada em Psicologia, mas atuando como técnica de enfermagem em um hospital. Rosa está com 35 semanas de gestação, esperando um menino. Explico os objetivos e a metodologia da minha pesquisa e ela se mostra interessada desde o início, afirmando que seu marido também gostaria de participar. Rosa diz que se lembra de mim, embora eu não me lembre dela, que fui seu professor de Psicanálise na faculdade de Psicologia, e que seria muito bom poder me ajudar. Marcamos a primeira entrevista para dois dias depois, no domingo pela manhã.

Heitor me recebe no portão de sua casa, parecendo meio desconfiado, mas também curioso. Heitor tem 35 anos, é formado em Administração de Empresas, porém trabalha na linha de produção em uma indústria que produz papel e celulose. Rosa fica ao seu lado no portão, segurando dois cachorros de grande porte que tentam pular em mim. Ao entrarmos na sala, queriam saber todos os detalhes da pesquisa, a qual fui explicando etapa por etapa. Assinaram os papéis e começamos a entrevista.

Heitor conta que estão juntos há 9 anos e planejavam construir uma casa maior na frente, quando foram surpreendidos pela notícia da gravidez: “*Aí já viu, né? Tivemos que mudar todos os planos*” (sic). Por sua vez, Rosa estava de plantão no hospital quando descobriu que estava grávida, pois andava mais sonolenta que o habitual: “*Você se lembra das aulas, né? Eu sou muito agitada, elétrica*” (sic). Foi ao laboratório do hospital e fez um exame rápido, que confirmou a gravidez. Então, passou a ser assaltada por medos que não condiziam com sua expectativa de mulher adulta.

*A primeira coisa que me passou pela cabeça, naquela hora, foi uma coisa bem de adolescente. O que eu vou falar para minha mãe, como ela vai reagir? Veja se pode?*

(risos). *Eu fiquei vários dias negando, dizendo que o teste estava errado. Acho que ele (Heitor) aceitou mais rápido que eu.*

Ao pensar sobre o anúncio de sua gravidez à própria mãe, Rosa se apercebe da passagem do tempo e de uma mudança em seu estatuto de filha. Agora ela se torna a mãe, e sua mãe se torna a avó. Seu psiquismo necessita passar por uma transformação, abrindo espaço para o a chegada da maternidade e do bebê real (Lebovici, 2004). Por um processo semelhante também passa seu esposo.

Heitor explica que estava mais focado na construção da casa e, por essa razão, levou um susto com a notícia da gravidez. Queria preparar as condições materiais antes de engravidar para poder dar coisas boas ao filho, mas sua programação foi interrompida, gerando novas preocupações com que até então não se defrontara. Para ele, ser pai é coisa séria, que exige mudanças para as quais não está certo de estar preparado.

*Naquela hora já aumentou o peso em cima das minhas costas. A gente quer fazer tudo direitinho e dar o que tiver de melhor para o filho da gente. A minha cabeça começou a ir longe: é escola, roupa, alimentação, farmácia. Acho que pai e mãe não podem morrer depois que a mãe engravida (risos), é muita responsabilidade e isso me assusta sim.*

A existência enquanto casal, que até então era mais descompromissada e leve, já não é mais a mesma. Há uma terceira pessoa a caminho, que vai necessitar da vitalidade e maturidade de ambos os pais devido a sua condição de desamparo e dependência. Como não ficar angustiado com as novas exigências? Relembro meus medos quando me tornei pai, pela primeira vez, e o peso que senti, também nas costas. Difícil não me colocar no lugar de Heitor, embora esta condição possa facilitar o acolhimento de suas angústias.

*No serviço tem muito colega que já é pai, e me disseram que é assim mesmo. No começo assusta, mas depois você vai vendo que dá conta do recado. Essa parte eu não sei ainda, mas acredito no que eles falaram. Eu tento não ficar me preocupando tanto, mas acho que vou ficar assim, por um tempo ainda, até ver que tudo fica bem.*

Ao dividir com seus colegas de trabalho suas angústias sobre o filho que virá, Heitor recebe um acolhimento adequado. O pai não nasce com a notícia da

gravidez: tem de ser plasmado dentro do homem, e através da sua interação com o ambiente familiar e o entorno social. A convivência com outros homens que foram transformados pela paternidade funciona como objeto de identificação para ele, auxiliando a suportar a pressão dessa mudança.

Em seguida, apresento ao casal a Narrativa Interativa (NI) e, logo após a leitura, Heitor diz que se sente do “*mesmo jeito*” (sic) que o pai descrito na NI. O casal fica bem indeciso em relação à tarefa de completar a NI, sem saber se a fazem juntos ou individualmente. Rosa decide que cada um fará uma parte da narrativa. Pede a Heitor que pegue “*aquele livro ali*” (sic), na estante, para apoiar a escrita, e, coincidentemente ou não, o livro é o Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia.

Tudo indica que a aceitação de Rosa para participar da pesquisa se encontra carregada de uma forte relação transferencial comigo. Como ela, mãe e psicóloga recém-formada, seria vista pelo pesquisador/professor de Psicanálise? Ela seria avaliada como uma boa mãe? Ou estaria se sentindo avaliada enquanto profissional pelo antigo professor? Qual o papel da Ética em meio a nossa entrevista? Começo a me questionar sobre a adequação de tê-los incluído como participantes do estudo, dada essa história acadêmica prévia. Fico com estas indagações flutuantes, sem me preocupar com a resposta, pelo menos no momento da entrevista.

Rosa e Heitor ditam alternadamente os parágrafos da narrativa, como em um diálogo. Rosa usa uma linguagem mais culta, rebuscada, como se precisasse sustentar uma postura de psicóloga. Heitor não parece se preocupar com isto, pois responde de um jeito simples, mas certo. Ao longo de toda a escrita, Rosa pergunta para Heitor o que mais o preocupa, o que o deixa irritado. Além disso, percebo que eles colocam a si mesmos como personagens, deixando de lado o suporte dos nomes fictícios.

*Rosa - Acho que você vai ser um ótimo pai, por você ser um marido atencioso, companheiro, paciente. Por tudo isso.*

*Heitor - Será que nosso filho vai me ver como uma boa referência de homem e pai?*

*Rosa - Com certeza, você é uma pessoa de muito caráter, que procura agir de forma correta e ser sempre justo com as pessoas. E a partir do momento em que o filho*

*nasce, os pais acabam mudando seus comportamentos, por pensar nas consequências que isso trará para a criança futuramente.*

*Heitor - Mas também fico preocupado em relação à educação, alimentação, e com o vestuário.*

*Rosa - Essas preocupações são a longo prazo, quanto ao vestuário, podemos optar por coisas mais simples. Quanto à alimentação, com certeza conseguiremos manter um bom padrão. Podemos deixar como prioridade a parte de educação, e investir mais nisso, mas sempre ensinando que tudo o que ele quiser terá de trabalhar, pois nada pode vir de forma fácil.*

*Heitor - E quanto à segurança dele, quando estiver maior na adolescência, os colegas da escola?*

*Rosa - Quanto a isso, devemos desde cedo mostrar que ele pode confiar nos pais, para que ele sempre nos procure quando tiver algum problema ou necessidade. Para que ele sinta que os melhores amigos dele são os pais. Infelizmente, quando ele estiver na rua, na escola, não podemos ter controle sobre o que acontece, mas com muito diálogo, ensinaremos o que é correto para ele. Que se tiver comportamentos errados, ele terá consequências ruins, e terá que assumir seus atos.*

Rosa parece estar interrogando o marido, e quando ele responde, expondo suas angústias e medos, temos posições diversas, com Heitor trazendo as dúvidas e ela, as respostas, parecendo ter soluções prontas para tudo. Rosa coloca na boa de Heitor suas próprias angústias e medos, sendo ele o porta voz do casal. Porém, Heitor não parece se sentir acolhido por ela em suas preocupações, com ser uma boa referência ao filho e dar ao bebê tudo que for necessário. Ao dividir suas angústias com a esposa, ela se posiciona de maneira a minimizar suas dúvidas, enfatizando uma concretude e praticidade na maioria das respostas. O diálogo, deste modo, me soa como polarizado: Heitor expõe os aspectos frágeis, inseguros e infantis do casal (e talvez de si mesmo) e Rosa fala como a representante da segurança, da racionalidade e da maturidade.

Ao final da NI, Rosa pergunta ao esposo se algo mais o preocupa, como se ela estivesse “vacinada” contra dúvidas e hesitações, e recebe um “não” em tom de irritação. Percebo que o clima conjugal fica muito tenso e pergunto a Heitor se ele já está mais acostumado com a ideia de ser pai. Heitor diz que sim, que desejava ter um menino e ficava imaginando como seria correr, jogar bola, andar de carrinho e soltar pipa com um “moleque”(sic). Seu rosto volta a expressar leveza e espontaneidade. Certamente, Freud tinha razão: há muito do narcisismo dos pais nos desejos sonhados para os filhos, mas este tipo de

investimento narcísico e objetual traz a Heitor uma sensação de bem-estar. A minha pergunta sobre Heitor enquanto pai, parece facilitar a retomada de uma atitude adulta, a partir da qual ele pode sonhar a si mesmo enquanto cuidador de um menino.

Rosa diz que eles sempre se imaginaram pais de menino, que ela não tem jeito para fazer laços e prender cabelo comprido. Pergunto se ele tem irmãos, Heitor diz que sim, que é o mais velho e tem duas irmãs um pouco mais novas que ele, e reafirma sua intenção paterna: *“Quero ser um pai bem presente. Pena que a gente só tem uns dias de folga para ficar em casa quando o bebê nasce. Tem país que são mais dias, não tem?”* (sic). Eu explico que em alguns países o pai fica de licença por seis meses, enquanto a mãe permanece com o bebê durante dois anos.

A literatura aponta que pais que convivem por mais tempo com seus filhos no início da vida estabelecem um vínculo de maior intimidade com o bebê. Heitor mostra-se desejoso quanto a esta possibilidade, quando manifesta o desejo de ser um pai mais presente e conseguir equilibrar os papéis de cuidador e de provedor.

*Nossa! Aqui no Brasil isso não ia dar certo, mas bem que eu ia gostar de ficar mais tempo com meu menino aqui. É ruim ter que ficar preocupado com não deixar nada faltar em casa, parece que não dá muito tempo de relaxar e ficar curtindo e ajudando em casa. Quando éramos só nós dois, dávamos um jeito, se gastássemos demais em um mês, apertávamos no outro. Com uma criança, a coisa muda. Temos de ter sempre uma reserva para uma emergência. Eu procuro me precaver, mas isso me preocupa, sabe?*

Vejo o quanto Heitor está preocupado com as questões financeiras, com medo de que falte algo à sua família. Digo-lhe que, com o tempo, ele pode aprender a ser um bom pai. Heitor sorri, parecendo mais aliviado com a minha afirmação, como se tirasse um peso de seus ombros:

*Os filhos vão ensinando a gente a ser pai e mãe, e esse aprendizado é muito legal. Talvez, quando eu voltar daqui uns dois meses, você esteja mais tranquilo, dando conta do recado. O mais importante é a sua vontade de cuidar bem do menino.*

Penso que, colocar a minha esperança de que ele tenha condições de desenvolver a sua forma de cuidar bem do filho, teve um efeito terapêutico, diminuindo sua angústia: *“Vontade de cuidar, isso eu tenho de monte!”* (sic), diz Heitor, sorrindo. *“Então, tudo vai dar certo!”* (sic), respondo sorrindo para ele.

### *Segundo Tempo*

Heitor me recebe no portão, com o semblante visivelmente cansado, mas parecia estar bem. Dentro da edícula, Rosa espera sentada no sofá, com Eduardo no colo. Logo que me sento, ela coloca Eduardo no meu colo, dizendo que ele é um bebê muito tranquilo. Sou pego de surpresa com este gesto, mas me sinto confortável (afinal, já cuidei de dois bebês, penso comigo). Digo que Eduardo é bonito e lembra muito o pai. Heitor fica orgulhoso e comenta que todos estão dizendo a mesma coisa. Rosa diz que era um “desaforo” carregar o nenê nove meses na barriga e ele nascer com a cara do pai (risos). O clima afetivo é de tranquilidade, apesar de eu também perceber que Rosa estava cansada, com olheiras.

Pergunto como foram de parto e neste primeiro mês de vida do bebê. Heitor diz que tudo correu bem, mas Eduardo decidiu nascer um dia antes do esperado. Heitor comenta que estranhou não ter passado mal por ansiedade na sala de espera, nem quando entrou no centro cirúrgico.

*Quando eu entrei, faltava pouco pra ele nascer. Minha preocupação era de não tropeçar ou esbarrar em alguma coisa que pudesse atrapalhar o parto. Fiquei ao lado dela, com aquele lençol verde na frente, até que eles me chamaram pra cortar o cordão umbilical. Logo depois me pediram pra sair, porque iam dar os pontos.*

Enquanto seu pai falava, Eduardo continuava no meu colo, chupando chupeta, aninhado, quase dormindo. Pergunto como foi logo depois do parto, e Heitor assume a palavra.

*Depois que ele chegou no quarto, eu fiquei cuidando dele, porque a Rosa estava cheia de pontos e com dores. Nunca tinha carregado uma criança tão pequenininha assim. Ele nasceu com mais de três quilos, mas estava molinho. Deu um pouco de receio, na*

*primeira vez, mas não tinha ninguém para fazer isso, só eu mesmo (risos). Então, fui eu. Mas acho que tudo deu certo. Hoje eu carrego ele pra cima e pra baixo e faço de tudo em casa também, pra poder ajudar.*

Admirada, Rosa conta que o esposo carrega o bebê encaixado em um braço só. Heitor diz que faz isso com cuidado, apenas em cima do sofá, mas que já se sente mais tranquilo. E acrescenta: *“Só na hora que ele está com dor ou quer mamar, aí não tenho muito o que fazer, aí tem que ser a mãe, né?”* (sic)

Pergunto como foram os primeiros dias. Para Rosa, foram dolorosos por causa dos pontos e de uma cólica do bebê, que quase os *“deixou malucos”* (sic). Heitor acha que está mais tranquilo que antes, pois ficava mais preocupado com o futuro: *“Hoje eu estou mais preocupado em cuidar dele, porque o futuro vai chegar, querendo ou não. Aí a gente vai dar um jeito. Tem tempo até lá”* (sic). Comenta que tem feito compras no mercado, o que antes era atribuição de Rosa, e que tem procurado se adaptar ao bebê, já não sentindo tanto medo quanto antes.

Nesse momento, Eduardo fica mais agitado e o devolvo ao colo da mãe. Rosa explica que precisou dar chupeta ao filho, o que a deixou chateada, pois como profissional de saúde era contra estas práticas. Porém, no dia da cólica, a única coisa que acalmou Eduardo foi a chupeta: *“Tá vendo, paguei a língua”* (sic).

Nisto, toca o telefone e Rosa vai atender. Heitor, mais à vontade, se diz assustado com a quantidade de fraldas que uma criança usa, concluindo que fralda não pode faltar em casa.

*A gente tem de ir deixando de lado algumas coisas que não são mais prioridade. Cervejinha pode ficar pra depois, mas a fralda não. O dinheiro tem que ir pra aquilo que precisa mais. Tem que tomar cuidado pra não faltar nada pra ele. Antes a gente podia dormir os dois juntos aqui na sala, a hora que quisesse, agora não. Um de nós tem de ficar cuidando do Eduardo.*

Percebo que Heitor fala de um tempo que agora não existe mais, o tempo em que o casal podia fazer o que desejasse, sem muitas restrições. Este tempo passou e agora tem de direcionar os cuidados para o bebê, que exige uma maior

atenção neste período. Porém, não sinto tristeza nele ao relatar essa mudança, mas sim um grande cansaço.

Em seguida, Rosa volta para a sala e percebo que Eduardo está mais sonolento e ela cansada. Eles me convidam para um café ou para almoçar, mas prefiro encerrar a entrevista e deixá-los descansar.

### *Terceiro Tempo*

Chego no horário combinado e Heitor me recebe no portão. Quando entramos, Rosa vem ao meu encontro, com Eduardo no colo, e diz: “Oi, tio Cleber, eu sou o Eduardo, lembra de mim?”(sic). Eu respondo: “Lembro sim, rapaz! Como você está grande, está enorme!” (sic). Eduardo parece me estranhar; brinco um pouco com ele e, em resposta, ele começa a sorrir e balbuciar para mim. Aproveito para perguntar ao casal como passaram os últimos meses.

Para Heitor, o bebê mudou bastante. No início, ele era quietinho, miudinho. Agora cresceu, “pula no colo e gosta de farra” (sic). Rosa explica que Eduardo tem feito “manha e birra” (sic), exemplificando que ele fica na casa da avó materna, para a mãe trabalhar, e quando os pais voltam ele simplesmente os ignora, preferindo o colo da avó. Heitor concorda e lembra de um dia em que Eduardo preferiu ficar no colo do avô, “fazendo farra” (sic) com outras crianças. Heitor acha isso bom, pois é sinal de que não estranha ninguém.

Sabendo que os primeiros meses no pós-parto são intensos e difíceis, pergunto como eles passaram estes meses. Rosa diz que estão bem, mas tenho a impressão de que nem ela nem Heitor acreditam nesta afirmação. Rosa refere que eles não dormem mais, que Eduardo tem acordado muito à noite. Quando Rosa está de plantão, o bebê fica com Heitor, que diz não ter dificuldades quando fica com o filho, visto que o bebê só chora quando perde a chupeta.

Rosa voltou a trabalhar no quarto mês de vida de Eduardo, e confessa que a separação foi muito mais difícil para ela, que chorava nos primeiros dias, enquanto seu filho não deu qualquer trabalho, ficando bem com a avó materna. Fico com a impressão de que Rosa ficou decepcionada com a adaptação tranquila do filho em relação à avó. Ela explica que Eduardo fica bem com todo

mundo, mas que o maior problema foi se adaptar com outro leite que não fosse o materno: “Quando a gente deu outro leite, chorava o Eduardo de um lado e eu do outro” (sic). Heitor apresenta uma outra perspectiva de compreensão desse processo de separação.

*Heitor - É porque nesta hora tem que separar a mãe de um lado e o leite dela do outro. A gente foi trocando o tipo de leite, até achar um que ele se adaptou. E agora ele está comendo. Mas a hora que a mãe vê ele na mamadeira, às vezes ela chora.*

*Cleber – E porque você acha que ela chora, Heitor?*

*Heitor – Porque ela sente que perdeu o filho.*

*Rosa – Eu sinto que ele não vai mais querer mamar em mim.*

*Heitor – Mas é bom que seja assim, sinal de que ele está se desenvolvendo, está se adaptando a outras coisas e isso faz parte da vida, não tem como, né? Ele vai crescer, ele vai procurando outras coisas aqui e na vida dele. Quando entrar a comida sólida, vai ser outra coisa. E aí a gente tem de encarar. Na minha visão, eu penso assim: que bom que ele está pegando a mamadeira.*

*Cleber – É que para a mãe é diferente, né? (Vejo o rosto de tristeza de Rosa). Ah, ele está me deixando...*

Rosa fala do crescimento de Eduardo com certa tristeza, esclarecendo que na amamentação natural a criança fica dependendo apenas da mãe e que ver seu filho se desenvolver desperta nela um sentimento de intenso abandono: “Sem o leite ele não vai mais precisar de você, da mãe” (sic).

Heitor explica que Rosa quer amamentar até os dois anos de idade, e que ele não vai interferir nesta decisão, que é dela: “O pai quer ver o filho mais independente. Quando eu vi ele segurando sozinho a mamadeira, foi orgulho pra gente, porque ele está independente”, enquanto Rosa diz: “*tadinho, segura a mamadeira pra ele*” (sic). Heitor não concorda com esta postura: “*Tadinho nada, ele não está chorando. Mãe é tudo assim mesmo. Tadinho, por quê? Ele não está sofrendo. Então, não é tadinho*” (sic).

Heitor se posiciona como alguém que se alegra com o crescimento do filho, que sente orgulho ao ver seu filho se desenvolvendo no sentido da independência. Portanto, para o pai, crescer não parece ter o peso de um abandono, como para a mãe. Vale lembrar que a palavra desenvolver provém do latim *envolvere* mais o prefixo *des*, significando sair do envolvimento, deixar de ser tolhido; enfim, crescer e se abrir ao universo das interações humanas.

Diante da dupla perspectiva sobre o desenvolvimento de Eduardo, pergunto se a vida do casal está mais focada no filho. Heitor tem a convicção de que vai levar tempo até *“arrumar a bagunça”* (sic). Vejo que Eduardo não para de esfregar os dedos dentro da boca e pergunto se os dentes estão nascendo. Rosa confirma, mas avisa que foi Heitor quem viu o primeiro dente e lhe enviou a foto por *WhatsApp*: *“É o primeiro dente e não fui eu que achei. Eu não fiquei tão enciumada, porque foi ele; se fosse outra pessoa ia me sentir mal”* (sic).

Depois de um certo silêncio na sala, pergunto como eles estão como casal, se conseguiram retomar a vida a dois. Heitor percebe que ainda estão muito focados no bebê, e que esta fase separa um pouco o casal. Rosa sente que eles se afastaram, justificando que a mãe fica mais focada no filho e o pai fica meio excluído. Pergunto a Heitor como ele lida com essa situação, e ele me diz que tenta não se estressar ou obrigá-la a nada, pois acha que ela carrega a maior parte da carga do casal por ser mulher. Por isso, procura não sobrecarregá-la, já que percebe que ela está mais frágil por conta da volta ao trabalho. *“Eu fiquei cinco dias em casa e já senti quando voltei a trabalhar, imagine ela que ficou esses meses todos? A gente sente muito”* (sic).

Questiono Heitor sobre o que ele me contou, nas entrevistas anteriores, sobre suas preocupações com o futuro e o trabalho. Ele revela seu medo de ficar desempregado e não poder pagar um convênio médico para o filho. Quer ser uma referência para ele. Pergunto se esta reponsabilidade se tornou um peso para ele, ele discorda, dizendo que o motiva. Eduardo teve uma pneumonia, aos dois meses de vida, e precisou ficar internado. Rosa se sentiu uma péssima mãe por não perceber que o filho estava com problemas: *“Eu fiquei pensando, que porcaria de mãe eu sou que não percebi que meu filho estava doente? Foi muito difícil”* (sic). Sentia-se culpada, mas o pediatra a tranquilizou, atribuindo a doença à mudança do clima. Agora ela está mais confiante e segura. Questiono se a pneumonia do bebê os deixou mais “agarrados” em Eduardo, e os dois concordam.

Fico curioso para saber se Heitor está se sentindo um bom pai. Ele se diz satisfeito, acha que está se saindo bem. Para Rosa, *“ele é quase uma mãe, só falta amamentar”* (sic), e, além de cuidar do bebê, limpa a casa, lava a louça e a roupa.

Fica muito claro neste ponto da entrevista como Heitor cuida como se fosse uma mãe, atendendo às necessidades básicas do bebê. Apenas não tem o peito, o que biologicamente o limita um pouco. Parece que a biologia acaba por embasar a definição social de alguns papéis, ou a direcionar alguns dos cuidados que cada cuidador oferece. Porém, em Heitor vemos que o desejo e a necessidade de cuidar superam a biologia, conforme Rosa aponta:

*Ele começou a ser pai mesmo depois que eu voltei a trabalhar, porque antes eu fazia a maior parte das coisas. Acho que eu tinha a tendência a controlar tudo demais, mais depois que o Eduardo nasceu não tem jeito de dar conta de tudo.*

A fala de Rosa é interessante, pois aclara uma tendência dela a controlar tudo e a monopolizar o cuidado dado ao filho, deixando pouco espaço para o marido, o que me faz lembrar da guardiã do portal (“gatekeeper”), descrita na introdução deste trabalho (Eerola & Huttunen, 2011, p. 220). Um divisor de águas foi sua volta ao trabalho, no qual ela mesmo consegue abrir mão, sadiamente, deste monopólio do filho, permitindo que o marido faça a parte antes realizada por ela, sem com isso torna-la uma mãe inadequada, mostrando um amadurecimento emocional do casal.

Percebendo que o casal está bem cansado por conta do desgaste dos últimos meses, agradeço muito a disponibilidade deles e vou embora, imerso em vários pensamentos. Como ficou para Rosa o fato de eu ter sido seu professor? Isso teria influenciado decisivamente no conteúdo que o casal me comunicou nestas três entrevistas? Haveria alguma expectativa de impressionar seu antigo professor? Penso que havia sim essa expectativa da parte dela, que a princípio fez com que o casal tomasse uma postura mais formal, principalmente Rosa. Porém, ao longo das entrevistas, me parece que esta preocupação excessiva em ser uma boa mãe e um bom pai foi se diluindo, dando espaço para surgir o casal cuidador que eles podiam ser naquele instante.

#### 4.4. Casal 4

##### *Primeiro Tempo*

Chego ao condomínio onde moram Felipe e Ligia no horário combinado. Felipe tem 35 anos de idade, trabalha em um comércio e, em suas horas vagas, aos finais de semana, faz ensaios fotográficos de casamentos e aniversários. Ligia, de mesma idade, é formada em administração de empresas, mas atua como professora quase em período integral. Ligia, visivelmente alegre pela minha visita, conta que está de 24 semanas de gestação. Explica que ambos têm horários muito corridos, com “*poucas brechas*” (sic), por isso marcaram a entrevista em um sábado à tarde. Felipe pergunta sobre os detalhes da pesquisa; enquanto explico para ele, leem e assinam o Termo de Compromisso, deixando claro que esta parte burocrática não seria um empecilho. Sinto-me acolhido por eles, recebido como uma visita especial. A conversa toda segue em um clima muito tranquilo.

Apresento a Narrativa Interativa. Num primeiro momento de hesitação, ficam sem saber se farão a NI como casal ou individualmente. Felipe decide: “*Quero fazer a minha narrativa, tudo bem para você?*”(sic), olhando para Ligia, que concorda. Passam-se vários minutos, cada um mergulhado em sua escrita. Ao acabar sua narrativa, Felipe pede que eu a leia em voz alta:

*Eu me sinto muito ansioso. Apesar de estar mais maduro e feliz com a chegada do bebê, bebê esse que sempre sonhei em ter, em ser pai, me sinto preocupado em conseguir dar uma vida boa para meu filho (a). Financeiramente, também na educação. Não sei se tem a ver com o fato de não ter tido pai. Fui criado pela minha mãe, tias e avó. Ao mesmo tempo, quero ser e fazer tudo que não tive de um pai. Me pego pensando em como ele vai ser, no que vai parecer comigo, mas quando vem as preocupações me apego em saber se conseguirei dar conta e ser um bom pai.*

*Tenho certeza que terei muito amor e carinho por ele, mas o momento, pelo menos agora é de preocupação e muita ansiedade.*

*Minha única certeza é o Amor que sinto desde a confirmação da gravidez.*

A NI feita por ele traz suas angústias e questionamentos já de início, ao abdicar do uso de um personagem fictício como sujeito da narrativa para recorrer

ao uso do sujeito *EU*. Assim, se coloca conscientemente como narrador de suas próprias questões. Ter um filho para ele é a realização de um sonho, mas que gera ansiedade e preocupação, expressando a vivência de intensa ambivalência (Krob, Picinnini & Silva, 2009; Iwata, 2014).

Felipe levanta dois aspectos interessantes: tem medo de não dar conta e de não conseguir ser um bom pai. Estes aspectos parecem cada qual relacionados a diferentes facetas da paternidade. *Dar conta do recado*, a meu ver, está relacionado com prover a família em suas necessidades básicas, seja no campo financeiro ou educativo; enfim, dar uma vida boa ao filho, sendo um pai provedor, aproximando-se do modelo tradicional de paternidade (Crespi & Ruspini, 2015). Por outro lado, *conseguir ser um bom pai*, me remete a um campo vincular, onde a relação afetiva e pessoal com o filho tem um peso na constituição de sua subjetividade. Aqui, Felipe demonstra estar ligado ao seu bebê, sonhando o futuro de ambos, e tocando numa questão, para ele, central: conseguirei ser um bom pai sem ter tido um pai? Pode alguém dar ao seu filho o que não recebeu na infância?

Felipe pergunta o que acho de sua história. Digo que ela é muito tocante e sensível, e que deve falar muito sobre o que ele sente. Ele revela que sempre sonhou ser pai, mas que o medo de “*não dar conta do recado*” (sic) o acompanha há muito tempo. Quando nasceu, seu pai não o assumiu, abandonando sua mãe e seu irmão de seis anos.

*Ela sempre foi uma mulher muito esforçada, que nos criou sozinha. Ela foi pai e mãe para nós dois. Era dura quando precisava, amorosa quase sempre. Eu fui criado por muitas mulheres, na verdade, tive umas três mães: minha mãe, minha tia e minha avó. Isso me deixa um pouco incomodado, porque eu não tive essa referência do que é ter um pai.*

Aqui, Felipe se pergunta o que a falta de modelos masculinos na infância pode acarretar. Seria possível se tornar um pai sem ter experimentado em sua história de vida a presença paterna? Na verdade, Felipe viveu a presença de uma ausência paterna, e teme que esta ausência possa ter de algum modo comprometido sua capacidade de cuidar. Fico a imaginar como teria se estruturado dentro dele esta ausência concreta, pois apesar de ter sido criado por três mulheres, estas parecem ter exercido tato a função materna quanto a

paterna. Por isso, pergunto a Felipe se ele teve alguma notícia do pai ao longo da vida. Ele responde que, quando criança, não sabia quem era seu pai, mas na adolescência sua mãe lhe contou quem ele era; porém, Felipe nunca quis buscá-lo pessoalmente nem lhe perguntar sobre suas razões para abandonar a família.

*Ele devia ter seus motivos e não ia adiantar eu ir questionar ele. Ele era um amigo distante, um colega, que eu sabia que estava lá, mas que eu preferia não conversar. Mas este ano, depois que soubemos da gravidez, veio a notícia que ele tinha falecido. Eu fiquei num misto de tantas emoções: estava aliviado e chateado, porque era meu pai. Mas também com uma sensação estranha de que nunca mais eu iria poder voltar atrás e ir falar com ele. Foi estranho, porque eu fiquei com muitos sentimentos misturados dentro de mim, sem saber dizer bem o que era. Isso foi em março deste ano.*

Felipe não questiona os motivos que seu pai teria para não tê-lo assumido, colocando em si mesmo a opção de se distanciar do pai, e não o contrário. Assim, assume parcialmente o controle da situação, evitando o lugar de passividade diante do abandono do pai, além de preservar a imagem de seu pai, que passa a ser visto como um amigo distante, um colega. A morte do pai traz a ambivalência à tona, pois já não tem mais a opção de buscá-lo quando e se quisesse. De certo modo, as histórias que seu pai carregava vão para o túmulo com ele, ficando enterradas para sempre. Com isso, parece ficar ainda mais complexo o processo de Felipe rumo à paternidade: além de não ter a referência concreta da figura paterna na infância, perde a possibilidade de resgatar esta ligação afetiva com o pai no momento presente; porém, o que não pode ser ainda percebido por ele é a possibilidade desta reparação ocorrer imaginativamente por sua relação com o próprio filho. Afinal, em Felipe nos defrontamos claramente com dois aspectos da paternidade: a relação concreta e real com o pai (ou o pai enquanto figura real, de carne e osso) e a relação imaginativa com este mesmo pai (o pai interno, ou a forma como o pai real é vivenciado pelo filho).

Ligia conta que para ela também foram dias muito difíceis, pois sua mãe faleceu na semana seguinte ao falecimento do pai de Felipe. Ainda são dias difíceis, diz ela, pois a mãe estava curtindo muito a sua gravidez, e morreu de repente.

*Eu sempre tive uma vida mais independente, morei fora, e só voltei pra cá quando a gente decidiu ficar junto. Aí me aproximei de novo da minha família. Agora não vou ter ela pra me ajudar no dia a dia. Ela faz muita falta... (se entristece, olha para baixo, mas não chora).*

Neste ponto da entrevista, vivencio um imenso impasse. Enquanto pesquisador, ainda que implicado no processo, não tinha uma intenção psicoterapêutica em andamento durante as entrevistas. Porém, enquanto psicólogo clínico com formação em psicanálise, sinto-me eticamente comprometido a considerar o sofrimento humano. Fico movido de compaixão por este casal grávido em processo de luto e sinto a necessidade de acolhê-los de algum modo.

*Então vocês dois, apesar de estarem felizes pela gravidez, também estão de luto. Ligia, tudo que você viveu com sua mãe vai estar sempre com você, as lembranças, os sorrisos, o carinho dela, isso você nunca vai perder e vai poder dar ao seu filho também. Felipe, apesar de você não ter tido um pai, com certeza sua mãe te ensinou a ser um homem digno e bom, e você deve ter outros homens que serviram de inspiração durante a vida. Essas lembranças podem ajudar vocês a aguentarem estes lutos. Afinal de contas, é normal a tristeza quando se perde alguém que é importante para a gente.*

Ambos parecem ficar aliviados com o que eu digo, o que me fez pensar que a minha intervenção era necessária e teve um efeito terapêutico, o que possibilitou o fortalecimento da minha relação com este casal e a continuidade da própria pesquisa. Em seguida, Ligia, assim como Felipe o fizera, pede que eu leia em voz alta a sua narrativa.

*(Continua a NI, na voz de Sabrina):*

*– Baseada em tudo que conheço de sua personalidade, caráter, honestidade, determinação e valores. Desde o momento em que tomamos a decisão mais importante de nossas vidas, não tive dúvidas de que seria o melhor para nosso filho (a).*

*Marcos: Também não tenho dúvidas com relação à decisão de ser pai, porém são tantas questões acerca do ambiente em que vivemos, situações políticas, econômicas, educação, saúde e tantos valores invertidos na sociedade.*

*Sabrina: Compreendo perfeitamente suas dúvidas que também preenchem meus pensamentos em alguns momentos. Mas algo mais poderoso me traz a segurança e confiança de que estamos no caminho certo. Ela vem da convicção de que nossas escolhas são abençoadas por Deus, que tem nos sustentado e direcionado. Entendo que*

*quando colocamos nossas vidas, pensamentos, preocupações diante d'Ele não estamos sós, e nos sentimos em paz. E através deste filho (a), Ele vem confirmar seu Amor por nossa família. Não seria esta uma fórmula perfeita para o sucesso?*

A narrativa de Ligia sinaliza o quanto ela confia na capacidade de seu parceiro cuidar de um filho. Ela sente segurança ao se apoiar em Deus Pai, que sustenta e direciona o casal, de certa forma os protegendo e amparando. Curioso que esta narrativa se suceda ao diálogo no qual conversamos sobre a perda parental de cada um, possivelmente indicando o quanto a religiosidade funciona para eles como um importante suporte diante da dor e do sofrimento. Mesmo diante das dúvidas, Deus os protege.

Porém, chama a minha atenção que, na última frase da narrativa, Ligia se refira à “*fórmula perfeita para o sucesso*” (sic) e não à “*fórmula perfeita para a felicidade*”. Fico a me questionar o que ela queria dizer com ter sucesso, e esta frase me soa distônica de todo o contexto. Poderia ser uma referência a um sucesso parental? Afinal, seu esposo foi criado sem pai e ela, ao se aproximar da mãe, esta morre, gerando na filha sentimentos de abandono. Por outro lado, Deus não abandona, pois não é falível ou humano; assim, o casal ficaria assegurado de um amor que nunca acaba.

Em seguida, Ligia conta um pouco da história do casal. Ela morava fora, em outra região do Estado, muito independente, mas solitária. Felipe, por sua vez, morava na região, mas também era solitário. A amizade deles vem desde a adolescência: com o passar do tempo, eles que eram amigos foram ficando interessados um no outro e, após um ano de namoro, decidiram morar juntos. Como ela tinha endometriose e apenas um ovário devido à retirada de um tumor, fizeram diversos tratamentos e engravidaram depois de um ano, para grande surpresa do casal. Na verdade, Ligia diz ter demorado muito para perceber que era gravidez, porque ao passar mal, achava que poderia estar com dengue ou outra doença qualquer, tendo feito o exame de sangue apenas no mês seguinte.

*Quando eu contei pra ele, ele não se continha em si! Queria ligar pra todo mundo e contar. Quando eu vi, ele já tinha postado na internet e várias pessoas estavam ligando para nos dar os parabéns.*

Felipe ria ao escutar a esposa falar destas coisas, muito à vontade. Pergunto a Ligia se ela percebe que Felipe está diferente depois da notícia da gravidez.

*Acho que nós dois estamos diferentes, Cleber. Ele está bem mais carinhoso, afetivo; ele sempre foi muito presente, mas agora está mais. Fica me mandando fotos de bebê o dia todo pelo WhatsApp e perguntando se eu estou me sentindo bem. Acho também que ele está mais ligado a Deus e que a fé dele está maior. Ele é ansioso, mas está mais confiante, eu acho. E acho que nós dois ficamos mais ligados nas nossas famílias. Um fim de semana na família dele, outro na minha, sem pressão alguma, a gente sente falta de estar com eles. Acho que eles estão sendo um suporte e tanto. Além disso, o Felipe está mais presente em tudo. Ele desmarca trabalho para estar comigo nas consultas, no ultrassom, em tudo que eu preciso.*

Quando pergunto sobre o esposo, Ligia rapidamente aponta que *ambos* estão diferentes, incluindo-se nas transformações do casal. Condizente com a literatura, Ligia aponta um aumento da sensibilidade e participação do pai (Iwata, 2014), bem como o uso da tecnologia como mediador, como uma estratégia para a manutenção da ligação do casal quase em tempo real, através de fotos e mensagens pelo *WhatsApp*. Outro aspecto levantado por Ligia é o aumento da presença e suporte familiar, aliviando a demanda do casal. Felipe sorri muito ao ver sua esposa falar sobre ele, sendo reconhecido por ela como um pai presente. Há um clima de expectativa quanto ao sexo do bebê.

*No último ultrassom, tentamos ver de novo o sexo do bebê, pela quinta vez. Eu dei chocolate para ela, mas nem assim o bebê abriu as pernas (risos). Estamos na expectativa de quem vai chegar, se vai ser a Manuela ou o Bernardo. Eu desmarco o que for preciso para estar com ela. E no dia do parto, vou estar junto com ela, na hora do nascimento. Por mim, ele ou ela podia nascer hoje mesmo (risos). Mas a gente tem de esperar, não é mesmo?*

A ansiedade de Felipe parece tomar um rumo diferente neste caso. Está desejoso da definição do sexo do bebê e também do seu nascimento, mas sabe que precisa esperar. Não sinto em sua fala que esta espera seja algo de extrema angústia. A meu ver, ele conseguiu desenvolver a esperança, ou a capacidade de esperar. A esperança é filha e fruto da confiança: quem confia, consegue

esperar. Esperar e antever a sua participação no parto. Apesar de não ter vivenciado um pai pela presença na infância, poderíamos imaginar, seguindo a última fala de Ligia, que ao aumentar sua fé em Deus, que é Pai, Felipe consegue diminuir e de certa forma, superar a falta paterna vivida na infância?

### *Segundo Tempo*

Quando Felipe me recebeu na porta, estava com a fisionomia diferente: cabelos mais longos, barba branca e ainda por fazer, olheiras, e um ar mais sério. Vê-lo desse jeito me causou um grande impacto, pois não parecia o mesmo homem com quem me encontrei meses atrás, pareceu-me um homem quase dez anos mais velho.

Pergunto como ele passou nesse período. Conta que foram grandes as emoções naqueles dois meses desde que sua filha nasceu, pois ele e a esposa eram *“marinheiros de primeira viagem”* (sic): *“Fica tudo pra gente resolver, porque somos só nós dois na cidade, e agora a Manú (o bebê recebeu o nome de Manuela) está conosco”* (sic). Ficou os cinco dias de licença em casa, junto da esposa e da filha, mas se queixa que este tempo passou rápido demais: *“Eu tento fazer o máximo que eu posso quando estou aqui, mas tem coisas que é a Ligia que sabe, porque ela passa o tempo todo com a Manú”* (sic).

Fico surpreso com esta colocação de Felipe, pois na entrevista anterior havia dito que ambos estavam mais próximos de suas famílias, o que não parece ter se sustentado e, possivelmente, ter gerado um aumento na tensão diária ao acumular os papéis de provedor e de pai. Outro aspecto a destacar é que ele atribui à esposa a posse de um conhecimento necessário para cuidar da filha (Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes & Picinnini, 2013; Vieira et al., 2014), mas não atribui o desenvolvimento dessa capacidade a um aparato biológico ou instintivo, mas ao longo do tempo em que mãe e filha passam juntas. Desse modo, me parece que Felipe não se coloca aqui completamente alinhado às características do pai provedor, segundo um modelo mais tradicional, onde a mãe seria maternal pela biologia. Porém, parece ter certa dificuldade em se colocar mais de perto, como cuidador diário de sua filha.

Ligia me explica que dois dias após o parto, sua filha estava muito chorosa, não parava um minuto, e não dormia, retorcendo-se toda. Foram ao pediatra, que achou melhor que a levassem ao hospital para alguns exames, já que havia pedido 300 gramas e havia uma possibilidade de infecção. Fizeram os exames, mas com muito medo de que algo de grave fosse descoberto no bebê. No final das contas, Manú estava bastante desidratada, e o pediatra recomendou que eles evitassem sair de casa com a filha até que esta completasse três meses de idade. Mas restaram algumas consequências deste acontecimento, conforme Felipe me narra:

*Foi meio traumático para a Ligia, sabe? Ela veio pra casa mais grudada na Manú, com medo de alguma coisa acontecer. Acho que a Manú sentiu isso também, porque ainda tem o sono muito leve, acorda por qualquer coisa. Para não atrapalhar as duas, eu vim dormir no sofá da sala porque, como eu ronco bastante, eu estava acordando as duas a noite toda; eu não conseguia relaxar com medo de roncar.*

Felipe aponta mais uma dificuldade enfrentada por eles. O suposto risco de morte mobilizou o medo da esposa, que estreitou mais ainda o relacionamento com a filha. Interessante que o pai usa a palavra *grudada* para designar este estado. Grudar, colar, significa unir superfícies de uma forma quase definitiva. Ao separar a cola, pedaços de um elemento ficam unidos ao outro e vice-versa. De algum modo, a intuição de Felipe aponta para uma relação simbiótica inicial com características mais contundentes que o comum, com características adesivas, onde o medo funcionaria como um intenso catalizador na relação mãe-bebê. Segundo Winnicott (1956/2000), a adaptação materna ao bebê deve ser quase perfeita no início, flexibilizando-se com o correr do tempo. Esse estreitamento da relação mãe-filha parece ser reativo ao medo da perda do bebê, que potencializou as fantasias e medos do casal, principalmente de Ligia.

Porém, a mudança na rotina tem seu preço. Nestes dois meses, Felipe e Ligia dormiram muito mal, e se tornaram irritadiços pela falta de descanso. Felipe se preocupa com a sobrecarga da esposa e com a forma com que eles vão lidar com todas estas tensões, destacando também um certo isolamento de sua família em relação ao mundo externo.

*O nosso mundo ficou restrito a este espaço (aponta para a sala e o quarto, ao lado). Eu ainda saio todos os dias pra trabalhar, mas ela fica aqui dia e noite e se algo não está bem com ela, vai ser em mim que vai descarregar e vice-versa. Querendo ou não, mudou muito. Muitas alegrias, mas limitações também.*

Enquanto eu conversava com Felipe, Ligia sai do quarto com Manuela no colo e a apresenta para mim: “Olha Manú, o tio Cleber! Lembra dele? Ele já conheceu você na barriga da mamãe! Tudo bem, Cleber?”(sic). Respondo que sim, e digo que a filha deles é linda. Brinco com os dedos de Manuela, que me olha atenta. Quando mostro a língua para ela, Manuela sorri, dá um pequeno grito e também mostra a língua, o que causou espanto nos pais. Ligia se coloca em pé, ao lado de Felipe, posição em que vai permanecer durante quase toda a entrevista, ninando Manuela.

Pergunto como foram de parto e nestes dois meses. Ligia conta que o parto foi tranquilo, mas que Felipe ficou muito nervoso antes de entrar no centro cirúrgico. Pergunto se querem me contar como foi. Ela continua a falar, explicando que estava de 38 semanas, mas sem qualquer dilatação:

*A emoção era grande. Eu entrei para tomar a anestesia e o Felipe veio depois, e ficou ao lado da minha cabeça. Quando ela nasceu, o Felipe viu ela toda roxinha, e depois foi ao berçário com ela. Tudo foi muito rápido.*

Felipe me conta que foi um momento de muita tensão dentro do centro cirúrgico, pois ele estava com muito medo, mas que ficou tranquilo quando logo em seguida sua filha chorou. Manuela nasceu saudável, sem nenhum problema de saúde. Logo depois do nascimento, a equipe de enfermagem o conduziu para fora do centro cirúrgico, ele foi acompanhando a filha para o berçário.

*Tinham várias crianças no berçário, mas só de olhar eu sabia quem era a Manú no meio de todas as outras. Foi uma das horas mais felizes da minha vida. Mas eu também estava querendo ver a Ligia, saber se ela estava bem. Como é que a gente pode sentir coisas tão diferentes ao mesmo tempo, sentir alegria e preocupação?*

Falo a Felipe que estes sentimentos aparentemente contraditórios cabem no mesmo coração, e que com o passar dos dias e meses eles iriam ver como eles também passariam por isto, pois quem cuida se alegra e se preocupa, ao

mesmo tempo. Todos rimos desta minha afirmação, e percebo que o casal está mais solto e tranquilo. Em seguida, me oferecem um bolo de cenoura, que aceito, enquanto combinamos a data para a próxima entrevista.

### *Terceiro Tempo*

Chego ao apartamento do casal, novamente num sábado à tarde, como nas entrevistas anteriores. Felipe me recebe sorridente, porém mais formal que no último encontro. Entramos e nos sentamos na sala, ambos em um mesmo sofá, cada um em uma ponta. Começamos a conversar enquanto Ligia amamentava Manuela, agora com seis meses, no quarto ao lado. Pergunto como passaram desde a nossa última conversa.

Felipe diz que está mais tranquilo, principalmente com a parte financeira: “*Acho que com o passar do tempo a gente vê que consegue dar conta*” (sic). Sua esposa pretendia voltar a trabalhar no final daquele mês, mas decidiram que ela ficaria em casa por pelo menos mais seis meses, após se demitir do trabalho.

*Nós não ficaríamos tranquilos deixando a Manú com alguém e assim ela vai se acostumar mais com a gente. A gente fica meio inseguro e vê famílias que pegam e já colocam os filhos na creche desde novinho e, nossa, tem que ser muito seguro para fazer isso. A Ligia passa o dia todo com ela; como é que se deixa um filho de uma hora para outra com alguém, que não vai ter os mesmos cuidados que você tem?*

Digo que ele tem a impressão de que por melhor que seja o cuidador, nunca será igual ao cuidado materno e que também me fala do medo de que algo aconteça com a filha quando nenhum dos dois estiverem por perto. Assustado, Felipe fala do surto da gripe H1N1 na região nos últimos meses, e do medo de que sua filha fique doente, pois várias pessoas morreram dessa gripe e não querem que seu bebê corra este risco.

Nesse momento, Ligia traz Manuela no colo, que se assusta ao me ver e começa a chorar intensamente. A mãe tenta acalmá-la, sem sucesso, e volta ao quarto. Esta cena chama a minha atenção, pois a filha fica restrita aos braços da mãe, sem qualquer movimento do casal para que a mesma vá ao colo do pai. Parece que apenas a mãe sabe como contornar a situação, como Felipe havia

anunciado na segunda entrevista, e o pai não se inquieta quando as vê saindo da sala, sem que ele participe ativamente na resolução do choro infantil. Penso que mãe e bebê estão coladas uma à outra, ainda não havendo muito espaço para a presença paterna na rotina de cuidados diários. Fico com a impressão de que a relação simbiótica inicial entre mãe e filha ainda persiste, apesar do desenvolvimento de Manuela, o que me faz pensar sobre a desadaptação gradual materna de que falava Winnicott (1956/2000c), como sendo necessária para que a criança desenvolva recursos para lidar com a frustração. A configuração deste casal, onde o pai espera que a mãe resolva o choro infantil e as necessidades do bebê, aponta para um modelo de papéis parentais mais tradicionais.

A rotina paterna já foi reestabelecida, pois Felipe voltou ao seu trabalho no comércio e à função de fotógrafo nos finais de semana. Ligia fica praticamente o tempo todo em casa, cuidando da filha. Porém, Felipe salienta não terem ainda se adaptado cem por cento a essa nova rotina, o que gera certo estresse. Quando chega em casa, apesar do cansaço, auxilia nas obrigações da casa, o que gera nele uma sobrecarga emocional (Fägerskiöld, 2008). À noite, ainda dormem mal, pois acordam demais para Manuela ser amamentada; apenas Ligia consegue acalmar a filha, ele não; ela fica calma quando vai ao colo da mãe. Apesar disso, *“está muito gostoso”* (sic), diz ele.

Fico com a impressão de que o pai ainda não desenvolveu ao longo destes meses a habilidade para cuidar de sua filha, ao trocar fraldas, ninar, dar banho. Como a esposa é quem sabe cuidar do bebê, ele se restringe a cuidar da casa. Porém, noto seu descontentamento quando diz que não consegue acalmar sua filha, enfatizando os aspectos positivos, como se explicitar sua frustração contrariasse o comportamento esperado socialmente de um bom pai, envolvido nos cuidados da casa e do bebê (Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2012). Parece haver uma queixa velada de Felipe, que se ressentido de estar assumindo um papel mais passivo, de observador, sendo que gostaria de estar mais presente. Aproveito a oportunidade para perguntar se ele ajuda na vida diária com a filha.

Felipe explica que ajuda no que pode e que, segundo acordo do casal, a parte de trocar e de dar banho quem faz é a Ligia. Ele se justifica dizendo que apenas ajuda, mas é ela quem faz, se colocando em um papel secundário.

Questiono como fica nas horas em que ela não está disponível, e ele me esclarece que isso ainda não aconteceu, mas que ela o ensinou como fazer, em caso de necessidade: *“Ela tem uma prática imensa e eu tenho dificuldade em acertar o elástico da fralda, essas coisas. Mas quando precisar, eu vou fazer”* (sic).

Ter Ligia em casa foi a melhor decisão, na opinião de Felipe, o qual argumenta que não adiantaria a esposa voltar ao trabalho e ambos ficarem preocupados, *“com a cabeça ligada ao que ocorre em casa”* (sic). Parece-me que ao assumir toda a responsabilidade pelo cuidado da filha, o casal fica sobrecarregado. Cuidar gera estresse, confirma Felipe, mas são eles que estão cuidando, e não têm que depender de mais ninguém:

*Uma vez ou outra se ela precisar ficar com algum parente ou amigo, tudo bem, mas agora não é legal ficar dependendo de família, é nossa obrigação. Nossa família não tem esse dever, eles têm é que curtir o bebê.*

Ao aumentar o peso em seus ombros, prescindindo de um suporte social e familiar, o casal perde a oportunidade de descansar, de retomar a relação conjugal, além de aumentar a convivência com a família mais ampla, o que poderia beneficiar a eles e à Manuela que ganharia em termos de socialização.

Ligia tenta voltar à sala com a filha ao colo, mas ela novamente chora ao me ver e se agarra à mãe. Ligia confessa sua preocupação com essa dependência de Manuela, que não a deixa sequer ir ao banheiro sozinha, mas atribui esse apego exagerado ao fato de ainda estar amamentando a filha.

*Eu não percebo esta dependência minha com ela, mas ela é bem dependente e faz um pouco de manha. Ela fica uma hora chorando se não está no colo e fica uma hora depois chorando, porque fica sentida comigo, igualzinho uma certa pessoa, sabe? (Olha para Felipe).*

Do ponto de vista da mãe, ela não se sente dependente, mas assinala que filha e esposo são dependentes dela. Felipe está se sentindo preterido pela filha, que prefere o colo da mãe, o que talvez aumente nele o sentimento de solidão (Höfner, Schadler & Richter, 2011). Penso que apontar a contradição de sua fala neste momento não seja uma boa estratégia e procuro outro caminho,

dizendo, com certa ironia, que eu achava que Manuela sabia o ponto fraco da mãe. Rimos todos com este pequeno chiste, o que me pareceu facilitar a continuidade da entrevista.

Em seguida, Ligia traz uma grande angústia: revela que se acha uma péssima mãe, pois sua filha fica agitada e não dorme bem, demandando a sua presença constante. Apesar de não estar trabalhando, ela fica com a sensação de que trabalha bem mais agora, mas que não está dando conta de tudo. Na verdade, *“tudo parece ser pouco, insuficiente”* (sic). Felipe explica que antes ela administrava as contas da casa, mas com a chegada da filha ele teve de assumir esta função, o que deixou Ligia “estressada”, pois ele tem seu jeito de pagar as contas, menos organizado que a esposa. Por sua vez, ela está procurando se acostumar a não estar no comando de tudo, tentando aceitar ficar dependente dele por um tempo, mas *“há uma preocupação, uma ansiedade com o que vem depois, com o passar do tempo”* (sic).

Fazendo um contraponto, Felipe afirma que eles têm vivido bem e conseguido arcar com todas as contas, o que fez sua preocupação com a parte financeira diminuir, já que estão conseguindo suprir o que a filha precisa: *“vendo que a gente dá conta”* (sic). Aproveito a deixa, e pergunto se agora, olhando para trás, sua preocupação era com os gastos que a filha traria ou com a responsabilidade, completamente nova, de cuidar de um bebê. Felipe confirma que a grande preocupação era com a responsabilidade, por ser tudo novo, e que com a passagem dos meses foi se tranquilizando.

Ligia comenta que estão incluindo as papinhas e desmamando a filha aos poucos, mas Manuela está estranhando a consistência dos alimentos. Neste meio tempo, Manú começa a balbuciar para mim, como se estranhasse menos a minha presença.

Pergunto a Ligia sobre Felipe, se ele é um *“pai coruja”* (sic). Ela responde que ele é muito coruja, carinhoso e atencioso. Quando está com a filha, esquece de tudo. Por outro lado, reconhece sua própria dificuldade para dividir tarefas: *“essa questão das fraldas e do banho, eu deveria delegar um pouco mais, mas ainda não houve uma real necessidade de fazer isso”* (sic). Felipe reitera que prefere que Ligia cuide da filha, pois a rotina é estressante e ela tem mais prática e rapidez; além disso, se ele fizer não ficará como a mãe quer. Percebo que o

casal está de comum acordo quanto às funções parentais, mostrando-se satisfeitos com o modo como se organizaram.

Ao perceber uma certa tensão no diálogo entre eles, questiono como estão enquanto casal, lembrando-me da entrevista, no primeiro mês de vida da filha, quando “saíam algumas faíscas” (sic) entre eles. De pronto, Ligia refere que havia dito um tempo atrás para Felipe que se soubesse que o relacionamento entre eles ficaria tão estressante, não teria tido filhos. Felipe confirma que foram dias difíceis, quando ficava se perguntando até que ponto compensava abrir mão de tanta coisa para ter um filho, mas conclui que aquela era uma fase de adaptação, que já passou. Quando pergunto o que pode ter ocasionado esta mudança, Ligia diz que eles conversaram muito, mas que *Deus “colocou a mão também”* (sic), auxiliando-os.

Ligia parece atribuir os desentendimentos do casal à mudança necessária para que se abrisse um espaço em suas vidas para um filho: *“é muito diferente ser um casal, e ser pai e mãe. Precisa de tempo pra se adaptar”* (sic). Ela fica se perguntando como alguns pais e mães delegam o cuidado para babás, e que lhe parece que estes pais se preocupam mais em mostrar uma felicidade, a ser ver que não é real, para os outros, que cuidar dos próprios filhos. *“O dia a dia é bem mais difícil”* (sic).

Um colega da igreja, que tem três filhos, todos casados, tem se tornado uma referência para Felipe: *“ele fala sempre que os filhos vão embora e é com sua mulher que você vai ficar até o final da vida, por isso não pode esquecer dela. Ela é que é a sua parceira, que você tem de valorizar”* (sic). E Felipe esclarece que este colega é muito parceiro da esposa, que viajam bastante e curtem a vida.

Ao olhar para este colega, Felipe também pôde avaliar sua relação com a Ligia, e o grau de intimidade e cumplicidade que alcançaram. Segundo estudos recentes (Genesoni & Tallandini, 2009; Jager & Bottoli, 2011), o afastamento entre os parceiros é muito comum após o nascimento do bebê, e costuma se prolongar por alguns meses, até que o casal possa resgatar o vínculo conjugal.

*Depois que a bebê nasceu, tudo ficou voltado pra criança, mas a gente foi esquecendo um pouco um do outro. Eu só fui enxergar isso depois de um tempo, quando percebi que a gente estava mais afastado. E percebi que não adiantava ficar imaginando o futuro,*

*tentando prever tudo, tinha que viver o dia a dia. Acho que aquela dificuldade que eu imaginava caiu por terra, acho que eu vou conseguir sim cuidar dela.*

Neste momento da entrevista, o bebê passa a sorrir para mim, mas permanece segura no colo da mãe e sem sinal físico de aproximação. Felipe comenta que está aliviado e acha que o pior período já passou, e confia o motivo pelo qual evitava pegar sua filha muito pequena: *“Eu tinha medo da Manú quebrar, por isso não a segurava. A gente foi tendo de descobrir tudo sozinho, porque não tínhamos experiência com criança tão pequena”* (sic).

Ao verbalizar sua fantasia, Felipe pode entrar em contato com seu medo, quando já tinha superado as dificuldades no cuidado inicial com a filha. A bebê não quebrou, e nem ele enquanto pai, ao se defrontar com novas vivências; porém, Felipe coloca uma dificuldade neste processo: eles tiveram de aprender tudo quase sozinhos, sem estarem amparados na experiência de vários outros adultos que passaram pela mesma transformação. Saber que conseguiram superar esta fase inicial deixa Ligia aliviada, mas consciente de que ainda virão outros desafios à frente:

*Eu não via a hora dela crescer e ficar mais forte, de parar de chorar, pois eu ficava numa insegurança muito grande até entender o que ela tinha. Mas passou. Eu não vejo a hora dela falar e poder mostrar onde dói, o que ela sente, essas coisas. Sou muito ligada nela, e fico me perguntando se essa dependência tão grande de mim é errada, como se isso fosse ruim pra criança. Acho que é cedo pra ela ir pra creche ou outra pessoa cuidar. Pela gente, ela ficava em casa até uns dois anos.*

Há em Ligia a percepção da estreita ligação que tem com a filha, da ordem da dependência, e já havia comentado que não sabia se essa dependência era algo bom ou ruim. Ligia retoma esse tema, mas se apressa a concluir que ainda não era hora de se separar de Manuela, afastando a ideia de contar com outros cuidadores. Pondero sobre o significado que esta separação tem para ela e também no papel que Felipe tem nesta dinâmica entre mãe e filha, além de seu relacionamento com a filha. Nesse ínterim, servem-me bolo de cenoura e continuam falando de suas dúvidas em relação à creche. Novamente, me sinto incomodado com o fato do pai sequer tocar a filha durante toda a entrevista,

embora o perceba muito afetivo com o bebê, sorrindo para ela. Aproveito para perguntar-lhe diretamente sobre os últimos meses com a filha:

*Felipe, eu me lembro que nós chegamos a falar, principalmente na primeira entrevista, do receio que você tinha de ser pai, por não ter vivido um contato próximo com seu pai. Hoje, com sua filha aos seis meses, o que você me diz? É possível ser pai sem ter tido um pai?*

O casal fica muito emocionado (e sinto que eu também). Felipe toma a palavra e explica que antes ele tinha suas dúvidas, mas hoje está convencido de que é possível ser um bom pai para sua filha.

*Eu tenho um amor por esta menina que nunca imaginei sentir na vida, e ela tem uma importância muito grande pra mim. Meu pai fez falta, mas eu não quero fazer falta pra ela. Eu não sei de onde vem este aprendizado, já que eu não tive pai. Mas eu estou conseguindo dar um carinho pra ela, que eu não tive, e isso me deixa muito aliviado. Ela vai ter, se Deus quiser, uma infância melhor que a minha, mais segura e alegre. Eu vou fazer o possível pra isso. E é bom a gente poder falar destas coisas. Eu nunca imaginei que falar da minha vida e das mudanças na gravidez e destes primeiros meses da Manú fosse me ajudar tanto.*

Sonhar com um futuro melhor para a filha traz para Felipe um sopro de esperança. Ver que ele consegue viver com a filha uma proximidade que não teve lhe inspira alívio e confiança. Sinto que, naquele momento, um aspecto mais profundo de seu self pôde se expressar na entrevista, sem medo e sem culpa, e que a entrevista teve sobre ele um efeito terapêutico importante ao permitir-lhe verbalizar suas experiências ao longo do processo de transição para a paternidade. Digo-lhes que, quando falamos, nos aproximamos do que vivemos e sentimos, e que talvez por isso seja tão bom para os casais falar sobre suas alegrias e dificuldades neste processo de se tornarem pais.

Rapidamente, Ligia interroga se esta é mesmo nossa última entrevista. Confirmo que é a última entrevista do doutorado. Sorrindo, ela lamenta: “*Que pena! Mas se a gente te ligar, você pode voltar outras vezes?*” (sic). Respondo, também sorrindo, que se quiserem podem me ligar, que marcamos outra entrevista.

## 4.5. Casal 5

### *Primeiro Tempo*

Em meio a uma chuva torrencial, num domingo pela manhã, chego na casa de Tales e Safira. Tales vem abrir o portão e me leva para a sala de sua casa, onde a televisão está ligada no canal Canção Nova, que transmitia ao vivo um retiro espiritual. Vejo diversos instrumentos musicais de corda na sala: violão, guitarra havaiana, contrabaixo. Tales me explica que Safira já vem, pois está acabando o banho. Tales tem 28 anos de idade, é biólogo de formação, mas trabalha numa prestadora de serviços. Safira tem 26 anos, e exerce a função de auxiliar administrativo numa escola. Tales me conta o porquê de tantos instrumentos em sua casa.

*Sabe, nós somos muito religiosos, e eu toco em um conjunto na igreja católica. Lá nós tocamos em encontros, retiros e também nas missas. Isso era minha rotina aos finais de semana, mas com a chegada da Helena vai ser um pouco diferente. Eu estou muito ansioso para que ela venha logo, inclusive minhas férias vão começar no sábado que vem. Na verdade, a gente também estava bem ansioso com a sua vinda aqui. Estávamos com receio da Helena resolver adiantar e não dar tempo de conversar com você antes do nascimento e participar da pesquisa. Ainda bem que ela ficou quietinha! (Risos).*

Esta fala de Tales é rica de significações. Primeiramente, como em outros casais participantes, a experiência religiosa está presente e ocupa parte do seu tempo disponível. O casal está em compasso de espera, de espera ansiosa. O pai deseja muito a chegada de Helena, mas se apercebe de que sua rotina irá mudar. E esta ansiedade para dividir com alguém as suas experiências na gravidez também se traduzem no desejo de que eu possa estar com eles não apenas antes do parto, mas também durante o tempo de pesquisa.

Safira chega na sala e me cumprimenta, sentando-se ao lado do esposo. Mostram-se sorridentes e disponíveis, querendo saber mais sobre a pesquisa. Explico o foco do meu trabalho na transição para a paternidade, as etapas da pesquisa e o Termo de Consentimento. Leem o termo e o assinam, sem qualquer questionamento, fazendo-me perguntas: querem saber se sou casado, se tenho filhos, e como é meu trabalho como psicólogo. Respondo as perguntas sem me

sentir incomodado nem invadido. Tenho a impressão de que o fato de eu ser pai deixa Tales mais à vontade, podendo dividir com um outro homem, que também é pai, a sua própria experiência. Fico me questionando se o fato de ser pai, além de psicólogo, traz a eles uma fantasia de que serão menos avaliados ou criticados, pelo fato de eu também ter enfrentado a mesma jornada que eles estão passando.

Em seguida, apresento a Narrativa Interativa (NI), lendo-a para eles. O casal fica sem saber o que fazer, se a preenchem individualmente ou como casal. Safira toma a frente e decide que deveriam fazer uma única história, como casal. Segue-se um silêncio, quando cada um parece pensar no que seria importante dizer. Tales diz não saber se deveria falar um pouco de si mesmo ou das ideias que vinham à sua mente, parecendo hesitar entre um discurso mais racional e embasado na realidade e outro discurso, mais espontâneo e associativo. Mas Safira é enfática e diz que deveriam fazer sobre o diálogo da história, que assim seguiria mais a sequência lógica da história que eu havia trazido. Decisão feminina, e Tales concorda, passando a folha para Safira escrever.

Aqui posso perceber como cada um deseja tomar a narrativa de modo diferente. Para Tales, a NI parece ser uma chance de expressar diretamente suas vivências, falando de si mesmo e de suas ideias, sem precisar de subterfúgios. Por sua vez, Safira é direta e objetiva, buscando seguir o que foi proposto. Isto me sugere que talvez Tales tenha uma tendência a se submeter aos desejos da esposa, evitando complicações na relação conjugal.

Dando continuidade à NI, Safira pergunta a Tales se ele tem preocupações, como a do pai da história. Tales responde que sim, mas que agora as suas “*encanações*” (sic) eram menores que antes, e que achava que já tinha passado dessa fase:

*Você lembra no começo, né? Eu ficava encanado com medo das coisas não darem certo, mas quando vi a imagem dela no ultrassom já fiquei muito sossegado. Mas acho que fico com mais medo do futuro, do mundo que a gente vive, das coisas que a nossa filha vai passar. A gente não vai conseguir proteger ela de tudo, né? Nem que eu fosse um super-homem não ia dar conta (risos).*

O medo de Tales se modifica ao longo da gravidez, indo em direção ao futuro, em direção à época em que não poderão proteger mais a filha, na medida em que ela conquistar certa autonomia. Mesmo o super-homem, como lembra Tales, não consegue proteger a todos, pois crescer implica correr riscos e se abrir ao novo, apesar do medo (Finn & Henwood, 2009). Sinto esta fala do pai como uma importante abertura ao novo, ao crescimento, pois Tales, enquanto pai, é capaz de muitas coisas, inclusive cuidar bem de sua filha.

Safira inicia a escrita da NI, sendo que cada um deles compõe um parágrafo alternadamente. A narrativa segue bem curta, concisa, e pouco reveladora, demonstrando que diante da tarefa de elaborar o conflito do personagem da NI, Safira opta pelo caminho seguro da razão que, defensivamente, os colocará a salvo da exposição ao psicólogo/pesquisador curioso.

*Desde o início percebi sua preocupação em ser um bom pai. Suas atitudes e pensamentos já demonstram isso.*

*Nesse processo de mudança em nossas vidas você não estará sozinho, caminharemos juntos com amor, carinho, cuidado, paciência e muita dedicação.*

A NI destaca pontos interessantes. Safira frisa a preocupação de Tales em ser um bom pai; Tales, por sua vez, destaca a importância da parceria e da manutenção de um bom vínculo conjugal. O casal expressa, desse modo, uma ênfase em aspectos desejados socialmente aos pais: atitudes paternas adequadas, parceria entre ambos, com amor e compreensão. Em nenhum momento da NI surge qualquer aspecto que aponte para ambivalência ou conflitos entre o casal, me levando a supor uma idealização da parentalidade, muito distinto do que aponta a literatura:

A transição para a paternidade pode perturbar as formas anteriores em que os casais mantinham altos níveis de afeto positivo ou conflitos resolvidos. Será mais difícil para muitos manter a relação se sentindo "especiais", acima e além da satisfação das necessidades básicas e manter-se financeiramente. (Roy, Schumm & Britt, p. 144, tradução minha).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> The transition to parenthood can disrupt previous ways in which couples maintained high levels of positive affect or resolved conflicts. It will be more difficult for many to keep the relationship

Em seguida, passam a contar como se conheceram. Como na época Tales e Safira não estavam namorando, resolveram começar um relacionamento “*sem compromisso*” (sic), mas em pouco tempo já estavam comprometidos um com o outro. Mostram-me diversas fotos penduradas na parede, que sinalizam os lugares por onde passaram. Percebo que ambos se gostam muito e que, enquanto Safira procura narrar os fatos numa linha cronológica, Tales, mais à vontade, brinca com o passado de ambos, expressando-se de forma leve e alegre. Fazem um longo relato desses episódios, em um clima de descontração.

Safira afirma ainda estar um pouco insegura, pois o parto está se aproximando muito rapidamente. Ela se preparou para o parto normal, mas não gostaria de ser “*pega de surpresa e ter se sair correndo*” (sic). Tales vai até seu quarto e traz uma mala, já preparada para a Maternidade, brincando: “*Se é por falta de estarmos de mala feita, já está tudo dominado, mas haja expectativa!*” (sic).

Percebo que o casal atinge seu limite de interação comigo: começam a mostrar sinais de cansaço e desconforto. Agradeço a colaboração deles e combino de esperar a ligação depois do nascimento de sua filha. Vou embora em seguida.

### *Segundo Tempo*

Quando Helena estava para completar um mês de vida, Safira me liga, perguntando sobre a próxima entrevista: “*Eu queria muito saber quando você vem, porque eu perdi seu telefone e tive de rever todas as ligações de quando você veio aqui em casa; foi assim que achei o seu número*” (sic). Esta atitude ativa de Safira me sensibilizou, mostrando o quanto para ela era importante continuarmos as entrevistas. Relembro a entrevista anterior, onde Safira parecia mais racional e objetiva, e fico mergulhado nestes pensamentos. Assim, marcamos para o domingo seguinte.

No horário marcado, Safira foi me receber no portão, sorridente e convidando-me a entrar. Seus sogros estavam na varanda da casa: a sogra

---

feeling “special” above and beyond meeting basic needs and keeping afloat financially. (Roy, Schumm & Britt, p. 144)

cuidando das plantas e seu sogro mexendo com marcenaria. Tales vem ao meu encontro e me abraça, também me convidando a entrar em sua casa. Helena está dormindo na casa dos avós, em frente à edícula onde o casal mora. Sentamos na sala, como na entrevista anterior.

Pergunto-lhes como passaram neste mês, desde o nosso último encontro. Sorrindo, Tales me explica que Helena nasceu dois dias depois de nossa primeira entrevista, comentando que quase não deu tempo de participarem: *“Rapaz, foi muito intenso, e tem sido uma novidade a cada dia. Parece que foi ontem mesmo que você veio aqui, passou muito rápido. Eu até já voltei a trabalhar faz uns dias”* (sic). Conta que eles têm muita coisa para falar e nem sabem por onde começar. Olha para Safira, que concorda com um meneio de cabeça.

*Ah, vamos começar contando do parto. Nós queríamos ter parto normal e foi normal mesmo. Na segunda feira ela me chamou, dizendo que tinha saído o tampão. Ela estava tão calma, que eu achei que era brincadeira, mas ela falou que era sério e fomos direto pro hospital. Quando chegamos lá, o médico disse que ia demorar muito tempo, pois ela estava só com um dedo de dilatação e colocou a Safira no pré-parto. Eu fiquei ali, rodeando minha cria (risos). As três da manhã ela começou a ter muita cólica e dor, mas estava suportável, né, amor?*

Tales assume um papel ativo junto à esposa, usando uma metáfora do reino animal: os machos rodeiam suas crias, para protegê-las. Mas essa proteção era extensível à companheira, mãe de sua cria. Frente à dor, desconforto e insegurança de Safira, surge uma postura vigilante, atenta, a qualquer sinal externo de perigo. Safira continua descrevendo aquele momento:

*Estava suportável sim. Mas quem estava sofrendo mesmo era a outra gestante do pré-parto. Coitada, ela tinha contração e muita dor, mas não tinha dilatação. Meu médico já tinha me ensinado: quando você tiver dor, faz bastante força, que ajuda na dilatação. E eu fui fazendo isso o tempo todo. Mas eu não dei sossego pro Tales (risos).*

Tales conta que sua esposa não parava um minuto no pré-parto, ficava deitada pouco tempo para, em seguida, levantar e ir ao banheiro. Pela manhã, viu que sua esposa estava com muita dilatação e foi correndo chamar a enfermeira, que duvidou dele, mas foi conferir.

*Eu não queria que a minha filha nascesse dentro de uma privada. Eu disse 'Ô, dona enfermeira, acho melhor a senhora ir ver minha mulher que minha filha tá querendo sair de todo jeito'. A Helena estava mesmo nascendo. Aí foi uma correria só, porque não deu tempo de levar pro centro cirúrgico e nasceu no quarto.*

*Eu fiquei de fora do quarto, sem saber o que fazer, mas uma das enfermeiras me chamou pra dentro. E eu continuei sem saber o que fazer nem onde ficar, porque se eu ficasse ali na frente, tipo goleiro esperando a bola, ia passar mal e assustar todo mundo. Fui pra trás, do lado da Safira, mas vi tudo: tirarem a Helena, limparem e colocarem no colo da mãe. O médico até perguntou se eu queria cortar o cordão, mas eu não tive coragem, com aquele sangue todo. Eu estava de olho na Helena e quando a levaram pro berçário pra tomar banho de luz, eu fui atrás e consegui entrar. Ela estava chorando e fui pertinho dela e comecei a conversar. Cara, ela parou de chorar na hora, ficou procurando de onde vinha a minha voz e se acalmou. Aí me colocaram pra fora e eu fiquei colado no vidro, vendo ela de longe. Logo voltei pra saber da Safira e ver se estava tudo bem com ela. Foi tudo muito estranho.*

A descrição que Tales faz do parto é reveladora em vários aspectos. Como aponta a literatura (Kowlessar, Fox & Wittkowski, 2014; Poh, Koh & He, 2014; Rush, 2015), a equipe de saúde tem papel fundamental na inserção do pai na hora do parto, permitindo a ele uma participação ativa ao dar suporte à esposa e ao observar atentamente seu bebê, aceitando uma limitação sua. Temos aqui um pai potente que, entretanto, não se arvora a cortar o cordão umbilical, mas que no momento seguinte consegue acalmar a filha no berçário. Ele parece experimentar um desabrochar de aspectos de self, ligados ao cuidar, até então adormecidos. Investigo porque tudo aquilo lhe pareceu estranho.

*Foram muitas emoções, tudo de uma só vez. Esquisito que quando a Helena estava nascendo, parecia que aquilo não era real, parecia que era um sonho, mas eu sabia que não era, que era real. Logo que colocaram ela na barriga da Safira, eu tive uma vontade tão grande de chorar, uma coisa de tristeza e alegria ao mesmo tempo, mas logo depois já passou e queria mais ver a minha filha. Não entendo, mas parece que eu não sou a mesma pessoa de antes.*

Há uma intensidade de vivências que Tales tenta processar em curto período de tempo, acompanhado de certa negação destas transformações. Ele percebe a si mesmo como diferente de antes, marcado pela profunda

transformação emocional que a paternidade lhe propicia (Gabriel & Dias, 2011; Palkovitz, 2015). Porém, não consegue compreender racionalmente o processo pelo qual passa, onde supomos uma modificação em seu próprio self e em sua visão de mundo.

Safira reconhece que o esposo está diferente, pois antes precisava pedir que ele ajudasse nas tarefas domésticas, porque ele sempre foi “*bem relaxado e desorganizado*” (sic), mas desde o final da gravidez já se mostrava mais disponível. Este movimento paterno no sentido da disponibilidade às necessidades do outro, seja de sua companheira ou do bebê (Jager & Bottoli, 2011), foi se intensificando até a chegada de Helena: “*Eu nem preciso pedir, quando eu vejo, ele já fez as coisas sem eu falar nada. E ele consegue perceber quando a Helena está com fome ou triste*” (sic). Tales me explica como consegue perceber os sentimentos e necessidades de Helena de forma intuitiva, e o quanto estar com ela diariamente facilitou este processo:

*Quando é alegria, ela chacoalha as pernas, quase que sorrindo. Quando é fome, ela empurra meu peito, olha pra cima e vê um cara barbado. Deve pensar ‘não é a mamãe’, e começa a chorar feito doida na hora! (risos). Ela já sabe o que quer! Eu gosto de ficar com ela. Eu nem penso que preciso ajudar, quando eu vejo já estou ajudando, pensando no que as duas precisam. É bom, mas muito cansativo. Sabe, eu achei que a melhor coisa que eu fiz foi tirar esse mês inteiro de férias. Eu curti tanto ficar em casa, cuidar da Helena, ajudar a Safira. Foi difícil voltar a trabalhar, mas a gente precisa. E tem coisas em casa que eu ainda não faço, tenho medo.*

Tales está visivelmente empenhado em cuidar de Helena e passa a atribuir significados ao sorriso e choro do bebê, interpretando os sinais que ela lhe mostra, usando de bom humor na narrativa. Certamente, estar um mês com a filha foi essencial para o fortalecimento deste vínculo. Curioso que a preocupação deste pai com o cuidado é espontânea, expresso quando afirma “*nem penso em ajudar*”, e voltada para a ação, mas em seguida o pensamento complementa o papel de cuidar – quando afirma pensar no que as duas precisam - não se restringindo ao intuitivo apenas.

A fralda de Helena foi trocada por Tales apenas uma vez devido ao medo que ele sente. Safira conta esse episódio, rindo, pois ele tirou a fralda suja e esqueceu de colocar a limpa em baixo da filha, que fez xixi na cama: “*Ele estava*

*com a fralda na mão, sem saber o que fazer” (sic). Depois disso, ele não quis mais trocar a filha. Outro temor deste pai diz respeito ao banho:*

*Eu prefiro que ela fique maiorzinha até eu me acostumar com a ideia. Vai que escorrega comigo e se machuca. Ela ainda é muito pequenininha. Prefiro esperar até eu ter mais confiança. Eu fazia as outras coisas da casa o tempo todo, mas uma semana antes de eu voltar a trabalhar, fui deixando de fazer pra ela ir se acostumando, pois eu dava tudo na mão dela, pra facilitar.*

Safira conta que foram tempos difíceis, pois seus seios doíam e chegaram a sangrar, quando amamentava. Algumas vezes, ela chorava com a situação, mas o esposo a ajudava: *“Ele me ajudou muito, conversava comigo, dizendo que ia passar a dor, e que ele estava do meu lado e tudo ia se resolver. Minha sogra também ajudou bastante, porque ela quase não teve experiência nisso né? Teve só onze filhos! (sic)”*.

Tales funciona para a esposa como fonte de segurança e esperança. Sem este suporte familiar, o sofrimento de Safira seria mais intenso. A presença de outra mulher, experiente e vitoriosa na maternidade, minimiza o medo e, possivelmente, as dores físicas. Assim, Safira conseguiu passar por esta dificuldade.

### *Terceiro Tempo*

Ao reencontrar o casal, vejo que Tales está radiante quando me mostra que Helena está engatinhando. Comemora que a cada dia surge uma novidade e que sua filha se desenvolve muito rápido. Helena fica me olhando, indecisa quanto a vir ao meu colo, mas enfim se decide e passa boa parte da entrevista no meu colo, balbuciando.

Tales comenta que a vida com o bebê tem sido “muito puxada, é como uma montanha russa, tem dias que tá tudo bem, noutros a bebê está irritada e a gente cansado” (sic). Impossível não me lembrar neste ponto de um dos artigos que li, abordando estas variações emocionais dos pais de primeira viagem, onde os autores destacam a intensidade dos sentimentos vividos pelos novos pais (Asenhed, Kilstam, Alehagen & Baggens, 2014). Agora que foi dispensado do

trabalho, Tales está mais preocupado. Na realidade, já estava insatisfeito com seu trabalho, mas a chegada da crise financeira e a consequente queda no faturamento da empresa desembocou na sua demissão. Tales tem buscado outras alternativas para complementar a renda familiar, como tocar na noite, coisa que ele gosta muito de fazer. Porém, ele continua preocupado com as despesas, assinalando que precisam disciplinar seus gastos e economizar, para não faltar nada.

Desse modo, Tales tem ficado mais em casa, o que lhe permite interagir mais com Helena. Safira conta que a filha muitas vezes chora quando o vê, pedindo o colo do pai e a deixando de lado. Tales percebe que evoluiu no cuidado diário com a filha, e parece estar mais confiante: *“Foi meio difícil me acostumar a dar banho e a trocar as fraldas, mas acho que estou conseguindo me acostumar bem”* (sic). Enquanto conversávamos, Helena vai para o colo do pai, e brinca com ele por um tempo, muito sorridente. Em seguida, vai brincar no chão com seus bichinhos de pelúcia, balbuciando ou dando gritinhos enquanto brinca.

Tenho a clara impressão de que Tales, apesar de sua preocupação com o futuro e com as incertezas quanto ao sustento financeiro da família, consegue manter um vínculo saudável com a filha. Apesar de fragilizado, ao cuidar dela e da esposa, consegue fornecer a sustentação emocional que garante a tranquilidade e a segurança para Helena.

Tendo voltado ao trabalho, Safira percebe que está sofrendo com saudade da filha, mas acha que sua ausência fortaleceu o relacionamento entre pai e filha. Desse modo, parece se ampliar o espaço para que se desenvolva uma relação mais íntima entre pai e filha, sem a necessidade de haver uma mediação materna. Nesse ponto da entrevista, relembro artigos lidos sobre a mãe como ‘guardiã do portal’ (Eerola & Huttunen, 2011), e como Safira abre espaço para o fortalecimento deste vínculo, sem necessidade de mediação.

À noite, não têm conseguido dormir bem, porque Helena acorda sempre que a colocam no berço e só volta a dormir quando vai para o colo da mãe. A amamentação está sendo mantida pela manhã e à noite, quando a mãe volta do trabalho. O restante do tempo, Helena fica aos cuidados de Tales e dos avós paternos.

Tales diz que sua vida mudou, mas não imaginava que seria assim. Achava que seria até mais difícil, pois se considerava uma pessoa impaciente, mas reconhece que agora *“tenho o pavio mais comprido”* (sic), principalmente para suportar ouvir o choro da filha. Antes, ele chegava do serviço reclamando, Helena sorria para ele, e ele *“desmontava”* (sic). Assim, a filha o fazia esquecer rapidamente das preocupações com o trabalho e voltar-se para os seus cuidados. As mudanças emocionais de Tales são percebidas por ele e também por sua esposa, e os gestos de Helena, por menor que sejam, são revestidos de um novo significado para ele. Surge um pai que enxerga o mundo por uma perspectiva diferente, por uma nova lente, ainda em transformação.

Com o esposo em casa, Safira se sente sobrecarregada e diz que para ela está sendo mais difícil, porque não consegue desligar um minuto, lembrando da filha e das despesas da casa, de como farão com a parte financeira. Seu esposo e sogros cuidam do bebê, mas para ela é novo e cansativo *“ter que cuidar de tudo”* (sic). O desenvolvimento de Helena é rápido, e ela já *“não fica mais quietinha como antes”* (sic), mas tem energia para brincar o dia todo, embora seus pais nem tanto. Ela adora escutar o pai tocar músicas, interrompe o que estiver fazendo para prestar atenção ao pai.

Percebo aqui uma certa inversão quanto ao papel tradicional do pai enquanto provedor. Com a perda do emprego do esposo, Safira passa a se ocupar da provisão financeira da família, enquanto Tales, agora mais disponível em casa, pode aprofundar com a filha seu laço de afetuoso cuidado. Fica clara a sensação de sobrecarga emocional na fala de Safira, agora que ela se encontra na posição que o esposo ocupava anteriormente. Com isso, passo a me interrogar sobre a efetividade de uma mãe provedora e de um pai cuidador: seriam estes papéis intercambiáveis ou não? A experiência deste casal me aponta que a mudança é viável, mesmo num casal que se orienta pelo modelo tradicional. Contudo, também é nítido o sofrimento do casal nessa transição de papéis. Além disso, passo a questionar o quanto as transformações sociais atuais no âmbito da parentalidade hoje são resultado do desejo ou da necessidade dos casais?

Quando lhes pergunto sobre a vida conjugal, Safira diz que está difícil, pois a vida do casal mudou muito desde a gravidez, quando eles ficaram mais focados no bebê: *“Depois que ela veio, ficou mais difícil a gente conseguir sentar*

*e conversar, porque quando eu chego já estou cansada para cuidar dela, e sobra pouco tempo para nós dois. Eu estou cansada e estressada”* (sic). Esta percepção de Safira é corroborada pela literatura sobre o tema (Genesoni & Tallandini, 2009; Sansiriphun, 2015), que aponta a dificuldade dos casais retomarem sua vida sexual e a intimidade afetiva após o nascimento do primeiro filho

Tales comenta que ele tenta ajudar, fazer as tarefas de casa, para não sobrecarregar a esposa, mas às vezes Safira acha que as coisas não ficaram bem feitas, isto é, do jeito que ela desejava. A ajuda de seus pais e da irmã tem sido fundamental para descansarem um pouco, pois se sentem mais seguros com seus pais por perto, mas sentem ciúme quando a filha prefere ficar com os avós. Safira se recorda de que gostava mais da companhia dos avós, com quem ficava para sua mãe trabalhar. Entretanto, um mês atrás Helena ficou doente, e Tales ficou muito tenso, pois não sabia o que ela tinha, e havia uma suspeita de dengue: *“O pior é que ela não sabe falar, e a gente tinha de adivinhar”* (sic).

Percebo que Tales está tenso e pontuo que ele está preocupado. Tales confirma que está pensando no que fazer para ganhar dinheiro, talvez música ou um pequeno comércio de artes. Alguns de seus amigos estão vivendo de música e ele está pensando seriamente em buscar este campo. Pondera sobre a crise econômica e seu medo de não conseguir arcar as despesas da família. Pretende ficar em casa para ensaiar músicas, já que sua mãe se dispôs a ajudá-lo, cuidando da neta.

Safira me fala do documentário “Nasce um pai”, cujo conteúdo está centrado na experiência da paternidade, ao qual vem assistindo na TV. Tales disse que é emocionante de assistir e se lembra de um episódio no qual os pais falavam do medo do parto e da má formação dos bebês, mas que superaram estes temores. *“O jeitinho que eles falavam é bonitinho, tudo muito colorido, muito fácil e tranquilo. Não é um bicho de sete cabeças, mas também não é tão fácil assim”* (sic). Pergunto se ele tinha uma visão romântica do parto. Tales responde que sim, mas nunca deixou de imaginar algumas dificuldades, pois é precavido:

*É meio confuso, tem horas que eu imaginava diferente, mas não tão fácil. É muito cheio de altos e baixos. Eu não consigo dar um exemplo, mas é assim. Antes dela nascer era*

*tudo programado, podíamos assistir um filme, dormir, ficar sem fazer nada. Isso não existe mais, a vidinha mansa de assistir séries, jogar vídeo game, acabou. Eu ficava preocupado de não dar conta na hora que tivesse uma necessidade, chorar, trocar fralda e dar banho. Tanto que, no primeiro mês, ela vinha me dar o nenê pra dar banho e trocar e eu ficava meio travado, olhava e pensava: nossa que difícil, tão frágil, tão magrinha, vai quebrar.*

Safira sai da sala com Helena para amamentá-la. Tales volta a falar da rapidez com que as coisas mudam e exemplifica dizendo que agora Helena está virando sozinha na cama e eles tem de ser cautelosos para evitar que ela caia. Tales baixou a voz para dizer que estava preocupado com a esposa, que não tem conseguido relaxar e aceitar o seu ritmo de fazer uma coisa de cada vez. Ela se cobra muito, sente muito a falta da filha no trabalho. Tales reconhece que é mais difícil para a esposa, pois ela acorda mais vezes na madrugada para atender a filha:

*Eu me sinto na responsabilidade de ajudar elas. E o trabalho dela é bem estressante. Sinto o peso da responsabilidade, mas tento não ficar pensando muito no futuro e dar o máximo de mim agora. Eu tenho que chegar bem do serviço para ficar bem com elas.*

Concordo com Tales de que é bom viver um dia de cada vez, para não deixar de olhar para o presente. Pergunto se eles conseguiram voltar à rotina, mas Tales diz que ainda estão se adaptando à chegada do bebê e a todas as novidades que daí decorreram. Tales está visivelmente incomodado com a perda do emprego, mas não toca no assunto. Procuro respeitar seu momento e não forçá-lo a falar. Safira volta para a sala com o bebê e, enquanto Helena se joga no colo do pai, ela comenta: *“Ele é um ótimo pai, ela é bem agarrada nele”* (sic). Safira acrescenta que geralmente as meninas são mais apegadas ao pai, e pergunta se minhas filhas são assim também. Digo que na minha experiência isso aconteceu e ainda acontece.

Tales chega à conclusão que as entrevistas passaram rápido. Safira me pergunta se eu farei um acompanhamento dos casais que entrevistei, mostrando seu interesse em continuar. Explico que fica em aberto, mas se eles quiserem eu posso voltar outras vezes, basta me chamar. Noto que o casal está cansado, agradeço a participação de ambos e me despeço.

## 4.6. Casal 6

### *Primeiro Tempo*

Após três meses de tentativas frustradas por dificuldade de compatibilizar a minha agenda com a do casal, conseguimos marcar esta primeira entrevista. Cilene tem 28 anos de idade, atua como psicóloga e está esperando Antônio, com 38 semanas de gestação. Atlas tem 30 anos, é gerente industrial, com formação em Administração de Empresas.

Como a maioria dos casais, eles me recebem na sala da casa, e se desculpam pelas dificuldades para conciliar nossos horários. Atlas e eu nos sentamos no sofá, cada um em uma ponta, enquanto Cilene, já com dificuldades para andar e respiração superficial decorrentes do final da gravidez, se senta numa cadeira da sala de jantar, onde diz ficar mais confortável: *“A barriga está grande demais, fico entalada no sofá!”* (sic). Sinto-me acolhido pelo casal, mas fico com uma impressão difusa de ansiedade pairando no ar desde o início.

Conforme previsto, eu explico ao casal os objetivos da pesquisa, o Termo de Consentimento (TCLE), e o procedimento a ser adotado nas três entrevistas. Enquanto me escutam, leem rapidamente o TCLE e o assinam logo em seguida, sem questionamentos. Perguntam sobre a minha vida pessoal, se sou casado e se tenho filhos. Eles me parecem ansiosos por falar. Atlas confirma meus pensamentos, indagando: *“E agora, o que fazemos?”* (sic).

Na sequência, abordo e esclareço sobre a Narrativa Interativa (NI), abrindo a possibilidade de escolherem a forma como pretendem elaborar e registrar a narrativa. Lemos juntos a narrativa, mas ambos começam a falar sobre a gravidez e a história de vida do casal. Ao tentar com que completassem a NI, e não obter qualquer sucesso, opto por deixá-los livres para seguirem o caminho mais confortável.

Rapidamente, Atlas começa a falar dos personagens da NI e de como se identificou com a história do personagem-pai e suas preocupações. E faz mais que isto, ao me inserir no diálogo, abordando diretamente a minha paternidade

como um aspecto que se torna importante para ele, na medida em que busca uma identificação.

*Essa história é bem verdadeira, né, Cleber? Você deve saber, porque já é pai. Na cabeça da gente fica passando um punhado de coisas, de coisas que nem sempre são tão boas, que eu não vejo a hora de poder ver a carinha dele, do Antônio. Eu quero ter ele nos meus braços pra ter a certeza de que está tudo bem. O engraçado é que eu é que fico encanado com estas coisas, ela não!*

Quais seriam as “*coisas não tão boas*” que passam pela cabeça de Atlas, a ponto de se imaginar seguro apenas ao ver e carregar seu filho, confirmando com seus sentidos que ele está bem? Possivelmente, fantasias de algum tipo de má formação ou medos associados à criação e ao futuro relacionamento com o filho habitam o imaginário deste pai, deixando-o mais ansioso e preocupado.

Já a esposa não tem essas preocupações, mas apresenta outras. Seu maior medo, diz Cilene, é que seu bebê seja trocado por outro na maternidade, o que a faz sentir-se muito mal. Atlas me conta que, no início, ele tinha um medo bem específico, de que a gravidez “*não fosse vingar*” (sic) e que a esposa pudesse perder o nenê.

*Por isso me preocupei bem nos três primeiros meses. Já depois, do quarto ao sétimo a preocupação diminuiu, porque eu escutei ele no ultrassom e vi que estava tudo bem. Daí em diante, quer me deixar tranquilo é ver o Antônio se mexer. Quando ele não se mexe eu vou ficando agoniado, e só sossego se ele dá algum sinal de vida.*

Ver o bebê pelo ultrassom marca a materialidade do filho para o pai (Rosich-Medina & Shetty, 2007). O estudo de Fenwick, Bayes & Johansson (2012) demonstra que escutar os batimentos do bebê aceleram e melhoram a capacidade de envolvimento ativo do pai durante a gravidez. Para Atlas, os batimentos cardíacos do feto, bem como seus movimentos, minimizam a angústia de morte que ronda fantasticamente o imaginário paterno. Ele me conta que mudou o toque de seu despertador pela manhã, colocando a gravação dos batimentos fetais de Antônio. Cada batida do coração do bebê grita silenciosamente para o pai que há vida ali, enquanto o silêncio poderia indicar um risco de morte.

*A gente escuta cada coisa. Um amigo meu perdeu o filho no parto, porque nasceu com o cordão enrolado no pescoço; outro, o nenê engoliu a anestesia e quase teve parada cardíaca. Num outro, o médico demorou muito e quase perderam o bebê. Essas histórias deixam a gente preocupado demais. Agora que está no final da gravidez, a minha preocupação é outra: quero ver ele sair logo pra eu poder pegar ele no braço, apesar de eu não saber muito bem como é que cuida de criança.*

O nascimento é sentido por Atlas como um momento de muito perigo, onde a possibilidade de morte do bebê aterroriza este pai. A saída do corpo da mãe pode ser muito perigosa. Por isso, tal qual São Tomé, que precisava “ver para crer”, Atlas precisa ver e tocar o filho, se tranquilizando de que este está vivo e é normal e perfeito. Porém, como se aprende a cuidar de um bebê?

O cuidado infantil, de acordo com Winnicott, não se aprende teoricamente, mas na prática diária (Cerqueira & Belo, 2016). Cilene teve quatro irmãos, um deles 14 anos mais novo que ela. Com este irmão, que tratava ora como seu filho, ora como um brinquedo, aprendeu a cuidar de um bebê. Já Atlas, que é filho único, não teve esta oportunidade e acha que isto lhe fez muita falta: “*Acho que por isso é que eu sinto tanta coisa. Dentro de mim há esperança misturada com medo, de um jeito que eu nunca experimentei. Eu quero ser um bom pai pra ele*” (sic).

A intensidade da ambivalência vivida nesta nova fase assusta Atlas, a ponto de duvidar que sua capacidade de cuidar possa ser desenvolvida, o que me parece ser uma fonte de conflito para ele, entre uma expectativa auto imposta e uma expectativa social sobre como os homens devem se sentir na gravidez (Kowlessar, Fox & Wittkowski, 2014). Como não há registro prévio de experiências de Atlas no cuidado com bebês, procuro entender como ele imagina que será sua relação com o filho após o nascimento, projetando-se no futuro como cuidador. Pergunto se ele imagina como será quando o filho nascer. A resposta de Atlas me surpreende, pois fala da chegada do filho e também sobre sua relação com o próprio pai, com riqueza de detalhes.

*Na verdade, eu não consigo imaginar ele nem bebê e nem muito criança. Fico dando uns saltos, imaginando ele já um pouco mais velho, e eu tendo de servir de exemplo pra ele, o que aumenta meu medo. Mas por outro lado, eu tenho que passar pra ele princípios e*

*valores, que acho que são as coisas mais importantes que os pais deixam para os filhos. Isso eu aprendi de meu pai; ele fez muita coisa errada, mas essa foi uma das coisas boas que ele deixou.*

Há uma grande dificuldade de Atlas se imaginar cuidando de uma criança pequena. Em sua imaginação, pula fases para alcançar uma idade em que pai e filho possam interagir sobre uma base de identificação mútua. Porém, ao se defrontar com a perspectiva de passar princípios e valores ao filho, lembra dos erros e acertos de seu pai, iniciando um processo de reflexão sobre seu passado. Conta que é filho único e que seus pais se separaram quando ele tinha 16 anos, tendo sofrido muito com a separação. Precisou fazer terapia, o que o ajudou bastante naquela época.

*Meu pai era, e ainda é, um homem de muitos princípios, de ir à luta, de jogar a bola pra frente e depois ir correndo atrás dela. Eu também sou assim. Devo muito do que eu sou ao meu pai. Ele sempre colocou limites, quer eu gostasse ou não. Já minha mãe era mais maleável, deixava dirigir de vez em quando na adolescência, e isso gerava muita briga entre eles. Meu pai sempre foi uma figura muito forte, mas meio rígido. (Percebo que ele fica muito emocionado ao falar sobre o pai, segurando o choro diversas vezes).*

A narrativa de Atlas aponta para uma figura paterna forte, rígida, cheia de princípios, aspectos sublinhados pelo filho como importantes para a formação de seu caráter. Porém, não há indicação de que este pai tenha sido afetivo ou sensível, como a mãe. Os pais de Atlas parecem ter assumido os papéis parentais tradicionais, como se um homem não pudesse expressar seu medo, insegurança ou mesmo suas alegrias, cabendo a ele o lugar da lei e da norma. Relembro neste ponto as asserções de Laplanche (1988) sobre as diferenças de gênero, em que destaca a tentativa da imposição social de um modelo único de identidade masculina e feminina, que procura adequar o mundo a uma lógica binária, em pares de opostos. Atlas parece vivenciar as figuras paternas deste modo binário, quase cindido. Na emoção com que fala sobre o pai, percebo a ambivalência que caracteriza toda relação significativa, uma vez que Atlas admira o pai pela sua força tanto o quanto o recrimina pela distância afetiva.

*Nossa família tinha boa condição financeira, mas, no começo da minha adolescência, meu pai perdeu tudo porque um amigo o roubou. Meu pai batalhou e reconquistou o que*

*perdeu, e isso ele sempre me ensinou: a nunca desistir, a enfrentar as dificuldades. Isso eu tenho feito. Mas pensar no meu filho, no Antônio, é diferente. Ao mesmo tempo que sei que vai ser ótimo, tenho um receio danado. Nós temos dois afilhadinhos que vêm aqui. Eles ficam brincando e quando começa a dar trabalho, eu devolvo pra mãe e pro pai. Com meu filho, não vou ter pra quem devolver! (risos do casal). Vou ter de encarar e ver como a gente vai aguentar as noites em claro, as cólicas, essas coisas.*

Ao apontar seu pai como exemplo de perseverança a ser seguido, Atlas se coloca como pai e teme não suportar as dificuldades inerentes ao cuidado infantil. É clara a admiração que carrega pelo pai forte, persistente e corajoso, mas que parece ter mantido uma distância afetiva com Atlas. Haverá aqui alguma identificação de Atlas com seu próprio pai, no que diz respeito a esta ao aspecto afetivo da relação pai-filho? Quanto ao trabalho, Atlas se sente preparado para provisionar e trabalhar; seu temor está mais ligado ao cuidado, carinho e sensibilidade, que teme não ter desenvolvido o suficiente para cuidar de seu filho. Curiosamente, Cilene discorre sobre a relação das crianças de seu condomínio com Atlas:

*Antes, quando ele chegava do trabalho, ficava brincando na rua com a molecada, jogando bola e soltando pipa. Um dia, ele tinha acabado de chegar e bateu um garoto em casa, de no máximo 5 anos, que nem sabia falar direito, e disse: “Tio Atlas, vem brincar comigo?”. E lá foi o Atlas brincar com ele. Eu acho isso muito bonito, mas ele tem dificuldade na hora de ser mais duro, de chamar a atenção. Nessas horas, eu é que sou a chata, porque falo mais meu ponto de vista. Ele já é mais sensível. Mas essas coisas que ele fica pensando sobre o futuro é que deixam ele inseguro, eu acho.*

Ao brincar com uma criança de 5 anos, não mais um bebê ou criança pequena, Atlas se sente livre, à vontade. O problema parece ser ligado a cuidar de sua criança, de seu filho, pois teme não conseguir oferecer o que seu filho necessita afetivamente neste estágio inicial da vida (Winnicott, 1945/2000). Brincar como criança é diferente de brincar como adulto. O brincar do adulto com a criança procura propiciar um ambiente bom e seguro onde o brincar da criança possa acontecer de forma espontânea. As dúvidas de Atlas dizem respeito a este primeiro tempo do cuidar, onde aspectos de um pai amoroso e sensível parecem se contrapor a outros aspectos, infantis e imaturos, que talvez ainda demandem cuidados advindos de um adulto. Nos encontramos no terreno da ambivalência.

Atlas me conta que pensa em duas coisas: primeiro, no parto e, segundo, na educação e cuidados com o filho quando ele estiver maior. Então, aproveito para perguntar se ele desejará estar com a esposa no centro cirúrgico. Ele responde que sim, que inclusive já pagaram o médico para ter certeza de que ele fará o parto. Quanto a ele como pai, tem uma boa noção das limitações de seu papel no parto:

*Eu não vou ficar assistindo o nascimento, senão o médico vai ter que fazer o parto e me socorrer desmaiado no chão. Vou ficar quietinho do lado dela, sem ver nada, esperando pra ver o nenê e já está bem demais. Depois quero seguir a enfermeira até o berçário e ficar de olho nele por lá.*

Esta preocupação de correr atrás do bebê visa atender ao desejo de Cilene, que diz temer que seu bebê seja trocado por outro na maternidade: “*Ele que se vire e vá atrás do Antônio*” (sic). Além desta preocupação, Atlas fala longamente sobre questões financeiras futuras, como garantirá escola, alimentação, lazer, faculdade, e viagens para o filho. Cilene o interrompe, dizendo que ainda não era hora de se preocuparem com tantas coisas. Atlas sorri para ela, visivelmente descontente, e me oferece uma fatia de bolo de cenoura, que havia comprado pensando na entrevista. Enquanto como o bolo, eles completam a NI e, logo em seguida, vou embora. Apresento abaixo a NI de Cilene e, na sequência, a NI de Atlas:

*Porque eu te conheço e vejo que você tem princípios, valores, responsabilidade. Que você tem vontade de aprender a ser pai, que vamos aprender juntos e cada fase da criança vamos passar juntos, pois cada fase tem seu aprendizado. O medo e a insegurança é o que nos impulsiona a enfrentar os desafios, a mistura do medo e da felicidade. A criação de cada um de nós foi distinta, mas com bases sólidas (esposa).*

*Nos três primeiros meses, eu tive muito medo dela não segurar a gravidez, o que não era o medo dela. Fiquei aliviado porque nada de ruim aconteceu (esposo).*

A NI ilustra pontos importantes. Cilene admira os princípios e valores do esposo, e seu esforço em se tornar pai, destacando a parceria do casal neste aprendizado. Porém, destaca a ambivalência, diante do medo e da felicidade. Atlas, por sua vez, enfatiza o alívio pelas fantasias não realizadas, tema que

abordou anteriormente na entrevista toda. Penso que, com este casal, a NI perdeu parte de sua força e potencialidade criativa, ao ocorrer apenas no final da entrevista.

### *Segundo Tempo*

Sou recebido por Atlas na sala, carregando Antônio, com 1 mês de vida, em seu braço esquerdo. Ele me apresenta o filho e diz com voz de criança: *“Oi tio Cleber, eu sou o Antônio, bem-vindo a minha casa. É bom conhecer você”* (sic). Digo que é bom conhecê-lo também e brincamos um pouco.

O cansaço é visível no rosto de Atlas. Nisto, Cilene sai do quarto e vem se sentar conosco, também aparentando cansaço. Percebo um contraste muito grande com o casal alegre e energizado com o qual eu havia conversado algumas semanas antes. Porém, me lembrando de minha própria experiência como pai, sabia que este cansaço era mais que esperado e justificado. Eles me oferecem um copo de água, que aceito, e nos sentamos na sala, na mesma configuração espacial da entrevista anterior, mas com Antônio no carrinho, entre os dois. Pergunto como passaram desde a nossa última conversa, como foi o parto e a chegada de Antônio.

Para Cilene, esse tempo foi tumultuado e muito intenso, difícil até de descrever, pois foram vivendo e nem deu tempo de parar para pensar em tudo. Conta que Antônio nasceu de 39 semanas, ao invés de 40, como era previsto; ela foi ao ginecologista que disse, após vários exames, que seria melhor adiantar o parto em alguns dias, para não correr o risco de sofrimento fetal. Cilene entrou em choque, porque *“estava tudo programado e ia ser diferente do planejado. O Atlas é que me acalmou muito, me deu força na hora”* (sic).

Cilene tinha tudo minuciosamente preparado, mas o acaso a frustrou, gerando medo e ansiedade. Naquele momento, a presença de Atlas foi essencial, adaptando-se ativamente às necessidades da esposa, tranquilizando-a e dando-lhe suporte afetivo. De certo modo, ele não se deixou contaminar pela angústia da esposa, funcionando para ela como um ego auxiliar. No dia seguinte, como combinado com o médico, ela foi internada e precisaram realizar uma cesárea. Cilene estava muito ansiosa dentro do centro cirúrgico:

*Foi muito estranho. Eu tinha passado a gravidez toda me preparando para aquele momento, mas eu dei uma descompensada! Quando as enfermeiras foram me preparar para a cesárea, deu uma agonia, uma ansiedade enorme, um medo de morrer, que eu não imaginava passar. Elas foram muito legais nesta hora, me acalmaram, conversaram bastante comigo e eu fui me tranquilizando. Depois me levaram para sala e foram chamar o pai.*

Toda a angústia que parece ter sido represada antes do nascimento do bebê, surge de maneira maciça na hora do parto. A postura da enfermagem foi de grande respeito ao sofrimento desta mãe, dando-lhe uma continência afetiva e legitimando seus medos. Por sua vez, o pai estava ansioso do lado de fora, desejando entrar:

*Eu estava vestindo aquela roupa horrorosa de hospital, curioso pra saber o que estava acontecendo lá dentro. Quando me chamaram, eu entrei olhando pra parede e fui ficar ao lado dela. Se eu visse sangue, eles iam ter de me socorrer, pois com certeza ia desmaiar ali mesmo. Na hora que estavam abrindo ela, eu senti um cheiro de queimado e falei pra ela "amor, tem algo queimando aqui". Eu não sabia que era do bisturi. Todo mundo deu risada, até eu.*

Atlas tem uma clara consciência de sua limitação: não consegue ver sangue e não se força a ser forte além de sua capacidade naquele instante. Porém, encara o desafio de estar com a esposa enfrentando seu medo e, mantém o humor, apesar da angústia, o que certamente deixou o clima menos tenso no centro cirúrgico. Quando o filho nasceu, este passa a ser o centro das preocupações do pai:

*Nessa hora foi muito automático: foi como se eu passasse um scanner no Antônio, de cima a baixo: olhei os pés, as mãos, o rosto, tudo mesmo, procurando se tinha algo errado ou faltando. Aí falei pra ela: fica tranquila, amor, que ele está super bem. Nossa, que alívio pra nós dois. Depois o pesaram, limparam e me deram no colo, mas eu nem sabia como pegar direito, parecia que ele ia quebrar. Em seguida, a enfermeira o levou ao berçário, e eu fui correndo atrás. Fiquei sossegado quando vi que ele estava com pulseira de identificação e não corria mais o risco de ser trocado. Que medo bobo, né? Mas eu senti isso. Meu filho. Passa tanta coisa na cabeça, ao mesmo tempo, que nem*

*sei explicar. Ao mesmo tempo parecia que não era comigo, que eu ainda estava apenas namorando ela ou grávidos, sei lá. É surreal.*

Ao observar atentamente o filho, Atlas se assegura de que sua fantasia não ocorreu, e assinala gentilmente que as fantasias da mãe sobre a troca do bebê eram infundadas. Ele parece imerso em um estado emocional de certa sobrecarga do psiquismo. Pergunto a Atlas se seria como um sonho, onde ele pode acordar a qualquer hora. Ele diz que sim, que às vezes parece estar em outra dimensão, mas logo depois se dá conta de que tem o filho para cuidar: *“É muita emoção. Ter um filho é uma coisa de peso, que muda a vida da gente pra sempre”* (sic). Percebo a duplicidade da palavra peso e pergunto se o peso é tanto no sentido de ser algo muito importante quanto no sentido de ser algo pesado e custoso.

*Sim, sim. Eu fiquei pensando que eu tinha que ser o exemplo pra ele, ser forte, não deixar faltar nada, nem agora nem pra frente. Agora estou um pouco mais tranquilo, mas essas preocupações ainda surgem. Não posso ficar doente, porque os dois precisam de mim, tenho de ficar bem. Essa preocupação é nova e grande, mas nada paga o poder voltar para casa e ficar com eles. Quando ele nasceu, fiquei cinco dias em casa e voltei pra empresa, mas meu pensamento estava aqui em casa, com os dois. A Cilene mandava fotos e vídeos dele o dia inteiro, e isso me tranquilizou. Procuo chegar o quanto antes do trabalho pra ficar com eles e curtir nossa família. Eu nunca dei tanto valor a estar em casa como hoje.*

Em seguida, pergunto a Cilene com tem sido para ela, que refere estar sendo difícil, mas atribui a dificuldade aos *hormônios “que nas primeiras semanas ficam malucos”* (sic). Estava feliz com seu filho, mas sentia uma tristeza e insegurança enormes, e *“medo de não dar conta”* (sic). Sua mãe ficou com ela por dez dias, auxiliando-a nos cuidados com o bebê, pois teve dificuldade para amamentar. Como sua rotina de trabalho era de cerca de dez horas por dia, quando o bebê dorme ela se sente perdida, sem saber o que fazer: *“Parar de trabalhar tem sido um desafio”* (sic).

Possivelmente, Cilene passa pela tristeza materna, também chamada de baby blues<sup>6</sup>, comum nas semanas iniciais após o nascimento do bebê. Nesta

---

<sup>6</sup> O *Baby Blues*, também conhecido como tristeza materna, caracteriza-se por um estado depressivo transitório, comum à maioria das mulheres, onde elas vivenciam sentimentos de menos valia e de

fase, a presença de figuras de suporte é essencial para que a mãe possa superar suas angústias e ir se adaptando ativamente ao filho. Nesta mãe, em especial, abrir mão do trabalho e ficar em maior contato consigo mesma e com seu filho é um processo sofrido, permeado por sentimentos de solidão.

Intuitivamente, Atlas se atenta a essa questão, e procura voltar logo para sua casa após o trabalho: *“Parece que ela se sente melhor quando eu estou junto”* (sic). Cilene confirma que se sente mais segura com o esposo e com sua mãe, que passa todos os dias para vê-los; porém, ao fim do dia, quando o sol está se pondo, sente:

*um aperto no peito e uma vontade de chorar. Nessa hora é difícil estar sozinha. Estamos pensando em contratar alguém para vir ficar comigo parte do dia, cuidando do Antônio e da casa, até eu voltar a trabalhar. Essa pessoa poderia ajudar depois também. Vai fazer bem para mim. Eu tento falar com ele sobre isso, mas ele não consegue ou não quer entender. As coisas estão diferentes entre nós.*

Como clínico, fico preocupado com a tristeza de Cilene, pois me parece demandar cuidado ao longo destes primeiros meses; preocupa-me também o crescente distanciamento afetivo do casal. Porém, guardo estes pensamentos comigo, limitando-me a dizer que esta pessoa a ser contratada poderia fazer bem a Cilene, pois estão passando por mudanças muito profundas que, às vezes, nem mesmo eles conseguem compreender. Atlas acena com a cabeça em concordância e continua este tema, focalizando sua relação com o pai.

*Não compreendemos mesmo. Por exemplo, eu me sinto mais maduro, mas ao mesmo tempo mais leve, mais solto e espontâneo. Quando eu encontro com meu pai, parece que eu não sou mais filho, porque agora eu sei o que é ser pai, apesar da pouca quilometragem. E parece que ele também está diferente comigo, porque está me respeitando mais, estamos mais próximos. Mas parece que ele não é mais meu pai, você entende? Tenho um carinho enorme por ele, mas algo mudou.*

Agora no papel de pai, Atlas se percebe mais adulto frente a seu próprio pai. Na verdade, não deixou de ser filho, mas não se sente mais como uma

---

incompetência para cuidar dos filhos, duvidando de sua capacidade para serem boas mães. Este estado é transitório, durando aproximadamente 10 dias após o parto, e está diretamente relacionado às mudanças trazidas pela chegada do bebê (Fischer et al., 2012; Morais, Lucci & Otta, 2013).

criança a ser cuidada pelo pai. Ao assumir espontaneamente este novo lugar na família, é presenteado com uma mudança significativa na relação com seu pai. Seguindo essa linha associativa, pergunto: “*É como se não desse para ser pai e filho ao mesmo tempo? (sic)*”

*É, é sim!! (faz cara de surpresa). Parece que agora é a minha vez de ser pai. Ele está mais presente, está até contando coisas de quando eu era criança que eu não sabia. Nunca vi meu pai tão sensível. Outro dia ele me disse, aqui em casa, que era pra eu não cometer os erros que ele fez. Um desses erros foi trabalhar demais, ficando pouco comigo e minha mãe, e o outro foi ter aprontado com ela. Disse pra pensar sério se passasse isso pela minha cabeça. Antes ele falava de profissão; agora ele fala de fatos do passado e dá conselhos de como viver. Está muito legal.*

Ao tornar-se pai, Atlas tem a chance de revisitar sua história, acompanhado por seu pai, ressignificando a relação pai-filho, onde se potencializam as chances de papéis entre quem cuida e quem é cuidado, produzindo uma maior riqueza relacional. Novamente, o casal me oferece um pedaço de bolo de cenoura, que evidentemente aceito, e vou embora em seguida.

### *Terceiro Tempo*

Cilene me recebe na porta da casa, com aparência cansada. Em seguida, seu esposo vem com Antônio no colo, que está grande e muito ativo. Sentamos na sala, como de costume, e Antônio vai para o chão, brincar num tapete, onde permanece quase sem interagir com os adultos por toda a entrevista.

Pergunto como eles estão. Cilene me diz que Antônio está bem e, que apesar de estar com seis meses, já tem o peso de uma criança de um ano. O pai sorri, mostrando-se orgulhoso com o desenvolvimento do filho, e acrescenta que ele já está engatinhando e que tenta até ficar em pé, mas cai e dá muita risada.

Nesse momento, fico com a impressão de que havia algo estranho com o casal. Pareciam dialogar de modo superficial e evasivo. Aproveito para perguntar como eles passaram nos últimos meses.

Cilene se queixa de que o desgaste é grande, pois cuidar do filho é diário e sem descanso, “*parece que o cansaço é eterno*” (sic), mas saber que o filho precisa dela lhe dá forças para continuar. Me parece que essa mãe poderia já estar melhor com o bebê aos seis meses, como outras mães que entrevistei, o que me deixa preocupado com seu estado. Por sua vez, Atlas ainda se preocupa muito com o futuro de seu filho, e conta de um entrevero que teve na empresa, onde pensou primeiro no filho e depois nas necessidades para cuidar dele: fosse em outra época, teria “*chutado tudo e procurado outro emprego*” (sic). Todos ficamos entretidos com Antônio, que tentava engatinhar no chão. Continuo com a impressão de que nesta entrevista nosso diálogo está truncado e tento recordar alguns pontos da entrevista anterior.

*E o que vocês me contam desde nossa última entrevista? Vocês mudaram, algo mudou no que vocês me falaram? Eu me lembro que você, Cilene, estava chorosa, e me disse que não estava muito bem, estava tentando se adaptar, e que vocês estavam tentando conversar mais...*

Cilene se apressa a dizer que, quando eu fui visitá-los pela segunda vez, Antônio tinha um mês e que aqueles primeiros dias foram “*trash*” (sic), mas na semana da visita estava começando a dar uma amenizada. Antes que pudesse continuar o seu relato, Atlas toma a palavra e continua o diálogo, mas em sentido oposto ao caminho que Cilene trilhava.

*É uma mudança muito radical. No começo foi muito difícil mesmo, mas agora é gostoso, a gente está curtindo mais. Eu me cobro muito de ficar com ele porque eu não fico durante a semana. Eu gosto de jogar tênis e de correr, mas muitas vezes eu estou treinando e fico pensando se eu não deveria ficar com ele em casa.*

Cilene destaca que parece nunca estar o tempo suficiente com o filho, pelo menos pensa assim, ainda mais tendo voltado a trabalhar. Voltou ao consultório em período parcial, e não passa um dia inteiro fora de casa, sem o ver. “*Tudo pra ele sou eu que faço: a papinha, as roupas e todo o resto sou eu que faço. Eu planejo todo o meu dia*” (sic). Atlas se queixa e sente raiva pela esposa não aceitar a ajuda de uma funcionária que contrataram, pois “*parece que se ela não fizer tudo não fica tranquila, não se sente mãe*” (sic). Cilene conta

da forma como faz todas as papinhas de Antônio de forma programada, “*pois sou controladora mesmo*” (sic), e de como se sente bem tendo o dia todo planejado.

O casal começa a discutir, porque Atlas não acha que o dia precise ser todo tão planejado e também porque se sente preso neste esquema imposto pela esposa. Ela concorda que isso é ruim, mas defende que deste jeito tem certeza de que tudo vai dar certo para todos. Pergunto a Cilene se tudo sai certinho como ela planejou. Ela responde: “*Quando eu programo dá*” (sic). Nessa hora, Atlas começa a rir e, de forma irônica, me olha, discordando com um aceno de cabeça. Ambos trocam acusações e apontam as falhas e defeitos do outro. Até então isolado, Antônio fica em pé e procura vir para o meu colo, e eu o recebo. Enquanto isso, a discussão ganha força. Alguns minutos depois, Antônio vai para o colo da mãe e depois para o chão. Sinto o pedido de colo de Antônio como um pedido de ajuda para os pais.

Eu pergunto o que está sendo mais difícil nestes meses. Cilene responde prontamente que é a rotina de programações, que ela gosta, mas que isso a deixa extremamente cansada, principalmente aos finais de semana. Descreve uma rotina obsessiva para preparar a alimentação, cheia de horários fixos para banho, sono e refeições, mas se queixa de que não consegue ir ao cabelereiro e fazer uma escova, porque isso não cabe na programação.

Questiono porque ela não deixa o filho com o pai, para ele se virar, enquanto ela tira uma folga. Atlas diz que ele a estimula a sair, mas quando ela volta sempre se queixa: “*Você colocou a fralda torta, isso não guarda aqui, guarda ali. Passou a pomada? Tem que lambuzar, não adianta passar um pouquinho. Aí ela vai revisar tudo que eu faço*” (sic). Apesar da rigidez da esposa, Atlas consegue dar banho e trocar Antônio.

Apono para Cilene o quanto o controle a deixa sem liberdade. Atlas concorda comigo e diz que se seu filho se sujar nas refeições ela fica incomodada, enquanto para ele isso é divertimento. Atlas continua a se queixar: “*Eu quero participar, mas essa rotina que ela fez eu não tenho escolha, tem que ser do jeito que ela quer!*” (sic).

Procuro mediar o diálogo do casal, que aumenta em intensidade e temperatura. Fico com a impressão de que nenhum dos dois quer ceder em seus pontos de vista e comunico isso a eles. Eles concordam e reconhecem que estão

perdidos nesta nova fase, e que tem medo de se afastarem ainda mais um do outro. Quando percebo que estão menos defendidos, levanto a possibilidade de buscarem um profissional que os atenda em terapia de casal, argumentando que um acompanhamento psicológico lhes faria bem. Atlas disse que estava pensando nisso, mas ainda não havia discutido com Cilene. Ela me pede uma indicação de profissional na região, e fico de enviar no dia seguinte. Como já estávamos conversando há mais de duas horas, e Antônio já dormia no chão da sala, finalizo nossa conversa.

## **DISCUSSÃO**

---

Tendo já apresentado, por meio de narrativas transferenciais, os casais que compartilharam comigo suas experiências profundamente tocantes e enriquecedoras, chega o momento de destacar alguns aspectos relevantes surgidos a partir de minhas vivências enquanto pesquisador. Momento decisivo, pois a quantidade e qualidade dos afetos vividos com cada casal, suas histórias únicas e a forma como cada um, e especialmente cada homem, pôde vivenciar seu processo de transição para a paternidade, ergueria páginas e mais páginas além do desejável para esta tese. Baseados na relevância que a temática da transição para a paternidade tem no momento atual, abordaremos primordialmente os campos de sentido afetivo-emocionais que apresentam relação com o processo de transição paterna, nosso objetivo inicial.

Conduziremos nossa discussão por meio de alguns campos que se mostraram relevantes. Abordaremos, inicialmente, a religiosidade e sua possível relação com a transição para a paternidade, a relação paterna com o próprio pai e com seu filho (a), as transformações paternas na transição para a paternidade e o papel da mulher neste processo, finalizando com uma breve reflexão sobre os modelos híbridos atuais de paternidade.

Inicialmente, destacamos que, dentre os seis casais entrevistados, foi possível observar em três a presença de diversos elementos religiosos em suas casas: quadros, imagens, bíblias e instrumentos musicais, que apontavam para uma prática religiosa intensa, em denominações cristãs. Desses quatro casais, três narram uma intensa relação com membros participantes de sua igreja, sejam casais ou famílias, que acabam funcionando como uma rede informal de suporte ao casal neste processo de transição. Isso também é observado na temática da paternidade, quando pais mais velhos da comunidade religiosa exercem espontaneamente o papel de conselheiros aos pais iniciantes, funcionando como modelos de identificação para estes. As narrativas do casal 2 e do casal 4 mostram isso com clareza. Também os casais mais jovens desempenham um papel significativo junto aos desse estudo, na medida em que apontam a possibilidade de conciliar juventude e parentalidade, funcionando como modelos horizontais de identificação (Chin, Hall & Daiches, 2011; Höfner, Schadler & Richter, 2011).

Assim, esses membros da igreja, nesse caso, fornecem um ambiente familiar ampliado e “suficientemente bom” (Winnicott, 1956/2000c) aos casais, semelhante às antigas famílias estendidas do século XIX e primeira metade do século XX (Ariès, 1981; Silva, 2010), nas quais a construção da identidade paterna e materna seguiam a pauta indicada pelos valores sociais vigentes naquela época, do homem que provê e da mulher que cuida. Porém, há aqui uma diferença importante, pois na contemporaneidade o processo identificatório não se restringe unicamente ao modelo tradicional, havendo tentativas do pai em se incluir no processo de cuidar (Langaro & Pretto, 2015) e desenvolver uma nova paternagem, cujas características estavam anteriormente mais associadas à figura da mãe (Silva & Piccinini, 2007). Observamos, outrossim, uma pressão social para a maior participação do pai nos cuidados dos filhos (Palkovitz, 2002a; Palkovitz, 2002b; Pleck, 2004). Desse modo, os modelos advindos das gerações passadas acabam por ser modificados e transformados, na tentativa de responder às demandas da família contemporânea (Staudt, 2007). Porém, não podemos deixar de lado outras demandas advindas da sociedade, como as morais, econômicas e religiosas, que também exercem influência na formação dos modelos de paternidade atuais.

Por outro lado, nos parece que a crença em um Deus que é pai traz uma outra perspectiva a esta discussão. Freud (1927/1996; 1930/1996; 1939/1996) já destacava em seus textos que a ligação existente entre a religião e a figura paterna, com características fortes, tinha valor para o ser humano, especialmente na cultura judaico-cristã. A nosso ver, sua obra frisa mais o aspecto da masculinidade e paternidade na relação com o transcendente, tendo um menor desenvolvimento na teorização da religião e suas ligações com a figura materna, com “a dimensão da mãe primitiva”, como apontado pela psicanalista Grubrich-Simitis (2001, p. 88). Para ela, Freud deu maior ênfase ao papel considerado paterno na época, que diz respeito à colocação de limites e regras, e desenvolveu menos as questões ligadas ao cuidado fornecido pela mãe, por questões pessoais e também devido ao espírito machista da época em que vivia.

Os casais desse estudo que atribuem sentido religioso para sua vida cotidiana são todos cristãos. Segundo a perspectiva do casal 1, a dificuldade em engravidar dizia respeito à vontade de Deus: eles teriam um propósito divino a

cumprir antes da gravidez, que seria o de um maior engajamento na vida da igreja. Esse casal parece vivenciar a religiosidade de forma rigorosa, mais inflexível, preceitual. Já o casal 2 apresenta uma visão sobre o divino menos rigorosa, mais afetiva e cuidadora, destacando a presença de outros participantes de sua religião como grupo de suporte. Eles não se cobram de forma exagerada enquanto novos pais, em uma exigência rígida consigo mesmos. Também em sua fala, denotam a vivência da religiosidade de forma mais flexível e tolerante, com um grande sentimento de acolhimento por parte de Deus. Afinal, como disse Efraim em uma das entrevistas, “*Deus não irá desampará-lo*”. Também vemos Tales e Safira muito participativos na vida da igreja, animando missas e encontros. Levantamos com isso a suposição de que a forma com que esses casais vivenciam sua experiência religiosa com Deus pode repercutir em algum nível na formação da paternidade desses homens, pois a religião aqui parece funcionar como um organizador psíquico e direcionador das ações de cuidado do casal.

A experiência religiosa não está necessariamente atrelada à participação de uma determinada religião, sendo dois fenômenos diferentes, mas que podem ter algum grau de relação ou interação. De acordo com Safra (2004), compreendemos a religião como um conjunto de crenças e doutrinas institucionais compartilhadas, que formam um sistema representacional de crenças e dogmas, através do qual um ser humano busca orientar sua existência e seus atos.

Já a experiência religiosa, também nomeada por Safra como vivência do sagrado (Safra, 1998), traz em seu bojo a percepção de profundas transformações no self, baseada em suas vivências mais precoces; assim, a experiência do sagrado pode estar vinculada ou não a uma determinada religião, mas não se restringe a aspectos meramente cognitivos ou representacionais. Assim designa Safra:

A experiência do sagrado surge antes que o indivíduo tenha qualquer tipo de representação ou concepção sobre o divino. O sentido do sagrado está relacionado a dimensão ôntica do self. (Safra, 1998, p. 150)

Portanto, podemos afirmar que a experiência religiosa se situa em um campo que engloba o social e o cultural - pois é atual - mas os transcende, em um campo que vai além do representacional, trazendo consigo uma importante transformação no self (Safra, 2013, p. 94), abrangendo também a experiência emocional pessoal.

A questão que surge diz respeito às ressonâncias e repercussões da participação a uma religião institucional, bem como da experiência religiosa ou sagrada na transição para a paternidade desses casais religiosos. Do ponto de vista racional, no que a religião propicia uma melhor transição para a paternidade, já que há um discurso cristão predominante no qual os irmãos de uma mesma igreja devem ajudar uns aos outros? Por outro lado, no aspecto vivencial, como as experiências do sagrado e as vivências de tornar-se pai se entrelaçam e transformam mutuamente, ao favorecerem (ou não) a identificação com Deus enquanto provedor de cuidados e de segurança?

Ferry e Gauchet (2008) descrevem três formas de compreender o religioso. Primeiramente, a religião como fetiche e alienação, portanto como fechamento sobre si mesma. Segundo, como tradição, como resultado de um processo histórico. E terceiro, como uma narrativa que une o finito ao infinito, o absoluto ao relativo, trazendo ao ser humano a possibilidade de vivenciar a transcendência mesmo sem a crença em um Deus, humanizando o divino e divinizando o humano (Ferry, 2007); desse modo, a experiência de transcendência se aproxima do terreno humano, e esta experiência do sagrado pode ser mediada ou não pela religião enquanto instituição.

Este mesmo autor assinala uma importante mudança na relação humana contemporânea com o transcendente, que tende a se deslocar de uma verticalidade, onde a experiência do sagrado é vivida como submissão em um processo hierárquico, para uma horizontalidade, onde o sagrado se dá no convívio com o outro, com os iguais (Ferry, 2007). Ora, este aspecto fica evidente em alguns casais desta pesquisa, onde a participação de uma crença facilita e estimula a vida em comunidade, resultando na formação de uma rede afetiva atual de suporte a estas famílias. Assim, de forma aparentemente paradoxal, a experiência do sagrado parece propiciar uma abertura à vida comunitária.

Curiosamente, a mudança de uma dimensão vertical para a dimensão horizontal também é encontrada nos estudos sobre a família contemporânea

(Roudinesco, 2003) e sobre a paternidade (Avena & Rabinovich, 2016; Badinter, 1993; LaRossa, 2012). Em nosso estudo, vemos Heitor em contato com seus colegas de trabalho, que tranquilizam o novo pai em seu medo de não dar conta de cuidar do bebê. Encontramos também Felipe junto a um homem mais velho que ele, apontando a necessidade de cuidar da esposa. Também Efraim e Ágata, convivendo com os casais amigos de sua igreja, que formam uma rede de suporte afetivo muito interessante.

Paiva (2014), ao discorrer sobre o cuidado religioso, supõe que a experiência do sagrado durante a vida dependerá “do quanto as vivências básicas da criança foram experimentadas como experiências de alegria, encantamento, júbilo e confiança” (Paiva, 2014, p. 61). Assim, tendo vivenciado na infância bons cuidados parentais, a criança traria em si mesma este experimento, que nos possibilitaria, além de viver a experiência do sagrado, desenvolver um cuidado afetivo, amoroso e gerador de confiança em outro ser humano. Porém, como fica o desenvolvimento da capacidade de cuidar, quando não há experiências anteriores de cuidado afetivo? Haveria algum prejuízo na forma de relacionamento dessas pessoas com seus filhos, quando se tornam pais na vida adulta?

De certo modo, talvez a religiosidade e a paternidade, cada qual à sua maneira, expressem uma mudança social significativa nas formas de relacionamento afetivo contemporâneo, desconstruindo os valores tradicionais rumo a uma revalorização dos aspectos afetivos envolvidos no cuidar. Parece não haver nestes casais uma distinção aprofundada entre religião e religiosidade, mas um fator que se mostrou relevante são os *significados* atribuídos por cada casal à sua experiência religiosa: quando esta é vivida enquanto proteção, por exemplo, isto parece se refletir numa paternidade mais flexível e espontânea.

Na psicanálise clássica, temos a proposição, justificada à luz de um arcabouço teórico, de que para haver um desenvolvimento psíquico saudável da criança, ela deve ser cuidada por um casal parental, normalmente envolvendo a presença de um homem e de uma mulher. Sinalizaremos abaixo algumas das divergências de psicanalistas sobre a paternidade, sem a intenção de explicar toda sua teorização sobre esta, já que cada uma destas visões demandaria uma pesquisa específica sobre o autor.

Para Freud, em sua teorização sobre o complexo de Édipo (Freud, 1920, 1924), o menino se identifica com a figura paterna, agente da lei e objeto de identificação, concomitantemente. Mas na teorização freudiana, a importância da presença paterna será postergada ao período de três a cinco anos, sendo a mãe a presença mais marcante no início da vida do bebê.

Se os cuidados primordiais prolongados para garantir a sub-existência e a existência do bebê são atribuições maternas, se ela acompanha o bebê num longuíssimo processo de maturação, porque na observação freudiana é o pai o símbolo determinante da ordem psicológica? (Menezes & Leal, 2016, p. 36)

Em Melanie Klein (1921/1996), a função do pai já se insere nos primórdios da vida infantil, cabendo a ele a tarefa de ir rompendo progressivamente a intensa relação de vincular mãe-bebê. Vale destacar que, nessa teorização, o pai enquanto figura concreta se confunde com o exercício de uma função paterna, enfatizando o pai enquanto objeto interno no mundo mental do bebê.

Por outro lado, encontramos em Lacan (1984/2002) um desenvolvimento teórico sobre as funções materna e paterna, não necessariamente ligados às pessoas reais e físicas mãe e pai. A função materna tem a característica de intensa ligação afetiva e acolhimento, enquanto a função paterna traz em seu bojo o exercício da separação mãe-bebê e a colocação de limites através da Lei. Para Lacan, o processo de colocação de limites é simbólico, e pode ser efetuado por um pai também simbólico, quase a-histórico, sendo que “a figura concreta do pai é dispensável” (Ramires, 1997, p. 67).

Winnicott tende a enfatizar a importância da relação da mãe com seu bebê, delegando ao pai, no começo da vida da criança, a função de suporte e proteção fornecidos à dupla mãe-bebê (Winnicott, 1945/2000; 1955/2000c). Para ele, o pai vai ter uma importância fundamental quando o bebê estiver integrado e diferenciado da mãe (Winnicott, 1958/1983). Nos primórdios do desenvolvimento infantil, o pai entra como um substituto da mãe quando ela não estiver disponível para cuidar do bebê.

Desse modo, podemos perceber dentro da psicanálise certa polarização em relação à paternidade: de um lado os que defendem a importância da pessoa real do pai e, do outro, aqueles que reforçam a importância da função paterna

que pode ser exercida tanto por um pai quanto por uma mãe ou substituto de ambos. Polarizar posições em nada auxilia os pais em sua transição para a parentalidade, já que o desenvolvimento da paternidade engloba ambos aspectos.

Ninguém nasce pai feito, mas se torna pai em um processo de intensas transformações. Nestas mudanças, o relacionamento com o próprio pai na infância adquire uma grande importância. Voltamos agora às narrativas transferenciais, visitando esses pais sob a ótica da relação com o próprio pai e do exercício atual de sua função paterna com o filho.

No casal 1, vemos Flávio, de origem nordestina, falar sobre seu pai como uma pessoa batalhadora, mas rígida e distante afetivamente. Quando de seu contato com o bebê, percebemos uma certa idealização desta relação, na qual a presença da esposa, suas dúvidas e sofrimentos, acaba por ser pouco percebida. Ele destaca três características da figura paterna - força, conhecimento e amor - como ideais a serem buscados. A meu ver, o desafio para ele diz respeito ao amor, à ligação afetiva com o bebê. Sua história na infância com o pai aponta para um distanciamento afetivo - que ele qualifica como “coração chumbado” - ainda maior após a morte dele, mas tem o desejo de dar ao seu filho um cuidado diferente do que recebeu, talvez descobrindo a intimidade onde anteriormente viveu distância e isolamento (Bar-On & Scharf, 2016).

No casal 2, vemos Efraim buscando se dedicar a ser um pai presente e afetivo, em atitude empática com a esposa, apesar das experiências em sua infância com um pai etilista. Podemos acompanhar nele o desenvolvimento de funções paterna e materna, da capacidade de suporte à esposa e de relacionamento direto com o bebê. Efraim é pai, mas também é mãe, congregando as duas funções. Parafrazeando Winnicott, ele parece ter desenvolvido uma “preocupação paterna primária”, reescrevendo por meio de sua relação com a filha, a história pregressa com seu próprio pai (Guzzo, 2011). Em nada ele se porta como um cuidador incompetente ou omissivo pelo simples fato de ser homem, mas desenvolve uma relação cheia de afeto com o bebê, buscando uma adaptação ativa às necessidades deste (Winnicott 1956/2000c), semelhante ao descrito por Roubinov et al. (2016) em seu estudo junto a famílias de origem mexicanas.

Encontramos Heitor, no casal 3, que consegue desenvolver uma boa capacidade de cuidado do filho, necessária devido à ausência da mãe por questões de trabalho. Porém, não deixa de buscar uma maior reaproximação com a esposa, tentando retomar a relação conjugal. Pouco sabemos de sua relação pregressa com o pai, mas Heitor consegue compreender que o processo de progressivo desligamento que seu filho passa com a mãe é algo saudável, inerente ao crescimento. Nele se coadunam os papéis tradicionalmente atribuídos ao pai, de prover, e à mãe, de cuidar: é um pai com coração de mãe.

A ausência da presença paterna surge claramente com o casal 4, na história de Felipe, criado pela mãe, tia e avó, três figuras femininas que, cada uma a seu modo, cuidaram dele, hora sendo mais firmes, hora mais afetivas. Não tivemos notícia da convivência de Felipe com outros homens durante a infância e adolescência, mas podemos supor que funcionaram como modelos de identificação masculina. O que ele nos aponta é que a ausência de uma figura paterna na infância não o impediu de se tornar pai e estabelecer uma relação afetiva com sua filha.

Por sua vez, vemos Tales, no casal 5, que assume desde o início das entrevistas a postura de protetor de sua família, assumindo sua potência e suas limitações, mas também mantendo uma intensa ligação emocional com a filha e a esposa, permanecendo atento às necessidades de ambas. Este estado de preocupação paterna com o bebê se torna mais intenso quando ele perde seu emprego e precisa ficar em casa para a esposa trabalhar, e então passa a se ocupar de tarefas entendidas tradicionalmente como femininas, como alimentar e dar banho em Helena. Relata inclusive o desenvolvimento de um conhecimento quase intuitivo, semelhante ao observado em muitas mães, mas construído diariamente em sua relação com o bebê. Assim, seu vínculo com a filha aponta a possibilidade de um pai cuidador, comumente exercido pela mãe nesta fase inicial, enquanto a mãe assume a posição de provisão, tradicionalmente atribuída ao homem.

Já em Atlas, encontramos um homem que teve um pai forte e rígido na infância, bem como uma mãe mais afetiva e presente, sugestivo de uma configuração familiar tradicional. Porém, ele parece ter um bom contato com as crianças de seu condomínio, entendendo o universo infantil. Teme não conseguir dar um suporte afetivo ao seu bebê, talvez por não ter vivido este suporte na

relação com seu pai. Essa fantasia não se comprova com o passar do tempo, pois após o nascimento do filho, Atlas se torna menos rígido e mais envolvido afetivamente, procurando auxiliar sua esposa a ser mais flexível e menos preocupada. Assume assim uma postura protetora em relação à sua esposa e ao bebê (Poh et al., 2014), ao mesmo tempo em que se distancia do modelo de pai que viveu em sua infância.

Ao adentrarmos na riqueza e diversidade de cada narrativa transferencial, um imenso labirinto de possibilidades e significações se abre diante de nossos olhos. Como o fio de Ariadne que pode nos guiar no retorno ao terreno da reflexão, destaco as transformações vividas pelo pai em transição.

As narrativas nos apresentam dois aspectos da paternidade: a relação com o próprio pai, vivida na infância de cada um dos participantes desta pesquisa, e a relação imaginativa, com a figura ou a imagem de seu pai, que a psicanálise costuma chamar de pai interno. Percebe-se, assim, uma oscilação entre a importância dada ao papel do pai real, como assinala Winnicott (Reeves, 2012), e a presença de uma imago paterna na criança, vivida por ela como uma função paterna, e introjetada a partir do psiquismo materno. Outeiral (1997) assim fala sobre o papel do pai no desenvolvimento da criança:

São inúmeras as referências ao pai e ao seu papel no desenvolvimento da criança, como um elemento real e imaginário que ele chama de “ambiente facilitador” inclusive como uma imago que faz parte da realidade interna da mãe. (Outeiral, 1997, p. 93)

Deste modo, podemos entender como um pai que não foi cuidado por um genitor homem na infância, como no caso de Felipe, pode desenvolver uma capacidade de cuidar. Ele vivenciou estes cuidados a partir de três mulheres, que exerceram as funções de cuidado infantil, procurando se adaptar às necessidades da criança de acordo com cada fase do desenvolvimento.

Aberastury, ao refletir sobre o papel do pai, assinala que “desde o seu nascimento até o quarto mês de vida, o interesse do bebê se centraliza *quase* exclusivamente em sua mãe (Aberastury, 1959/1984, p. 79, grifo da autora). Aponta também que todas as experiências sensoriais e afetivas vão configurando na mente nascente do bebê a imagem da mãe e também a imagem do pai (p. 80). Segundo ela, “não é suficiente a presença do pai; é necessário

também que ele encontre uma forma de comunicação adequada às necessidades de paternidade do pequeno”. (Aberastury, 1959/1984, p. 80)

O que é surpreendente nesta citação é a capacidade da autora em antever em mais de 60 anos uma discussão atual e fundamental no desenvolvimento humano, desvelando a necessidade de uma função paterna que pode ser embasada na presença real do pai.

Seguindo o mesmo fio condutor, podemos observar que Efraim, ao se tornar pai, lança um novo olhar a seu passado, buscando ressignificar suas vivências. Já não pode mudar sua história real vivida com o pai, mas do ponto de vista imaginativo, pode criar um novo afeto referente ao seu passado, bem como uma outra concepção de ser pai, projetada em seu futuro com sua filha. Essas mudanças não são superficiais, trazendo para seu self uma nova configuração mais adulta e menos rígida, que integra aspectos subjetivos masculinos e femininos, no qual o infantil e o maduro podem coexistir sob a égide do adulto.

Observamos variações nas posturas, ideias, expectativas e sentimentos, tanto dos homens quanto das mulheres, sobre a participação do pai nos cuidados com o bebê. Em muitos casos, esta participação foi estimulada pela mãe; noutros, fez-se necessária pela volta da mãe ao mercado de trabalho, em outros ainda, o pai se inseriu fortemente na rede de cuidados, não somente no papel de auxiliar materno, mas de cuidador afetivo e efetivo, quebrando de certo modo a divisão quase excludente entre os papéis socialmente esperados de um bom pai e de uma boa mãe, e intimamente ligados às questões de gênero (Fleck, Falcke & Hackner, 2005; Keizer, Dykstra & Poortman, 2010). Assim,

ao pensarmos em funções maternas ou paternas e suas variáveis culturais, remetemo-nos inevitavelmente às origens e atribuições de aspectos femininos e masculinos na constituição subjetiva, os quais também poderão ser abordados conforme o modo estabelecido pelo contexto social, discussão esta que se faz premente, dadas as inusitadas formas de organização familiar da contemporaneidade. (Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2006, p. 139)

Portanto, destacamos que a atribuição de aspectos femininos e masculinos a homens ou mulheres é fruto de uma produção social contextualizada, onde o gênero se sobrepõe ao sexo biológico. Esta discussão

necessita ser aprofundada, mas não será objeto de nossa análise aqui, por escapar de nosso objetivo inicial, demandando um estudo à parte desta temática.

Por outro lado, a literatura nos aponta que há ainda uma tendência por parte das mães e pais a buscarem uma configuração de cuidados tradicionalmente aceitas, com o pai primordialmente no papel de provedor e a mãe como cuidadora (Goetz & Vieira, 2009; Martins, 2013; Moraes, Aching & Granato, no prelo). Parece haver alterações nesta tendência, talvez como consequência do discurso social contemporâneo de maior participação paterna nos cuidados infantis, flexibilizando os papéis exercidos pelo casal. Tales e Safira são um casal que ilustra esta flexibilização, com Safira trabalhando fora de casa e Tales cuidando diariamente de Helena, invertendo as condutas tradicionalmente esperadas. Heitor e Rosa também são um bom exemplo, com Heitor cuidando do bebê para a esposa poder trabalhar, e sendo eficaz neste cuidado, não podendo apenas alimentá-lo ao seio.

Deste modo, cabe abrir um novo campo de questionamentos, relacionando os cuidados infantis fornecidos ao bebê, os papéis de gênero e as condutas socialmente esperadas para o homem e a mulher, bem como quem as executa. Em que medida uma igualdade de gêneros pode facilitar ou dificultar os cuidados parentais?

Na introdução do presente trabalho, apontamos que, independentemente de quem exerce a função de cuidar do bebê, um núcleo de cuidados se mantém, englobando os cuidados físicos, o fornecimento de um suporte afetivo e a provisão econômica à família. Podemos completar esta assertiva, destacando a importância de fornecer os cuidados necessários e suficientes ao bebê, exercidos longitudinalmente pelo casal e em um arranjo determinado por eles, consciente ou inconscientemente, não importando qual gênero ficará imbuído de uma ou outra tarefa.

Embora os casais dessa pesquisa sejam todos heterossexuais, sabemos que as novas configurações familiares trazem à família contemporânea novos valores, como a busca da igualdade e a flexibilidade (Rodrigues & Gomes, 2012), bem como o cuidado compartilhado com os filhos, como observamos em Efraim, que se dedica a cuidar da casa e se sente corresponsável por cuidar de sua filha. Frisamos que o cuidar pode ser aprendido, por ambos os parceiros, a partir do desenvolvimento de um contato corporal e afetivo com o bebê. O interessante

estudo de Anderzén-Carlsson et al. (2014) sobre as experiências parentais com o bebê frisa a possibilidade de desenvolvimento de uma forte relação de apego a ele, decorrente do contato físico intensivo para *ambos* os pais. Os autores apontam a influência direta deste contato na qualidade do vínculo que se estabelece com o bebê após o nascimento, destacando que a capacidade para esta vinculação não parece estar relacionada a diferenças sexuais. Podemos, portanto, supor que um homem também possa desenvolver a sensibilidade e condições emocionais necessárias a um cuidado suficientemente bom, conforme apontado por Winnicott (1956/2000c).

Outro aspecto a ser destacado nesta discussão diz respeito aos modelos contemporâneos de paternidade, atualmente em transição. O modelo patriarcal e machista, que perpassa a formação do homem brasileiro desde os tempos coloniais (Filgueiras & Petrini, 2010; Priore & Amantino, 2013) não se sustenta mais como via régia para a identificação dos novos pais, pois as mudanças de ordem social, econômica, cultural e política criaram terreno fértil para a assunção de diversas formas de parentalidade, afetando diretamente a construção de um ideário sobre o que deveria ser considerado “um bom pai”.

Assim, nos defrontamos de certo modo com um paradoxo: uma coexistência de versões de paternidade, algumas novas e outras já conhecidas, mais tradicionais, sendo vivenciadas por pais também em processo de transição. Esta transformação é pessoal e percebida pelo pai como uma mudança definitiva no self (Kowlessar, Fox & Wittkowski, 2014; Palkovitz & Palm, 2009). Tales relata esta percepção quando diz “*não entendo, mas parece que eu não sou a mesma pessoa de antes*” (sic); Atlas também se percebe diferente, narrando se sentir mais adulto, porém “*mais leve, solto e espontâneo*” (sic) que antes da gravidez.

Nolasco (1995) propõe que, enquanto sociedade, não nos apressemos a estabelecer representações substitutivas aos modelos tradicionais patriarcais, buscando manter a tensão da indeterminação dessas representações, até que novas *combinações* venham a ser criadas, pois

Um “novo homem” nascerá de outro paradigma sobre a paternidade que o possibilitará compreender melhor a ele própria e a vida. Um aprendizado visceral, construído a partir do cotidiano, do reconhecimento das mais diferentes formas de manifestação do “universo subjetivo” do filho. (Nolasco, 1995, p. 152, grifos do autor)

Estas mudanças são relatadas por todos os participantes da pesquisa. Atlas não sabe bem o que mudou em si, mas se apercebe que a relação com seu próprio pai já não é mais a mesma, bem como sua relação com o trabalho e com a esposa. Flávio também destaca essa transformação, quando reconhece que a chegada do filho o deixou mais afetuoso. Tales desenvolve um cuidar cotidiano com sua filha, passando a dar valor a coisas que antes sequer lhe eram percebidas. Efraim se sente diferente, mais maduro, mas ao mesmo tempo mantém a alegria, flexibilidade e jovialidade. Heitor se percebe maternal, mais sensível e ligado ao bebê. Felipe se apropria do aprendizado advindo do cuidar de sua filha, desenvolvendo a confiança em sua capacidade de tomar conta de outro ser humano. Todos estes pais, sem exceção, narram profundas mudanças em sua concepção do mundo, de si mesmos e de suas relações amorosas. As esposas também partilham desta percepção, pois apontaram algumas mudanças nos parceiros nesse processo: maior paciência, redução da preocupação financeira excessiva, maior participação nas atividades da casa.

O olhar da parceira, sua opinião e suas atitudes em relação ao pai são essenciais na constituição da paternidade, como é o caso de Ligia, que deixa claro em sua narrativa o quanto acredita que seu parceiro será um bom pai. De maneira geral, o pai tende a ser visto através do olhar da mãe apenas (Reeves, 2012), mas o olhar materno, como vemos em Ágata, também pode funcionar como aquele que autoriza e estimula o pai a um contato direto com o filho, sem a mediação materna. Como destacado por Eerola e Huttunen (2011), a mãe funciona como um modulador da aproximação paterna com o bebê, ora facilitando, ora impedindo esta aproximação.

Apontamos aqui outro aspecto do olhar materno: a mãe também se comporta como aquela que autoriza o pai a criação de uma identidade paterna, na medida em que pode fornecer a ele o suporte afetivo quando se relaciona com o bebê, o chancelando como uma pessoa que também está em intensa transformação. Este processo não se dá de forma racional, mas é comunicado ao pai pelas condutas da mãe, como observamos em Ágata, que propicia ocasiões e estimula Efraim a estar mais envolvido com sua filha de forma espontânea.

Quando há uma crença na naturalização da maternidade e da paternidade, como apontado por Badinter (1985, 1993), com papéis rígidos e fixos para cada um dentro da dinâmica familiar, o contato afetivo com o bebê tende a ser modulado pela figura materna, ocasionando a ela uma sobrecarga pelo desgaste físico e emocional que o cuidado infantil exige. Observamos parcialmente esta crença em Felipe e Ligia, que expressam uma divisão de papéis no cuidado de Manuela onde a mãe tem papel de protagonista, ficando o pai mais restrito a um ajudante. Porém, Felipe se queixa dessa situação, pois desejaria participar mais ativamente, apesar do medo que sente frente ao novo.

Podemos perceber uma certa tendência da psicanálise a manter uma posição mais rígida na constituição da sexualidade dita “normal” e conseqüentemente das relações de gênero, sob uma ótica de dominação do homem. Há uma intrincada relação entre a sexualidade e a cultura de gênero, que muitas vezes é explicitada na psicanálise e chancela teoricamente como normal uma diferença que não diz respeito ao desenvolvimento saudável, mas sim a uma desigualdade social e de direitos.

Como observamos anteriormente, não se encontram relatos psicanalíticos gerais sobre o desenvolvimento da heterossexualidade que não incluam a desigualdade de gênero e a dominância masculina<sup>7</sup>. (Chodorow, 1994, p. 80, tradução nossa)

Como destaca Badinter (1993), “não existe um modelo masculino universal, válido para todos os tempos e lugares” (p. 27), mas estes devem ser construídos conforme cada época e cultura, nas interações familiares e na relação consigo mesmo. É destas relações intersubjetivas que se forma a masculinidade e, posteriormente, a paternidade, pois “o homem que não está em contato com sua interioridade é um homem completamente escravizado pelos modelos sociais” (Corneau, 1995, p. 51).

Não há como nos aproximarmos do estudo da transição para a paternidade sem levarmos em conta as diversas transformações socioculturais de nosso tempo, através das quais surge a expectativa de um “novo homem” ou um “novo pai” (Barclay & Lupton, 1999; Deave & Johnson, 2008; Finn &

---

<sup>7</sup> As I noted earlier, one cannot find general psychoanalytic accounts of the development of heterosexuality that do not include gender inequality and male dominance. (Chodorow, 1994, p. 80)

Henwood, 2009; Henwood & Procter, 2003; Ives, 2014; Miller, 2011; Shirani, 2015). Mas será realmente um novo pai, advindo do exercício de uma nova masculinidade, que se afigura ou um pai mais íntegro - no sentido de estar integrado, inteiro – e que consegue compor em si mesmo diversos elementos, inclusive os femininos, antes apenas concebíveis no exercício da maternidade?

Ao analisar o auto relato dos pais de seu estudo, Finn e Henwood (2009) reconhecem a existência de uma posição paterna mais tradicional, atestada por diversos elementos: papel de pai enquanto provedor, pouca expressão emocional negativa (principalmente de sentimentos socialmente reconhecidos como uma fraqueza), tendência do homem a se colocar como um auxiliar nas tarefas de cuidado do bebê e uma preocupação excessiva com o fornecimento de um suporte financeiro à família.

Em nosso estudo, encontramos alguns pais com algumas características tradicionais semelhantes ao descrito por Finn e Henwood. O casal 1, por exemplo, apresentou uma divisão de papéis mais tradicional, com Flávio trabalhando fora de casa o dia todo, cabendo à esposa nestes seis meses a tarefa de cuidar do bebê e da casa. Porém, Diana se ressentia da ausência de Flávio junto a ela, solicitando sua maior participação na vida diária. Felipe e Ligia optam pela permanência da mãe na casa, cuidando em tempo integral do bebê, enquanto Felipe se encarrega da provisão financeira e se posiciona claramente como um auxiliar da mãe ao cuidar de sua filha.

Por outro lado, os mesmos autores apontam para um ideal paterno atual, diferente do tradicional, ao abordarem o novo pai: “Ser o bom pai nesta geração pode implicar uma paternidade moderna, se não uma *paternidade maternal*”<sup>8</sup> (Finn & Henwood, 2009, p. 559, grifo nosso). Para Miller (2011), os discursos sobre o bom pai contemporâneo incluem um homem que esteja empregado, mas se dedique diariamente a manter uma relação próxima e afetuosa com os filhos. Assim, destaca-se amplamente a expectativa social de um pai que não reproduza apenas o cuidado tradicionalmente atrelado a um gênero específico, mas que possa ampliar este cuidado numa maior vinculação com seus filhos.

Alguns pais de nossa pesquisa apresentam a “paternidade maternal” citada acima. Destacamos Heitor que, nas palavras de Rosa, “é quase uma

---

<sup>8</sup> Being the good father of this generation may involve a modern if not motherly-like paternity. (Finn & Henwood, 2009, p. 559)

mãe”, por cuidar adequadamente de seu filho Eduardo. Efraim, que trabalha diariamente, mas participa ativamente nos cuidados do bebê e na limpeza da casa, procurando não sobrecarregar a esposa. Lembramos também de Tales, que conseguia perceber se o choro de sua filha era de fome ou frio, mas que se encontrava desempregado na ocasião, ficando o sustento financeiro da casa sob responsabilidade de Safira.

O que fica evidente nos casais do presente estudo é que neles encontramos elementos tradicionais bem como os do “novo pai”, em uma organização singular à cada casal e à cada pai, não havendo um casal com características apenas do “pai tradicional” ou do “novo pai”.

Devido à evolução tecnológica e intensificação do uso da tecnologia no cotidiano, encontramos muitos pais e mães utilizando o celular, com seus diversos aplicativos que englobam mensagens por voz, vídeo, imagens e textos, e a internet, como meios privilegiados de contato entre o casal, quando se encontram distantes geograficamente. Esta prática parece manter os casais unidos e tem sido uma estratégia utilizada no exterior para fornecer um suporte informativo e afetivo durante e após a transição para a paternidade (Andreasson & Johansson, 2016; Eriksson & Salzmänn-Eriksson, 2012; Niela-Vilén, Axelin, Salanterä & Melender, 2014; Salzmänn-Eriksson & Eriksson, 2013).

Em relação à gravidez e ao parto, o pai também pode ter uma participação ativa, apesar de não participar diretamente, em seu próprio corpo, do processo de crescimento do feto. Há todo um processo conflitivo vivido pelos pais, como já assinalado anteriormente (Chin, Hall & Daiches, 2011; Genesoni & Tallandini, 2009). De maneira geral, quando confrontados com os riscos da hora do parto, assumem uma postura ativa de proteção e cuidado com suas esposas (Ribeiro et al., 2015), como percebido em alguns pais do presente estudo. Efraim, que parecia ter “três olhos” (sic), observando a esposa e o bebê no parto, além de se empoderar utilizando as palavras ditas a Ágata. Tales também se empodera com as palavras, chamando a enfermeira quando a esposa entra em trabalho de parto e permanecendo junto a ela o tempo todo. E finalmente Atlas, que acalma Cilene quando o parto teve de ser antecipado, o que gerou nela certa descompensação emocional. Todos estes pais narraram que sentiram medo, mas estavam disponíveis para participarem da chegada de seus filhos.

Estes homens também apresentam elementos culturalmente associados ao feminino, como a preocupação com a esposa e o bebê, a expressão de ansiedade e medo, e a tentativa de sustentar emocionalmente um ambiente suficientemente bom no qual a mulher possa dar à luz. Também observamos que, quando há dificuldades no homem em assumir uma posição tida como feminina, durante a gravidez ou mesmo dentro do centro cirúrgico, pode ocorrer o afastamento deste homem de situações sentidas por ele como indesejáveis, por serem eminentemente femininas, ou por gerarem uma forte angústia que os impeça de darem suporte à esposa. Isto ocorreu com Flávio, que não entrou com Diana no centro cirúrgico, racionalizando que a equipe médica é que saberia o que fazer, enquanto a ele caberia rezar. Há também aqueles que entraram no centro cirúrgico, como Efraim e Felipe, mas que ao terem a esposa fora de seu campo visual, sentiram muito medo de que algo de ruim acontecesse com ela.

Assim, concordamos com a literatura vigente que aponta o parto como um dos momentos mais angustiantes na transição para a paternidade, onde o pai se encontra em intensa expectativa e vigilância, confrontando seus sentimentos de impotência e fantasias de morte. Por meio de alguns participantes, verificamos a eficácia do suporte destes pais à esposa, bem como a força da palavra, do narrar, como instrumento terapêutico e de empoderamento destes homens frente a uma situação adversa. Deste modo, frisamos necessidade dos dispositivos de saúde repensarem a participação paterna durante o parto como estratégia facilitadora da relação do mesmo com o bebê e enquanto um suporte seguro a sua companheira (Widarsson et al., 2015).

A forma como a esposa abre espaço ao homem, narra e participa com ele de seu cotidiano de grávida, e solicita a presença do companheiro durante o parto, são elementos fundamentais que podem impedir ou facilitar o acesso deste homem a uma experiência afetiva que não se restrinja ao modelo tradicionalmente evocado de paternidade.

Nolasco (1993) destaca que aos homens hoje é dada uma espécie de “autorização social” para que possam participar de atividades e se expressar de maneira antes considerada exclusividade das mulheres. Refletir sobre a transição para a paternidade perpassa abordar também a feminilidade constitutiva no homem enquanto um importante instrumental a ser utilizado nas tarefas de cuidado oferecidas aos filhos.

Os participantes deste estudo mostraram-se homens engajados no cuidado oferecido aos filhos, fornecendo a eles a satisfação de suas necessidades básicas, bem como vivendo com satisfação a interação com seus bebês. Porém, estes pais não estão apenas a exercer a função de substitutos maternos, como preconizava Winnicott (1966/2011) ao falar do papel do pai britânico de sua época na primeira infância, ou a função de representar a lei e os valores morais.

Pelo contrário, eles estabelecem relações afetivas intensas com seus filhos, congregando alegria e espontaneidade, dando aos bebês o suporte físico e emocional necessários a um bom desenvolvimento, sem que para isso tenham de abrir mão de identidade masculina (Silva, 2010). Assim, podem ter a experiência de serem “pais nutridores” (Requena-Peligri, p. 126), acrescentando a dimensão do cuidado ao bebê à sua subjetividade em profunda transformação. Repensar a produção da subjetividade paterna, e conseqüentemente da subjetividade infantil, para além dos papéis socialmente estabelecidos e dos estereótipos de gênero, abre espaços para a desconstrução de paradigmas autoritários e reducionistas, ampliando a discussão para revermos a questão do cuidado parental.

Para tanto, nos basearemos nas noções winnicottianas de ambiente suficientemente bom e de preocupação materna primária. Segundo Winnicott, o bebê necessita de um ambiente suficientemente bom que satisfaça suas necessidades básicas, físicas e emocionais, em proporção adequada e suficiente para não o sobrecarregar, visto que ele ainda é completamente dependente de seus cuidadores. Em sua obra, verificamos uma larga tendência a atribuir o fornecimento deste ambiente bom à pessoa da mãe (Winnicott, 1945/2000; 1956/2000c; 1957/1982b; 1963/1983; 1964/1982; 1987/1994), cabendo ao pai o papel de suporte e proteção da unidade mãe-bebê.

Winnicott chama de preocupação materna primária (1956/2000) o estado emocional da mãe, comumente iniciado durante a gravidez, que propicia uma progressiva identificação dela com seu filho, e permite a ela apreender, após o nascimento do bebê, o que ele necessita a cada instante. Este estado emocional adaptativo da mãe, que Winnicott sugere ser para a mulher algo quase natural e ligado à sua feminilidade, também poderia ser desenvolvido pelo homem *em situações de necessidade* (Faria, 2014, p. 301), mas à custa de sua

masculinidade e virilidade, pois ele estaria meramente ocupando o papel de um substituto materno. Assim, teríamos posições engessadas: o pai como figura masculina e a mãe como figura materna; o pai como encarnação da lei e a mãe como substrato afetivo seguro para a criança.

Deste modo, a teoria desenvolvida por Winnicott parece trazer em seu bojo dois aspectos contraditórios: se por um lado amplia a compreensão sobre o fornecimento dos cuidados ao bebê, destacando a importância da provisão ambiental e da interação cuidadores-bebê nesse processo, por outro lado parece realizar uma polarização de posições em relação ao cuidar, atrelando algumas funções e papéis ao sexo e ao gênero dos cuidadores. Há quase uma naturalização da função materna em sua teorização, sendo a mãe a pessoa mais indicada a cuidar de um bebê, mostrando um posicionamento ideológico subjacente no qual a função de fornecer os cuidados iniciais seria atributo materno, sendo o pai apenas um substituto da mãe, com sua importância postergada para momentos posteriores do desenvolvimento infantil.

Tendo em vista as transformações substanciais da instituição familiar e a fundamental discussão que problematiza as relações existentes entre termos como gênero, sexualidade e orientação sexual, nota-se a fragilidade com que tais elementos são arranjados ao longo da obra de Winnicott. (Silva, Bezerra & Belo, 2016, p. 53)

As narrativas desta pesquisa apontam na direção de um cuidado eficaz e suficientemente bom oferecido pelo pai a seu filho (a). Vemos, por exemplo, Efraim, que consegue desenvolver uma intensa relação de cuidado com sua filha sem que a sua esposa esteja ausente por questões de trabalho ou doente; é um pai que trabalha fora e cuida do bebê, se adaptando ativamente às necessidades da criança. Encontramos também Tales, que mesmo antes de perder seu emprego, vivencia o processo de progressivamente ir conhecendo sua filha, diferenciando cada uma de suas necessidades, sem se sentir diminuído em seu papel de pai por exercer esta função.

O pai também é capaz de desenvolver sua capacidade de se ligar progressivamente ao bebê desde a gestação (West et al., 2009), sendo o contato com ele mediado pelo ultrassom, pelas narrativas da mãe sobre sua transformação corporal, e pelo contato físico com o corpo da companheira, como

vimos nos casais deste estudo. Mesmo após o parto, este estado de saudável preocupação com o bebê e com a companheira tende a permanecer, permitindo ao pai uma adaptação progressiva à nova realidade. Defendemos, portanto, que o pai tem um potencial psíquico a ser desenvolvido com a chegada do bebê, que ultrapassa o gênero e o sexo.

Mais que um cuidado materno ou paterno, destacamos a importância do cuidado parental fornecido à criança, e que seja facilitador de seu desenvolvimento inicial, indo além das discussões sobre a questão de gênero (Belo, Guimarães & Fidelis, 2015), e não mais restrita a uma caracterização materna deste cuidado ofertado. Postulamos, com base no material levantado nesta pesquisa e apresentado previamente, que *ambos* os pais podem desenvolver as habilidades necessárias para fornecer ao bebê um ambiente adequado e acolhedor, pois a capacidade de cuidar não se restringe a um gênero ou a um sexo determinado.

Outrossim, diante das novas configurações familiares encontradas na contemporaneidade, abre-se possibilidades múltiplas para o exercício de um cuidado parental adequado, sem que estejam restritos à família tradicional. Dentre eles, podemos destacar casais com filhos adotivos, os casais monoparentais – femininos ou masculinos – os casais recompostos, os casais homossexuais e os avós cuidadores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Os casais participantes desta pesquisa delineiam alguns cenários contemporâneos possíveis na vivência da transição para a paternidade, revelando que os homens podem, cada um à sua maneira, desenvolver a capacidade de cuidar adequadamente de seus filhos, adaptando-se ativamente às suas necessidades.

Em seu texto intitulado “Preocupação materna primária”, Winnicott (1956/2000c) descreve algumas características mais comuns da mãe neste estado psíquico especial, que se inicia na gravidez e perdura por meses após o parto. Este estado implica em certa divisão na mãe: ela se torna capaz, por meio de uma regressão parcial, de identificar-se com o bebê e de saber o que ele precisa; ao mesmo tempo, mantém seu lado adulto, que a torna capacitada a cuidar do bebê e providenciar o que ele necessita.

Interessante destacar que, neste mesmo texto, Winnicott atribui esta capacidade de adaptação ativa da mãe a algumas condições: a empatia ou capacidade de colocar-se na pele do bebê, a experiência de ter sido um bebê e de ter sido cuidada. Esta capacidade adaptativa deveria ser quase total após o parto, diminuindo progressivamente ao longo dos meses subsequentes, conforme o desenvolvimento do bebê. O autor ainda destaca a importância de um ambiente adequado de suporte à mãe, comumente atribuído ao pai, para que ela possa desenvolver a preocupação materna primária.

Os casais participantes desta pesquisa descontrolam a prerrogativa de que o cuidar é especificidade da mulher e da mãe, nos apresentando a homens que conseguem desenvolver esta capacidade de adaptação ativa às necessidades do bebê, mantendo os cuidados necessários a ele, bem como à esposa e a si mesmos. Encontramos pais que conseguem alternar movimentos regressivos onde se identificam com o bebê, com momentos de suporte à mãe, onde ela pode realizar este movimento regressivo junto a ele.

Deste modo, postulamos que o conceito de *preocupação materna primária*, tal como preconizado por Winnicott, já não contempla a realidade das mães e das famílias atuais, precisando ser repensado à luz dos novos arranjos familiares, sociais e econômicos. Baseado nas narrativas do presente trabalho, que demonstram homens e pais em adaptação ativa às necessidades do bebê,

propomos a ampliação desse conceito, chamando-o de *preocupação parental primária*, que significa o estado emocional no qual o *cuidador adulto* se adapta *ativamente* às necessidades do bebê, podendo inclusive alternar entre momentos de intensa identificação com o infante, e momentos nos quais funciona como um suporte para a relação entre o bebê e um outro cuidador.

Creemos que este estado emocional, por não decorrer exclusivamente das mudanças corporais ocorridas no cuidador, pode ser desenvolvido não apenas por homens, mas também por casais adotivos e outros cuidadores, abrindo-se aqui uma linha de pesquisa salutar, que se expande para além da maternidade e paternidade.

Esperamos que o presente trabalho possa servir como reflexão aos estudiosos e interessados na área da parentalidade, desconstruindo posições estereotipadas dentro da psicologia e da área da saúde como um todo, e fornecendo um olhar mais atento aos homens em processo de tornarem-se pais.

## REFERÊNCIAS

---

- Aching, M. (2013). *A mãe suficientemente boa: Imaginário de mães em situação de vulnerabilidade social*. Dissertação de Mestrado, Puc-Campinas, Campinas.
- Aching, M., Biffi, M. & Granato, T. M. M. (2016). Mãe de primeira viagem: narrativas de mulheres em situação de vulnerabilidade social. *Psicologia em Estudo*, 21(2), 235-244.
- Aching, M. & Granato, T. M. M. (2016). A mãe suficientemente boa em situação de vulnerabilidade social. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 15-24.
- Aiello-Fernandes, R., Ambrosio, F. F. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). O Método psicanalítico como abordagem qualitativa: considerações preliminares. *Anais da X Jornada Apoiar*, 306-314.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Ayouch T., Caron R., & Beaune, D. (2009). Les récits transférenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In: D. Beaune (Org.). *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues* (pp. 39-52). Lille: L'Harmattan.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Granato, T. M. M. (2006). *Ser e Fazer na clínica winnicottiana da maternidade*. Aparecida, SP: Ideias e Letras.
- Anderzén-Carlsson, A., Lamy, Z. C. & Eriksson, M. (2014). Parental experiences of providing skin-to-skin care to their newborn infant, part 1: a qualitative systematic review. *Int J. Qualitative Studies on Health & Well-being*, 9, 1-20.
- Andreasson, J., & Johansson, T. (2016). Global narratives of fatherhood. Fathering and masculinity on the Internet. *International Review of Sociology*, 1-15. doi: 10.1080/03906701.2016.1191245
- Andrews, M., Squire, C. & Tamboukou, M. (2013). *Doing narrative research* (2<sup>nd</sup>. Ed.). Los Angeles: SAGE.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara. (Obra original publicada em 1973)
- Asenhed, L., Kilstam, J., Alehagen, S. & Baggens, C. (2014). Becoming a father is an emotional roller coaster – an analysis of first-time fathers' blogs. *Journal of Clinical Nursing*, 23 (9/10), 1309-1317.
- Avena, M. E. & Rabinovich, E. P. (2016). Família, paternidade e parentalidade. In: *Paternidade na sociedade contemporânea* (pp. 65-79). Curitiba: Juruá.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Badinter, E. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barclay, L., & Lupton, D. (1999). The experiences of new fatherhood: a socio-cultural analysis. *Journal of Advanced Nursing*, 29(4)1013-1020.
- Bar-On, I. K. & Scharf, M. (2016). The reconstruction of fatherhood across two generations: from experiences of deficiency, strictness, precocious maturity and distance to indulgence, permissiveness, and intimacy. *Journal of Family Issues*, 37(5), 645-670.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Belo, F. R. R., Guimarães, M. R., & Fidelis, K. A. B. (2015). Pode um pai ser cuidadoso? Crítica à teoria da paternidade em Winnicott. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 20(2), 153-164.
- Bleger, J. (1989). *Psicologia da conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1963)
- Benedek, T. (1959). Parenthood as a Developmental Phase: A Contribution to the Libido Theory. *Journal Of The American Psychoanalytic Association*, July, 7(3), 389-417.
- Benjamin, W. (1992). O narrador: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov. In: W. Benjamin, *Sobre arte, técnica, linguagem e política* (pp. 27-57). Lisboa: Relógio D'Água. (Original publicado em 1936)
- Biffi, M. (2014). *Narrativas de jovens casais sobre o projeto de ter filhos na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado, Puc-Campinas, Campinas.
- Bornholdt, E. A., Wagner, A. & Staudt, A. C. P. (2007). A Vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica (Rio de Janeiro)*, 19(1), 75-92.
- Brasileiro, R. F., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2002). Papéis de gênero, transição para a paternidade e a questão da tradicionalização. *Psico*, 33, 289-309.
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Schaw, C. & Smith, J. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Artmed.
- Bruner, J. (1987). Life as narrative. *Social Research*, 54(1), 691-710.

- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S. & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Campos, R. T. O., & Furtado, J. P. (2008). Narrativas: Utilização na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista de Saúde Pública*, 42(6), 1090-1096.
- Castoldi, L., Gonçalves, T. R. & Lopes, R. C. S. (2014). Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 19(2), 247-259.
- Cerqueira, A. E. G & Belo, F. (2016). Procurando novos significados: Nemo e a figura paterna na contemporaneidade. In: Belo, F. (Org.). *Paternidades: interpretações a partir de Laplanche e Winnicott* (pp. 13-32). Petrópolis: KBR.
- Chin, R., Hall, P. & Daiches, A. (2011). Fathers' experiences of their transition to fatherhood: a metasynthesis. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 29(1), 4-18.
- Chodorow, N. (1994). *Feminites, masculinities, sexualities: Freud and beyond*. Kentucky: University Press.
- Clement, R. (1985). Parentalité et dysparentalité. *Le groupe familial*, 112, Fédération Nationale des Ecoles des Parents et des Educateurs.
- Corneau, G. (1995). Paternidade e masculinidade. In: S. Nolasco (Org.). *A desconstrução do masculino* (pp. 43-52). Rio de Janeiro: Rocco.
- Crespi, I. & Ruspini, E. (2015). Transition to fatherhood: new perspectives in the global context of changing men's identities. *International Review of Sociology*, 25(3), 353-358.
- Deave, T. & Johnson, D. (2008). The transition to fatherhood: what does it mean for fathers? *Journal of Advanced Nursing*, 63(6), 626-633.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2005). *The SAGE handbook of qualitative research* (3<sup>rd</sup>. Ed.). California: SAGE.
- Dester, L. L. (2015). *Narrativas parentais sobre os sentidos do diagnóstico de autismo do filho*. Dissertação de Mestrado, Puc-Campinas, Campinas.
- Dolto, F. (1981). *Como orientar seu filho*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Eerola, P. (2014). Nurturing, breadwinning and upbringing: paternal responsibilities by Finnish men in early fatherhood. *Community, work & Family*, 17(3), 308-324.

- Eerola, J. P. & Huttunen, J. (2011). Metanarrative of the “New Father” and narratives of the Young Finnish first-time fathers. *Fathering*, 9(3), 211-231.
- Eriksson, H., & Salzmänn-Eriksson, M. (2013). Supporting a caring fatherhood in cyberspace – an analysis of communication about caring within an online forum for fathers. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 27, 63-69. doi: 10.1111/j.1471-6712.2012.01001.x
- Emerson, P. & Frosh, S. (2004). *Critical Narrative Analysis in Psychology*. New York: Palgrave.
- Fägerskiöld, A. (2008). A change in life as experienced by first time fathers. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 22, 64-71.
- Faria, F. (2014). O lugar do pai no context da regressão clínica. In: C. Rosa (Org.). *E o pai? Uma abordagem winnicottiana* (pp. 301-318). São Paulo: DWW Editorial.
- Figueiredo, L. C. (2009). A metapsicologia do cuidado. In: L. C. Figueiredo. *As diversas faces do cuidar* (pp. 131-152). São Paulo: Escuta.
- Fleck, A. C., Falcke, D., & Hackner, I. T. (2005). Crescendo menino ou menina: a transmissão dos papéis de gênero na família. In: A. Wagner (Org.) *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 107-121). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Ferry, L. (2007). *O Homem-Deus ou o sentido da vida*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Ferry, L. & Gauchet, M. (2008). *Depois da religião. O que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?* Rio de Janeiro: DIFEL.
- Fenwick, J., Bayes, S. & Johansson, M. (2012). A qualitative investigation into the pregnancy experiences and childbirth expectations of Australian fathers-to-be. *Sexual & Reproductive Healthcare*, 3, 3-9.
- Ferreira, M. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2006). O pai ‘suficientemente bom’: algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 14(2), 136-142.
- Ferro, A. (2005). Which reality in the psychoanalytic session? *Psychoanalytic Quarterly*, 74(2), 421-442.
- Filgueiras, M. R. & Petrini, G. (2010). O pai patriarcal segundo Gilberto Freyre. In: L. V. C. Moreira & G. Petrini (Orgs). *O pai na sociedade contemporânea* (pp. 15-40). Bauru: EDUSC.

- Fischer, J. (2012). What causes baby blues? *Bulletin of the World Health Organization*, 90(2), 139-149.
- Finn, M. & Henwood, K. (2009). Exploring masculinities within men's identificatory imaginings of first-time fatherhood. *British Journal of Social Psychology*, 48, 547-562.
- Fleck, A. C., Falcke, D., & Hackner, I. T. (2005). Crescendo menino ou menina: a transmissão dos papéis de gênero na família. In: A. Wagner (Org.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 107-121). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3ª. Ed.). São Paulo: Artmed. (Obra original publicada em 1995)
- Fontana, A. & Frey, J. H. (2005). The interview: from neutral stance to political involvement. In: N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Orgs). *The SAGE handbook of qualitative research, 3rd Ed* (pp. 695-728). California: SAGE.
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In: S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIIIIV, p. 12-85. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996). A dissolução do Complexo de Édipo. In: S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIX, p. 189-199. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924)
- Freud, S. (1996). A negativa. In: S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIX, p. 261-269. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1925)
- Freud, S. (1996). O futuro de uma ilusão. In: S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 21, pp. 15-66). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 21, pp. 67-150. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1996). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 23, pp. 15-150. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939)
- Frosh, S. (1994). *Sexual difference: masculinity and psychoanalysis*. London: Routledge.

- Gabriel, M. R. & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253-261.
- Gagnebin, J. M. (2006). *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo, Ed. 34.
- Genesoni, L. & Tallandini, M. A. (2009). Men's psychological transition to fatherhood: an analysis of the literature, 1989-2008, *Birth*, 36(4), 305-318.
- Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (2009). Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(2), 195-203.
- Gonçalves, T. R., Guimarães, L. E., Silva, M. R., Lopes, R. C. S. & Piccinini, C. A. (2013). Experiência de paternidade aos três meses do bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 599-608.
- Granato, T. M. M., Corbett, E. & Aiello-Vaisberg, T. M. M. (2011). Narrativa Interativa e psicanálise. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 16(1), 157-163.
- Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Uso terapêutico de narrativas interativas com mães em situação de precariedade social. *Psico*, 42(4), 494-502.
- Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Narrativas Interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivos-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25(1), 17-35.
- Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo sobre a maternidade. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 25-35.
- Grubrich-Simitis, I. (2001). *Freud: primeiros textos e textos da maturidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Guzzo, K. B. (2011). New fathers' experiences with their own fathers and attitudes toward fathering. *Fathering*, 9, 268–290
- Habib, C. & Lancaster, S. (2006). The transition to fatherhood: identity and bonding in early pregnancy. *Fathering*, 4(3), 235-253.
- Habib, C. (2012). The transition to fatherhood: a literature review exploring paternal involvement with identity theory. *Journal of Family Studies*, 18(2/3), 103,120.

- Halle, C., Dowd, T., Fowler, C., Rissel, K., Henessy, K., MacNevin, R. & Nelson, M. A., (2008). Supporting fathers in the transition to fatherhood. *Contemporary Nurse*, 31(1), 57-70.
- Henwood, K. & Procter, J. (2003). The 'good father': Reading men's accounts of paternal involvement during the transition to first-time fatherhood. *British Journal of Social Psychology*, 42(3), 337-355.
- Henn, C. G. & Sifuentes, M. (2012). Paternidade no contexto das necessidades especiais: revisão sistemática de literatura. *Paideia*, 22(51), 131-139.
- Herrmann, F. (2001). *Introdução à teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In: F. Herrmann & T. Lowenkron (Orgs). *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 43-83). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hiles, D. & Cermak, I. (2008). Narrative Psychology. In: C. Willig & W. Stainton-Rogers (Orgs.). *The SAGE handbook of qualitative research in psychology*. (pp. 147-164). California: SAGE.
- Höfner, C., Schadler, C. & Richter, R. (2011). When men become fathers: men's identity at the transition to fatherhood. *Journal of Comparative Family Studies*, 42(5).
- Ives, J. (2014). Men, maternity and moral residue: negotiating the moral demands of the transition to first time fatherhood. *Sociology of Health & Illness*, 36(7), 1003-1019.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2011). *Estatísticas do registro civil*. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro. Retirado de [ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro\\_Civil/2011/comentarios.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro_Civil/2011/comentarios.pdf)
- Iwata, H. (2014). Experiences of Japanese men during the transition to fatherhood. *Journal of Transcultural Nursing*, 25(2), 159-166.
- Jager, M. E. & Dias, A. C. G. (2015). A paternidade na percepção de adolescentes de classes populares. *Psicologia, ciência e profissão*, 35(3), 694-710.
- Jager, M. E. & Bottoli, C. (2011). Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia, Teoria e Prática*, 13(1), 141-153.

- Jurado, T. (2013). *Produções Imaginativas sobre a homoparentalidade por meio de narrativas interativas*. Dissertação de Mestrado, Puc-Campinas, Campinas.
- Keizer, R., Dykstra, P.A., & Poortman, A. R. (2010). Life outcomes of childless men and fathers. *European Sociological Review*, 26(1), 1-15.
- Klein M. (1996) *Amor, culpa e reparação*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1921)
- Kowlessar, O., Fox, J. R. & Wittkowski, A. (2015). First time fathers' experiences of parenting during the first year. *Journal of Reproductive & Infant Psychology*, 33(1), 4-14.
- Kowlessar, O., Fox, J. R. & Wittkoswki, A. (2015). The pregnant male: a metasynthesis of first time fathers' experiences of pregnancy. *Journal of Reproductive & Infant Psychology*, 33(2), 106-112.
- Krob, A. D., Piccinini, C. A. & Silva, M. R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291.
- Lacan, J. (2002). *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Langaro, F. & Pretto, Z. (2015). Experiências de parentalidade como fatores geradores de sofrimento em mulheres. *Fractal*, 27(2), 130-138.
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas II: castração – simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lamb, M. E. (1997). *The role of the father in child development* (3<sup>rd</sup>. Ed.). New York: Wiley.
- LaRossa, R. (2012). The historical study of fatherhood: theoretical and methodological considerations. In: U. Müller & S. Hess (Orgs.). *Fatherhood in Late Modernity* (pp. 37-60). Berlin: Verlag Barbara Budrich.
- Leite, R. R. Q. & Frota, A. M. M. C. (2014). O desejo de ser mãe e a barreira da infertilidade: uma compreensão fenomenológica. *Phenomenological Studies*, 20(2), 151-160.
- Lebovici, S. (1993). On Intergenerational Transmission: From filiation to affiliation. *Infant Mental Health Journal*, 14(4), 260–272.

- Levandowski, D. C. & Picinnini, C. A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 17-28.
- Lira, G. V., Catrib, A. M. F., & Nations, M. K. (2003). A narrativa na pesquisa social em saúde: Perspectiva e método. *Rev. Bras. Prom. Saúde*, 16(1/2), 59-66.
- Martins, C. A. (2013). *A transição no exercício da parentalidade durante o primeiro ano de vida da criança: uma teoria explicativa de enfermagem*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P. & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto e Contexto em Enfermagem*, 17(4), 758-764.
- Menezes, J. E. X. & Leal, F. (2016). Eficácia do símbolo paterno no ordenamento psíquico. In: L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & P. C. S. V. Zucoloto (Orgs.). *Paternidade na sociedade contemporânea* (pp. 35-52). Curitiba: Juruá.
- Mckenzie, S. K. & Carter, K. (2013). Does transition into parenthood lead to changes in mental health? Findings from three waves of a population based panel study. *J Epidemiol Community Health*, 67, 339–345.
- Miller, T. (2011). *Making sense of fatherhood: Gender, caring and work*. Cambridge: University Press.
- Moraes, C. J. A. & Granato, T. M. M. (2014). Narrativas de uma equipe de enfermagem diante da iminência da morte. *Psico*, 45(4), 475-484.
- Moraes, C. J. A., Aching, M. C. & Granato, T. M. M. (no prelo). Transição para a parentalidade e desenvolvimento psicológico: aspectos conceituais. In: *Relações interpessoais no ciclo vital: conceitos e contextos*. São Paulo: Vetor.
- Morais, M. L. L. S., Lucci, T. K. & Otta, E. (2013). Influência da depressão pós-parto no desenvolvimento de bebês. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(1), 7-17.
- Niela-Vilén, H., Axelin, A., Salanterä, S., & Melender, H. L. (2014). Internet-based peer support for parents: a systematic integrative review. *International Journal of Nursing Studies*, 51, 1524-1537. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2014.06.009>
- Nolasco, S. (1995). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.

- Nunes, E. D., Castellano, M. E. P. & Barros, N. F. (2010). A experiência com a doença: da entrevista à narrativa. *Physis (Rio de Janeiro)*, 20 (4), 1341-1356.
- Oliveira, A. C. (2012). *"Bons pais": representações e significações de pais hétero e homossexuais*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação, Universidade de Coimbra.
- Ogden, T. H. (2005). On psychoanalytic writing. In: T. H. Ogden. *This art of psychoanalysis: dreaming undreamt dreams and interrupted cries* (pp. 109-123). London: Routledge.
- Onocko-Campos, R. T., Palombini, A. L., Leal, E., Serpa Junior, O. D., Baccari, I. O. P., Ferrer, A. L., Diaz, A. G., & Xavier, M. A. Z. (2013). Narrativas no estudo das práticas em saúde mental: Contribuições das perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamim e da antropologia médica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(10), 2847-2857.
- Outeiral, J. (1997). Sobre a concepção de pai na obra de D. W. Winnicott. In: I. F. M. Catafesta (Org.). *A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a universidade* (pp. 91-104). São Paulo: Lemos.
- Paiva, V. (2014). *Imaginário coletivo sobre o cuidado religioso na igreja católica*. Dissertação de Mestrado, Puc-Campinas, Campinas.
- Paiva, V. & Granato, T. M. M. (2014). Cuidado religioso e cuidado psicológico: uma questão de fronteiras. *Memorandum (Belo Horizonte)*, 27, 73-99.
- Palkovitz, R. (2002a). *Involved fathering and men's adult development: provisional balance*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Palkovitz, R. (2002b). *Involved Fathering and Child Development: Advancing Our Understanding of Good Fathering*. In: C. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Orgs.). *Handbook of father involvement: multidisciplinary perspectives* (pp. 119-140). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Palkovitz, R. & Palm, G. (2009). Transitions within fathering. *Fathering*, 7(1), 3-22.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. C. S. & Tudge, J. (2012). Envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 303-314.
- Piccinini, C. A., Levandowski, D. C., Gomes, A. G., Lindenmeyer, D. & Lopes, R. S. (2009). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(3), 373-382.

- Pleck, J. H. (2004). Paternal Involvement by U.S. residential fathers. Leaves, sources and consequences. In: M. E. Lamb (Ed.). *The Role of the Father in Child Development* (pp. 222-272). New York: John Wiley.
- Poh, H. L., Koh, S. S. L. & He, H. G. (2014). An integrative review of fathers' experiences during pregnancy and childbirth. *International Nursing Review*, 61(4), 543-554.
- Poh, H. L., Koh, S. S. L., Seow, H. C. L. & He, H. G. (2014). First-time fathers' experiences and needs during pregnancy and childbirth: a descriptive qualitative study. *Midwifery*, 30(6), 779-787.
- Politzer, G. (2004). *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Piracicaba: Unimep. (Original publicado em 1928)
- Premberg, A., Hellström, A. L. & Berg, M. (2008). Experiences of the first year as father. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 22(1), 56-63.
- Pringle, K., Hearn, J., Pease, B. & Ruspini, E. (2011). Introduction: transforming men's practices around the world. In: E. Ruspini, J. Hearn, B. Pease & K. Pringle (Orgs.). *Men and masculinities around the world: transforming men's practices* (pp. 1-16). New York: Palgrave.
- Priore, M. D. & Amantino, M. (2013). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP.
- Rabelo, M. C. M., Alves, P. C. B. & Souza, I. M. A. (1999). *Experiência de doença e narrativa*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Ramires, V. R. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Reeves, C. (2012). In: J. Abram (Ed.). *Donald Winnicott today* (pp. 358-385). New York: Routledge.
- Reissman, C. K. (2008). *Narrative methods for the human science*. California: SAGE.
- Requena-Peligri, T. (2014). Fathers who care: Alternative father figure in Annie E. Proulx's 'the shipping news' and Jonathan Franzen's 'the corrections'. In: A. Carabí & J. Armengol (Orgs.). *Alternative masculinities for a changing world* (pp. 115-128). New York: Palgrave.
- Ribeiro, J. P., Gomes, G. C., Silva, B. T., Cardoso, L. S., Silva, P. A., & Strefling, I. S. S. (2015). Participação do pai na gestação, parto e puerpério: refletindo

- as interfaces da assistência de enfermagem. *Espaço para a saúde*, 16(3), 73-82.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa*, v. I. Campinas: Papirus.
- Rodriguez, B. C., & Gomes, I. C. (2012). Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 29-36.
- Rosich-Medina, A. & Shetty, A. (2007). Paternal experiences of pregnancy and labour. *British Journal Midwifery*, 15(2), 68-74.
- Roy, R. N, Schumm, W. R. & Britt, S. (2014). *Transition to Parenthood*. New York: Springer.
- Roubinov, D. S., Luecken, L. J., Gonzales, N. A. & Crnic, K. A. (2016). Father involvement in mexican-origin families: preliminary development of a culturally informed measure. *Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology*, 22(2), 277-287.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rush, M. (2015). Theorizing fatherhood, welfare and the decline of patriarchy in Japan. *International Review of Sociology*, 25(3),403-414.
- Safra, G. (1998). A vivência do sagrado e a constituição do self. *Temas em Psicologia*, 6(2), 147-151.
- Safra, G. (2004). *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- Safra, G. (2013). Disponibilidade para a realidade psíquica não sensorial: fé, esperança e caritas. *IDE*, 36(56), 91-104.
- Salzmann-Eriksson, M., & Eriksson, H. (2013). Fathers sharing about early parental support in health-care – virtual discussions on an Internet forum. *Health and Social Care*, 21(4), 381-390. doi: 10.1111/hsc.12028
- Sansiriphun, N., Kantaruksa, K., Klunklin, A., Baosuang, C. & Jordan, P. (2010). Thai men becoming a first-time father. *Nursing and Health Sciences*, 12(4), 403-409.
- Sansiriphun, N., Kantaruska, K., Klunklin, A., Baosuang, C. & Liamtrirat, S. (2015). The journey into fatherhood: a grounded theory study. *Nursing & Health Sciences*, 17(4), 460-466.
- Shirani, F. (2015). 'I'm bringing back a dead art': continuity and change in the lives of young fathers. *Families, Relationships and Societies*, 4(2), 253-266.

- Silva, F. C. F. (2010). *O masculino e o padecimento psíquico: uma leitura a partir da escuta na clínica psicanalítica contemporânea*. Dissertação de Mestrado. PUCRG, Porto Alegre.
- Silva, J. M. (2007). *O lugar do pai: uma construção imaginária*. Dissertação de Mestrado, PUC-MG, Belo Horizonte.
- Silva, A. F. A., Bezerra, P. O., & Belo, F. (2016). "Pais e filhos" na construção de uma nova lógica parental. In: F. Belo (Org.). *Paternidades: interpretações a partir de Laplanche e Winnicott* (pp. 51-80). Petrópolis: KBR.
- Silva, M.R. & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.
- Souza, C. L. C. & Benetti, S. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paideia*, 19(42), 97-106.
- Spence, D. P. (2003). Listening for rethorical truth. *Psychoanalytic Quarterly*, 72(4), 875-903.
- Stake, R. E. (2011). *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso.
- Staudt, A. C. P. (2007). *Novos tempos, novos pais? O ser pai na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado, PUCRG, Porto Alegre.
- Staudt, A. C. P. & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185.
- Stern, D. B. (2009). Partners in thought: a clinical process theory of narrative. *Psychoanalytic Quarterly*, 78(3), 701-731.
- Sullivan, O., Billari, F. & Altintas, E. (2014). Fathers' changing contributions to child care and domestic work in very low-fertility countries: The effect of education. *Journal of Family Issues*, 35(8): 1048–1065.
- Tasca, R. C. (2014). *Iniciação escolar: Narrativas de pais sobre a entrada do filho na escola*. Dissertação de Mestrado, Puc-Campinas, Campinas.
- Thomas, J. E., Bonér, A. K. & Hildingsson, I. (2011). Fathering in the first few months. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 25, 499-509.
- Turato, E. R. (2011). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa* (5ª Ed.). Petrópolis: Vozes.

- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A. & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52.
- West, A. F., Lewis, S., Ram, B., Barnes, J., Leach, P., Sylva, K., & Stein, A. (2009). Why do some fathers become primary caregivers for their infants? A qualitative study. *Child: care, health and development*, 35(2), 208-216. doi: 10.1111/j.1365-2214.2008.00926.x
- Widarsson, M., Engström, G., Tyden, T., Lundberg, P., & Hammar, L. M. (2015). 'Paddling upstream': fathers' involvement during pregnancy as described by expectant fathers and mothers. *Journal of Clinical Nursing*, 24, 1059-1068. doi: 10.1111/jocn.12784
- Willig, C. & Stainton-Rogers, W. (2008). Introduction. In: C. Willig & W. Stainton-Rogers (Orgs.). *The Sage Handbook of Qualitative Research in Psychology* (pp. 1-12). Los Angeles: SAGE.
- Winnicott, D. W. (1975) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1982). O bebê como uma organização em marcha. In: D. W. Winnicott. *A criança e seu mundo* (pp. 26-30). Rio de Janeiro: Guanabara. (Original publicado em 1964)
- Winnicott, D. W. (1982b). E o pai? In: D. W. Winnicott. *A criança e seu mundo* (pp. 127-133). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos (Original publicado em 1957)
- Winnicott (1983). A capacidade para estar só. In: *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 31-37). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1958)
- Winnicott, D. W. (1983). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 163-174). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1963).
- Winnicott (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 79-87). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1963)
- Winnicott, D. W. (1993). Pediatria e Psiquiatria. In: D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (pp. 287-311). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1948)

- Winnicott, D. W. (1994). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: D. W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (pp. 79-92). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1987)
- Winnicott, D. W. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In: D. W. Winnicott. *Da pediatria a psicanálise* (pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1945)
- Winnicott, D. W. (2000b). Retraimento e regressão. In: D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (pp. 347-354). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1954)
- Winnicott, D. W. (2000c). Preocupação materna primária. In: D. W. Winnicott. *Da pediatria a psicanálise* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1956)
- Winnicott, D. W. (2002). A mãe dedicada comum. In: D. W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (pp. 1-12). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1966)
- Winnicott, D. W. (2011). A criança no grupo familiar. In: D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 123-144). São Paulo: Martins Fontes.



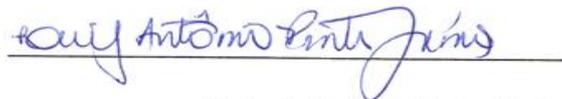
**ANEXO I:****CARTA DE AUTORIZAÇÃO**

Ao Comitê de Ética da PUC-CAMPINAS,

Eu, Dr. **Luiz Antônio Pinto Júnior**, médico ginecologista e obstetra, Conselho Regional de Medicina nº 74.689, responsável pelo consultório sito à Rua Ministro Firmino Whitaker, nº 147 - Centro, na cidade de Mogi-Mirim, S.P., disponibilizo-me a auxiliar o pesquisador e psicólogo **Cleber José Aló de Moraes**, CRP 06/53484-9, Doutorando em Psicologia como Ciência e Profissão pela PUC-Campinas, autor do Projeto de Pesquisa intitulado "Narrativas de casais grávidos sobre a transição para a paternidade na contemporaneidade", realizado sob a supervisão da Profa. Dra. Tânia Mara Marques Granato, docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia nesta mesma Universidade.

Tomei ciência dos objetivos e metodologia desta pesquisa e, considerando relevante o tema a ser investigado, disponho-me a indicar dentre os meus pacientes os casais que estejam passando pela primeira gravidez. Espero que esta pesquisa possa trazer contribuições relevantes aos casais que dela participarem, bem como à comunidade científica.

Mogi-Mirim, 25 de março de 2014.



Dr. Luiz Antônio Pinto Júnior

## ANEXO II:

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este termo representa o consentimento de duas partes envolvidas em um projeto de pesquisa científica, estando de um lado, o psicólogo Cleber José Aló de Moraes, C.R.P 06/53484, Doutorando em Psicologia como Ciência e Profissão pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e do outro, os participantes, adultos e voluntários.

O presente estudo intitulado “Narrativas de casais grávidos sobre a transição para a paternidade na contemporaneidade” busca produzir conhecimento científico sobre o processo de tornar-se pai, no contexto da vida contemporânea.

Para este estudo serão entrevistados casais heterossexuais com idade entre 18 a 35 anos, que esperam o nascimento de seu primeiro filho e que concordem livremente em participar de três entrevistas com o pesquisador:

1. No último trimestre da gravidez
2. No primeiro trimestre de vida do bebê
3. No segundo trimestre de vida do bebê

As entrevistas serão realizadas no local e data que melhor convier aos participantes, seja em sua residência ou no consultório do pesquisador. As entrevistas não terão uma duração predeterminada, ficando os participantes livres para se expressarem livremente.

A participação de cada casal é voluntária, não havendo qualquer perda ou ganho financeiro com a mesma. A qualquer momento da pesquisa, se o casal o desejar, poderá deixar de participar da mesma, sem qualquer ônus ou prejuízo.

A presente pesquisa não se caracteriza como um atendimento clínico e os riscos a que estão expostos os participantes são mínimos, pois utiliza procedimentos não invasivos, a entrevista aberta e a narrativa. Porém, quando se identificar a necessidade de seguimento médico ou psicológico, o participante poderá ser encaminhado a um serviço especializado que o assista em suas necessidades. Caso o participante assim o deseje, poderá optar pela não continuidade de sua participação na pesquisa.

Pretende-se que os resultados desta pesquisa venham a se transformar em informações científicas acessíveis à população através de apresentações em congressos e publicações em revistas científicas.

O pesquisador se compromete, de acordo com a Resolução 466.12 do CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), a manter e preservar o sigilo sobre a identidade dos participantes desta pesquisa.

Este termo de consentimento será impresso em duas vias, ficando uma delas em posse do pesquisador e a outra com o participante.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, localizado a Rodovia D. Pedro I, Km. 136, Parque das Universidades, Campinas-SP. Para quaisquer esclarecimentos éticos, o Comitê poderá ser consultado através do telefone (19) 3343-6777 ou pelo e-mail [comitedeetica@puc-campinas.edu.br](mailto:comitedeetica@puc-campinas.edu.br), sendo seu horário de funcionamento de Segunda à Sexta-feira das 08h00 às 17h00.

Para maiores esclarecimentos com relação à sua participação, favor entrar em contato com o pesquisador através do telefone celular (19) 99753-5922 ou por e-mail: [cleber.jam1@puccampinas.edu.br](mailto:cleber.jam1@puccampinas.edu.br) ou [cmoraes13@hotmail.com](mailto:cmoraes13@hotmail.com).

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG \_\_\_\_\_, afirmo estar ciente dos objetivos e métodos da pesquisa “Narrativas de casais grávidos sobre a transição para a paternidade na contemporaneidade”, e declaro a minha participação voluntária na mesma, autorizando a inclusão do material narrativo por mim produzido na investigação, mediante o respeito às condições de sigilo e privacidade. Declaro, também, estar ciente de que poderei retirar esse consentimento a qualquer momento da pesquisa, sem que isso me traga qualquer ônus ou prejuízo.

Mogi-Mirim, ..... de ..... de 2014.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

**ANEXO III:****Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa****PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Narrativas de casais grávidos sobre a transição para a paternidade na contemporaneidade

**Pesquisador:** Cleber José Aló de Moraes

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 30248214.3.0000.5481

**Instituição Proponente:** Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 703.759

**Data da Relatoria:** 30/06/2014

**Apresentação do Projeto:**

A proposta do projeto é entrevistar 5 casais heterossexuais, com idade entre 18 a 35 anos e que estejam em primeira gravidez. Os casais serão entrevistados em três momentos distintos: no último trimestre da gravidez, no primeiro trimestre e no segundo trimestre de vida do bebê, com o objetivo investigar a transição para a paternidade em termos da experiência emocional do pai nos dias de hoje.

**Objetivo da Pesquisa:**

O estudo tem por objetivo compreender o processo de transição para a paternidade na atualidade, na perspectiva de casais heterossexuais em sua primeira gravidez.

 **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O pesquisador afirma que em função da metodologia empregada, os riscos a que estarão expostos os participantes são mínimos. Afirma também que quando se identificar a necessidade de seguimento médico ou psicológico, o participante poderá ser encaminhado a um serviço especializado que o assista em suas necessidades. Com relação aos benefícios o pesquisador acredita que a pesquisa pode beneficiar diretamente os casais participantes pela oportunidade que terão de expressar e refletir sobre suas expectativas e angústias quanto à função parental, dando o primeiro passo no

Endereço: Rodovia Dom Pedro I, Km 138  
 Bairro: Parque das Universidades CEP: 13.086-900  
 UF: SP Município: CAMPINAS  
 Telefone: (19)3343-8777 Fax: (19)3343-8777 E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 703.759

processo de elaboração de dificuldades que possam estar surgindo nesse momento de parentalidade além de que o resultado da pesquisa possa permitir ações preventivas e Interventivas de auxílio ao novo pai.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O trabalho se propõe a investigar, por meio de entrevistas, a experiência de 5 casais heterossexuais, na situação de primeira gravidez, com o objetivo de compreender o processo de transição para a paternidade. A metodologia se adequa aos objetivos propostos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os Termos de apresentação obrigatória constam de maneira adequada.

**Recomendações:**

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Considera-se o projeto aprovado.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Dessa forma, e considerando a Resolução no. 466/12, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado.

Conforme a Resolução 466/12, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Endereço: Rodovia Dom Pedro I, Km 138  
 Bairro: Parque das Universidades CEP: 13.066-000  
 UF: SP Município: CAMPINAS  
 Telefone: (19)3343-8777 Fax: (19)3343-8777 E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 703.759

CAMPINAS, 30 de Junho de 2014

---

Assinado por:  
David Blanchini  
(Coordenador)

Endereço: Rodovia Dom Pedro I, Km 136  
Bairro: Parque das Universidades CEP: 13.085-000  
UF: SP Município: CAMPINAS  
Telefone: (19)3343-8777 Fax: (19)3343-8777 E-mail: [comitedeetica@puc-campinas.edu.br](mailto:comitedeetica@puc-campinas.edu.br)